

**Alvaro Xavier Duque Filho**

**POLÍTICA INTERNACIONAL NA REVISTA  
DIRETRIZES (1938 – 1942)**

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS – UNESP/ASSIS

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

D946p Duque Filho, Álvaro Xavier  
Política internacional na revista Diretrizes (1938-1942) /  
Álvaro Xavier Duque Filho. Assis, 2007  
130 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Política internacional. 2. Imprensa. 3. Brasil – História  
– Estado Novo, 1937-1945. 4. Periódicos brasileiros. I. Título.

CDD 327  
981.06

Alvaro Xavier Duque Filho

**Política Internacional na Revista *Diretrizes* (1938-1942)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História e sociedade. Linha de Pesquisa: Identidades culturais, etnicidades, migrações.

Orientadora: **Dr<sup>a</sup> Tania Regina de Luca**

ASSIS  
2007

## **Sumário**

Resumo	vii
Abstract	vii
<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1. Samuel Wainer e suas memórias</b>	<b>17</b>
1.1. Minha razão de viver: diretrizes de uma vida	21
1.2. Capítulo de uma vida: a revista Diretrizes	49
<b>Capítulo 2. Diretrizes para política, economia e cultura: a fase Azevedo Amaral</b>	<b>64</b>
2.1. Uma nova revista para um novo Brasil	72
2.2. As outras diretrizes	90
<b>Capítulo 3. A fase Samuel Wainer</b>	<b>99</b>

3.1. União Nacional 108

**Referências Bibliográficas** 114

## RESUMO

Em boa parte do período correspondente ao Estado Novo (1937-1945) a política externa brasileira caracterizou-se pela extrema ambigüidade diante dos inúmeros conflitos que envolveram as principais potências mundiais. A equilibrada correlação de forças dos blocos em disputa, similaridades ideológicas com nazi-fascismo, a tradicional relação de “amizade” com Estados Unidos, bem como uma suposta estratégia de ampliação do poder de negociação do país, foram alguns dos fatores comumente levados em consideração como justificativa para tal postura. Da mesma maneira, diversos trabalhos historiográficos afirmam a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial junto aos Aliados como marco definidor, pois significou a vitória da ala “democrática” do governo e, principalmente, o início de um lento e progressivo desgaste da ditadura. Pretende-se nesta dissertação discutir como este processo foi interpretado por um específico grupo aglutinado em torno da revista *Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, editada no Rio de Janeiro entre os anos de 1938 e 1944. Sob intensa censura e vigilância exercidas sobre os meios de comunicação da época, os intelectuais e jornalistas responsáveis pelo periódico utilizaram-se de referências ao plano internacional de modo a definir seus posicionamentos políticos e externar discordâncias em relação aos ditames do regime estadonovista.

Palavras-chave: Política internacional, imprensa, Estado Novo, periódicos brasileiros.

## ABSTRACT

In great part of the period corresponding to the Estado Novo (1937 – 1945) the Brazilian Foreign Policy was characterized for the extreme ambiguity front innumerable conflicts that involved the main world nations. The balanced correlation of power of the countries in dispute, ideological similarities with Nazi-fascism, the traditional relation of “friendship” with the United States of America as well as a supposed strategy of magnifying the negotiation power of the country were some of the factors commonly taken into consideration as a justification for such position. Likewise, several historiographical writings affirm the participation of Brazil in the World War II along with the Allies as a defining historic moment since it meant the victory of the “democratic” part of the government and, mainly, the beginning of a slow and gradual collapse of the dictatorship. This essay intends to examine how this process was interpreted by a specific group united on account of *Diretrizes – Política, Economia, Cultura* Magazine edited in Rio de Janeiro between the years of 1938 and 1944. Under intense censorship and control carried out by the press from that time, the intellectual people and journalists responsible for the periodical made use of references of the Foreign Plan in order to define their political opinions and express their disagreement regarding the rules of the Estado Novo political system.

**Keywords:** Foreign Policy, press, Estado Novo, brazilian periodicals.

## ***Introdução***

O presente trabalho tem como objetivo central analisar artigos, seções e demais escritos voltados ao debate da conjuntura internacional veiculados pela revista *Diretrizes - Política, Economia, Cultura* entre 1938 e 1942. Diante de rígida censura, jornalistas e intelectuais à testa da publicação definiram a ampla cobertura de assuntos relacionados ao plano externo como alternativa para a expressão de seus posicionamentos políticos de modo a influir diretamente na dinâmica da ditadura estadonovista.

Ao longo de boa parte do período a política externa do regime foi caracterizada pela extrema ambigüidade em relação ao acirramento do clima de hostilidades entre as principais potências do planeta que culminaria na eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Indefinição em meio a contexto de forte investida norte-americana no continente. Diferentemente de outros momentos, a estratégia adotada não se pautava na ameaça de intervenção militar, mas no estabelecimento de amplos acordos comerciais, políticos e culturais que objetivavam atrair os países da região à esfera de influência do EUA.

A chamada *Política de Boa Vizinhança* também esteve relacionada ao crescimento da participação européia em um mercado tradicionalmente ocupado pelos norte-americanos e ao esforço de recuperação interna empreendido pelo presidente Franklin Roosevelt, eleito em 1932 com a promessa de retirar o país da maior crise econômica e social de sua história.<sup>1</sup>

No caso específico do Brasil, a participação européia nas trocas comerciais seguiu uma linha ascendente durante vários anos, atingindo em meados de 1938 a metade de todos os negócios fechados com o exterior. A Alemanha foi o país cujo

---

<sup>1</sup> LINK, Arthur S. *História Moderna dos Estados Unidos*. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.



comércio teve maior incremento, chegando a ocupar na segunda metade dos anos 30 a segunda posição no rol de nossos parceiros comerciais, ultrapassando os ingleses e ameaçando seriamente a posição dos EUA<sup>2</sup>

A intensificação das relações entre ambos os países também incluiu o fechamento de um acordo de fornecimento de material bélico com a empresa alemã Krupp.<sup>3</sup>O declarado combate ao comunismo também foi um importante fator de aproximação entre Estado Novo e o Terceiro Reich, o que incluiu o intercâmbio de pessoal, técnicas e de informações tendo em vista eliminar política e fisicamente militantes comunistas e anarquistas.<sup>4</sup>

Todavia, à medida que as tensões na Europa e Ásia se intensificavam, o esforço liderado pelos EUA para a criação de uma cooperação mais íntima entre os países americanos dificultou sensivelmente a relação da América Latina com os chamados *totalitários*. A margem de manobra de governos como o brasileiro, que buscavam extrair benefícios dos dois lados em disputa, diminuiu significativamente. A realização de Conferências Interamericanas foi fundamental para este processo, assim como a criação de uma agência ligada diretamente ao governo Roosevelt.

O *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCCIA) fundado em agosto de 1940 sob o comando de Nelson Rockefeller realizou uma série de esforços para o incremento da cooperação interamericana. Segundo Antônio Pedro Tota, o citado empresário não dissociava o bom andamento dos negócios de seu país da promoção do

---

<sup>2</sup> GAMBINI, R. *O duplo jogo de Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

<sup>3</sup> CORSI, Francisco Luís. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000. P. 59.

<sup>4</sup> CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência: A Polícia da Era Vargas*. Brasília: EDUNB, 1993. P. 87-92.

modo de vida americano, considerado a via mais segura de evitar a expansão do nazismo, do “nacionalismo antiamericano” e do socialismo em terras do Novo Mundo.<sup>5</sup>

Dentre as atividades da *OCCIA*, destacaram-se as desenvolvidas pelo Departamento de Comunicações, subdividido nas seções de Rádio, Cinema, Informação e Propaganda e, Imprensa e Publicações. Esta última era responsável por uma ampla gama de funções: envio de material fotográfico e de textos para jornais brasileiros; reprodução e distribuição de panfletos, documentos, discurso políticos e projetos editoriais, incluindo a revista *Em Guarda*.<sup>6</sup>

O estímulo à criação de ambiente favorável aos EUA perante a opinião pública brasileira também atingiu o campo intelectual. O convite de universidades e demais instituições culturais norte-americanas a escritores, professores, artistas cresceu sensivelmente ao longo do período.

A análise de um periódico como *Diretrizes* possibilita acompanhar de que maneira uma parcela específica de jornalistas e intelectuais brasileiros interpretou e procurou interferir criticamente neste intrincado processo de alinhamento do Brasil aos propósitos norte-americanos, que culminaria na suspensão das relações diplomáticas com o Eixo e, posteriormente, na declaração de guerra ao nazi-fascismo.

A utilização da imprensa como fonte histórica vem ganhando espaço progressivo nas últimas décadas. Segundo Ana Luiza Martins, o trabalho com esta modalidade de registro documental exige um rigoroso cuidado teórico-metodológico e uma paralela atenção as suas múltiplas dimensões:

---

<sup>5</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia da Letras, 2000. P. 49.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 54-56. Tota afirma que por volta de 1940 o *Office* possuía mais de duzentos funcionários nos EUA, incluindo os brasileiros Orígenes Lessa, Marcelino de Carvalho, Raimundo Magalhães e Carlos Cavalcante.

A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que assistia e, sobretudo da natureza de capitais nele investidos.<sup>7</sup>

*Diretrizes* foi fundada na cidade do Rio de Janeiro em abril de 1938 por iniciativa de Antônio José de Azevedo Amaral e Samuel Wainer e, sob a responsabilidade do último, circulou ininterruptamente até junho de 1944. A revista surgiu com periodicidade mensal, sendo transformada em publicação semanal em dezembro de 1940. No total foram editados 207 números. Ao longo de todo o período se constituiu num empreendimento desvinculado dos grandes conglomerados de comunicação em formação no Brasil, afastando-se da tendência iniciada nas duas primeiras décadas do século XX.<sup>8</sup>

Apesar de recorrentemente citada como um veículo importante de sua época, *Diretrizes* não foi objeto de estudo específico. Referências esparsas sobre a revista são normalmente encontradas em obras gerais sobre história da imprensa e em depoimentos de jornalistas e intelectuais que participaram de sua produção.

Segundo Nelson Werneck Sodré, o periódico manteve certa distância da máquina governamental e, principalmente entre 1938 e 1942, sua gabaritada equipe conseguiu burlar aos aparelhos repressivos reforçados a partir do Golpe de 10 de novembro de 1937:

(...)com esforços curiosos, muita mal cia e alguma ousadia, passando assuntos entre as estreitas malhas do vastíssimo rol dos assuntos proibidos, essa revista teve, realmente, papel de relevo na época(...)<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> MARTINS, Ana Luisa. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2001. P. 21.

<sup>8</sup> BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo:  tica, 1990.

<sup>9</sup> SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 1966. P. 444.

O jornalista Joel Silveira que durante anos atuou junto a *Diretrizes* afirmou que esta possuía “...um conteúdo subliminarmente contrário à ditadura”, tendo atraído ao longo de sua existência boa parte da “intelectualidade antiestado-novista”.<sup>10</sup>

O regime capitaneado por Getúlio Vargas se notabilizou pela extrema truculência na repressão aos veículos de comunicação de oposição. Dentre os que tiveram graves problemas com as autoridades e que sofreram toda ordem de arbitrariedades, destaque aos jornais *A Noite*, *A Manhã* e *O Estado de S. Paulo*. No caso específico do diário da família Mesquita, a situação de confronto com o governo chegou ao clímax com sua desapropriação, ocorrida em março de 1940, voltando às mãos de seus antigos proprietários somente no contexto de redemocratização do país, em dezembro de 1945.<sup>11</sup>

A especial preocupação em restringir a liberdade de imprensa e opinião esteve presente desde a chegada do líder gaúcho ao poder. Em 1931, o Governo Provisório criou o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), incumbido da tarefa de evitar a divulgação de um amplo leque de informações consideradas atentatórias ao bom andamento da ordem e paz social, além de organizar e dirigir o Programa Nacional de Rádio, antecessor da *Hora do Brasil*.<sup>12</sup>

Este órgão foi substituído em 1934 pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, diretamente ligado ao Ministério da Justiça e destinado:

(...) a estudar e orientar todos os meios de comunicação vinculados ao processo de difusão cultural, como cinema, imprensa, rádio (...) com o objetivo de utilizá-los na propaganda governamental.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> SILVEIRA, Joel. *Tempo de contar*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. P. 105.

<sup>11</sup> BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1990. P. 304 - 309.

<sup>12</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: UNESP, 2006. P. 58.

<sup>13</sup> LOPES, Sonia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Litteris, 1999. P. 69.

Em 1938, já em pleno governo discricionário, o DPDC passou a ser denominado Departamento Nacional de Propaganda (DNP); por fim, em dezembro do ano seguinte surgiu o famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Chefiado por Lourival Fontes entre 1939 e 1942, o órgão adquiriu status e verbas de ministério, subordinando-se diretamente à Presidência da República. Além de absorver antigas atribuições do extinto DNP, passou a centralizar a censura ao teatro, cinema e diversões públicas, funções anteriormente exercidas pela Polícia Civil do Distrito Federal e a Comissão de Censura Cinematográfica.<sup>14</sup>

Também coube ao DIP destinar grandes somas em dinheiro para inserções publicitárias, distribuir recursos aos proprietários e editores de jornais, revistas e emissoras de rádio. No caso específico da imprensa, determinava cotas de papel, matéria-prima importada com subvenção do governo e cuja liberação na alfândega acontecia somente com autorização explícita das autoridades ditatoriais.<sup>15</sup>

Ao analisar a documentação produzida pelo DIP e por sua seção paulista, o DEIP, José Inácio de Melo destacou a importância da censura prévia realizada pelo regime ditatorial em relação às notícias referentes ao contexto internacional. Segundo o autor, os vetos a informações de tal ordem se concentraram no período de 1940-1941, deixando evidente a preocupação central do regime em transmitir a todos que a neutralidade do Brasil era incontestável. Entretanto, o autor atesta que esta neutralidade emergia de forma relativa, visto que em diversas oportunidades a simpatia dos censores pelos totalitários ficava evidente.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> LOPES, op. cit., p. 69.

<sup>15</sup> Ibid., p. 84-85.

<sup>16</sup> SOUZA, José Inácio de Melo. *A ação e imaginário de uma ditadura: Controle, Coerção e Propaganda Política nos meios de comunicação durante o Estado Novo*. São Paulo: Dissertação de Mestrado - ECA/USP, 1990. P. 284 e seguintes.

Além da repressão e controle, a instauração do Estado Novo trouxe como uma de suas principais inovações a produção de uma refinada propaganda política em articulação a um projeto político-ideológico.

Como destaca Maria Helena Capelato, a propaganda sempre foi utilizada como estratégia de manutenção de poder nos mais diversos regimes. Entretanto, nos casos específicos de governos fortemente influenciados pela experiência nazi-fascista, a importância e a natureza de tal atividade ganharam contornos distintos.<sup>17</sup>

Ainda que não se caracterize a ditadura varguista como totalitária, são inegáveis certas similaridades em relação a experiências como a alemã e a italiana nesta área:

O poder político, nesses casos, conjuga o monopólio da força física e da força simbólica. Tenta suprimir dos imaginários sociais, toda representação do passado, presente e futuro coletivos que seja distinta daquela que atesta a sua legitimidade e cauciona seu controle sobre o conjunto da vida coletiva.<sup>18</sup>

A crescente interferência governamental também se fez sentir no campo cultural mais amplo. Como destaca Sergio Miceli, ao longo dos anos 30 o aparato estatal aumentou sensivelmente suas atribuições nas mais diversas áreas, absorvendo boa parte da demanda criada pelo crescimento generalizado de instituições de ensino superior. Desta maneira, ao promover o acesso de grandes contingentes da elite intelectual a postos de trabalho no serviço público, o Estado acabou ocupando uma posição importante como instância de prestígio e promotor de dividendos materiais e simbólicos no meio intelectual.

Os dirigentes estadonovistas teriam contribuído de forma decisiva na redefinição do significado da “cultura política” nacional, caracterizando-a como “... a visão política

---

<sup>17</sup> CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda política e os controles dos meios de comunicação*. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. P. 169.

<sup>18</sup> Ibid.

que procura na cultura o cerne da nacionalidade, que faz da realização e do incentivo a bens culturais uma atividade precípua do Estado”.<sup>19</sup>

Além do já referido DIP, o Ministério de Educação e Saúde, dirigido por Gustavo Capanema entre 1934 e 1945, exerceu papel decisivo na teia de relações existentes entre regime e intelectuais, construindo a imagem de um “... espaço distinto do restante do aparelho de Estado, este sim muito mais identificado com a opressão física e simbólica de um regime autoritário”.<sup>20</sup>

Normalmente a simples referência aos nomes de escritores e jornalistas como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Astrogildo Pereira, Carlos Lacerda, e muitos outros ativamente envolvidos na produção da revista *Diretrizes*, é utilizada como comprovação de seu caráter incontestavelmente de esquerda e antiestadonovista.

Em sua maioria absoluta tal assertiva insistentemente repetida em trabalhos acadêmicos teve por base as declarações de Samuel Wainer presentes na obra *Minha Razão de Viver*. Sendo assim, o primeiro capítulo pretende dimensionar a importância da autobiografia do jornalista, principal fonte de informações sobre *Diretrizes* e suporte utilizado para a construção de uma determinada imagem e significado da revista para a “história” do jornalismo nacional.

De acordo com Jean-François Sirinelli, ambientes como a redação de uma revista são importantes espaços de sociabilidade, lugar em que indivíduos compartilham

---

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Vargas, os Intelectuais e as Raízes da Ordem*. In: D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). *As Instituições Brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1999. P. 95.

<sup>20</sup> GOMES, Angela de Castro. *O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual*. In: GOMES, Angela de Castro. *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. P. 14. Por meio das correspondências enviadas e recebidas pelo ministro, a autora procurou identificar as linhas da relação desta figura importante do regime com os intelectuais, evidenciando a contínua troca de favores, a forte presença de Alceu Amoroso Lima e da religiosidade, sendo muito rara a presença de assuntos estritamente políticos.

aspirações e interesses e, portanto, espaço de aglutinação e separação no interior do campo intelectual<sup>21</sup>

Reunidos em torno de uma publicação, os intelectuais discutem os problemas de sua época, assumindo determinados posicionamentos que, se por um lado, pode abrir perspectivas políticas, por outro, principalmente em contextos ditatoriais como o do Estado Novo, constitui-se em fonte de inúmeros problemas com o poder político instituído.

Quanto ao segundo capítulo tratará especificamente da fase em que o Azevedo Amaral esteve a frente da publicação, condicionando decisivamente os posicionamentos assumidos em *Diretrizes*. Sendo o terceiro capítulo focado no período em que Samuel Wainer liderou uma ampla reformulação no periódico. Em ambos os momentos se privilegiará a análise do conteúdo dedicado ao contexto internacional, revelando sua vinculação aos desafios e propostas políticas dos responsáveis pela publicação.

---

<sup>21</sup> SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: REMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 248-249.



## ***1.- Samuel Wainer e suas memórias***

Dentre as inúmeras referências a *Diretrizes* destacam-se as presentes na autobiografia de Samuel Wainer, jornalista envolvido no projeto de lançamento da publicação e, posteriormente, grande responsável pela definição de sua linha editorial. *Minha Razão de Viver: memórias de um repórter* constitui-se na mais extensa e pormenorizada fonte de informações acerca da dinâmica de produção, circulação, assim como dos supostos objetivos e desafios materializados nas páginas do periódico.<sup>22</sup>

Neste capítulo procuraremos demonstrar como tal conteúdo se ajusta a uma lógica mais ampla, inerente ao discurso auto-referencial de Wainer. Ao fazer um balanço dos momentos marcantes de sua existência, definindo uma particular auto-imagem, o jornalista considerou a publicação como experiência definidora de seu perfil profissional e formação política, tratando-a como um protótipo daquilo que décadas depois se mostraria como sua verdadeira *razão de viver*: a cadeia de jornais *Última Hora (UH)*.

Afim de não se incorrer numa leitura por demais redutora do documento, refém de uma ilusão inerente ao relato autobiográfico, considera-se necessário voltar, primeiramente, o olhar ao momento, ou melhor, aos vários momentos de produção de *Minha Razão de Viver*.<sup>23</sup>

Conforme declarou a artista plástica Pinky Wainer, a obra nada mais seria do que a reprodução da série de entrevistas concedidas por seu pai a Sérgio de Souza e Marta Góes, ocorridas entre os meses de janeiro e agosto de 1980. Beirando a casa dos setenta anos, Samuel Wainer visaria a facilitar a posterior publicação de sua “*incrível história*”:

---

<sup>22</sup> WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: Memórias de um repórter*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

<sup>23</sup> GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escritas da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. P. 18-19. Segundo a autora, as escritas de si comportam uma direta relação com o tempo, “...e nessa perspectiva... a análise do suporte material do texto é essencial e se articula com o conteúdo do que vai ser registrado.”

Samuel pretendia ele próprio escrever suas memórias, e certamente deixou para mais tarde a decisão de publicá-las na íntegra ou suprimir trechos que, por alguma razão, julgasse inconvenientes. A morte poupou-o dessa decisão (...)<sup>24</sup>

Intenção do jornalista que foi confirmada pelo escritor Jorge Amado, antigo integrante de *Diretrizes* e autor do prefácio da obra:

Samuel me falou deste livro na última vez em que estivemos juntos, nos começos de 1980, na Livraria Siciliano... em São Paulo (...) ficamos os dois, a sós, matando saudades numa conversa comprida e derramada de lembranças, entremeadas de risos e lágrimas. Sobretudo de lágrimas (...) talvez tivéssemos o pressentimento de ser aquela a última vez em que nos víamos. Um dia... havíamos querido mudar a face do mundo, transformar o Brasil, juntos com alguns amigos, partimos para a guerra (...) demo-nos conta de que, em realidade, nesta guerra santa e louca passáramos nossa vida, obstinado, irredutíveis.

Foi então que Samuel me contou e me programou:

- Sabes? Estou escrevendo minhas memórias, escrevendo é uma maneira de falar, estou ditando... depois é só botar no papel. E tu vais escrever o prefácio (...)<sup>25</sup>

Passados alguns anos do falecimento de Wainer, ocorrido em setembro de 1980, coube a sua família levar o projeto adiante. Para tanto, o conteúdo gravado em 53 fitas foi confiado a Augusto Nunes, a quem foi reservada a tarefa de organização e edição do material. Não obstante esta intervenção, afirmou-se que o relato publicado permanecia “incólume” e, acima de tudo, com sua original e maior característica: a “completa ausência de censura”.<sup>26</sup>

Lançada em 1987, ou seja, no final do processo de redemocratização do país, *Minha Razão de Viver* tornou-se inegável sucesso de público, dezenas de vezes

---

<sup>24</sup> WAINER, op. cit., p. 11.

<sup>25</sup> Id., p. 7-8. Ao que tudo indica a idéia de registrar suas memórias começara a tomar forma por volta do ano de 1978. Momento em que Wainer concedeu declarações a Hélio Silva, que foram publicadas em *1954: um tiro no coração*, volume que integrou a série de estudos denominada “O Círculo de Vargas”. Silva reservou especial destaque as informações oferecidas pelo jornalista, centradas principalmente no esclarecimento dos bastidores de sua relação de amizade e comprometimento político com o líder gaúcho. Ver: SILVA, Hélio. *1954: um tiro no coração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P. 183-215.

<sup>26</sup> WAINER, op. cit., p. 11-12. Augusto Nunes ocupava a época o prestigiado cargo de redator-chefe de *Veja*, revista semanal de grande circulação nacional.

reimpressa pela editora Record. Além de trazer a chancela de uma conceituada casa e o relato de vida de um reconhecido homem de imprensa, a ótima recepção do público pode ser explicada pela projeção de seu autor e principal personagem, um dos mais destacados membros do cenário jornalístico nacional ao longo de boa parte do século XX.<sup>27</sup>

O outrora poderoso proprietário da empresa *UH* deixara um balanço de sua vida, marcada por inúmeras lutas e desafios, que lhe teria oferecido a oportunidade de travar contato com acontecimentos e personalidades históricas da política, do mundo intelectual e artístico. Em seu derradeiro relato, não se furtou a esmiuçar o contato íntimo com importantes estadistas (Getúlio Vargas, João Goulart e Juscelino Kubitschek) e as, no mínimo, nebulosas ligações entre o mundo da imprensa, poder político e grupos empresariais.

Em 2005, ou seja, vinte cinco anos após a morte de Samuel Wainer, *Minha Razão de Viver* ganhou nova roupagem. Além da mudança de editora, passou a ser publicada pela Planeta do Brasil, foram incorporados dados até então sonegados.<sup>28</sup>

De modo diverso do assegurado em todas as versões anteriores, admitiu-se que no trabalho de organização e edição do conjunto das declarações de Wainer houve deliberada seleção de informações. Segundo Augusto Nunes:

Embora não alterassem a essência da história, nem afetassem a relevância do conteúdo, tais lacunas sempre incomodaram os guardiões do segredo: faltava alguma coisa, afligiam-se a cada edição. Como o tempo acaba de revogar o embargo compreensivelmente imposto por Samuel, agora não falta nada.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Enquanto os direitos de publicação pertenceram ao Grupo Editorial Record, 1987 a 2004, *Minha Razão de Viver* foi objeto de dezenove edições sucessivas.

<sup>28</sup> WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

<sup>29</sup> NUNES, Augusto. *Introdução*. In: WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005. P. 5. É interessante salientar que esta *Introdução* foi inclusa somente nesta nova edição de 2005.

Em entrevista concedida por ocasião do relançamento de *Minha Razão de Viver*, o organizador afirmou que a triagem fora uma exigência explícita do jornalista, então cioso em preservar todos aqueles que mentiram anos a fio com o intuito de preservar seu nome, a integridade de seus jornais e, em diversas oportunidades, sua própria liberdade.<sup>30</sup>

Ainda de acordo com o editor da autobiografia, duas omissões mereceriam destaque. A primeira referiu-se aos nomes dos principais envolvidos no esquema ilegal de obtenção de recursos ao longo do governo João Goulart, cujo grande objetivo era financiar um projeto de reação ao movimento cívico-militar que culminou no golpe de estado de 1964.

Quanto à segunda, colocava fim a uma suspeita cultivada por decênios: Samuel Wainer realmente não era brasileiro, mas bessarabiano: uma fotografia seria a prova incontestável de sua verdadeira nacionalidade. Dada sua origem nunca poderia ter se tornado proprietário da *UH*, visto a determinação constitucional que vedava a propriedade de quaisquer meios de comunicação a estrangeiros.<sup>31</sup>

Assim como Augusto Nunes, diversos órgãos de comunicações que reservaram espaço para comentários sobre a nova edição também afirmaram que as revelações apenas reforçaram o significado impar do testemunho. As memórias de Wainer seriam verdadeiras “aulas de reportagem” e, principalmente, estariam marcadas por uma sinceridade incomum no gênero autobiográfico:

(...) *Minha Razão de Viver* é uma leitura compulsória para qualquer jornalista.(...) Mas classificar a biografia como ‘livro para jornalistas’ é reducionismo equivocado. (...) é obrigatório para interessados em História do Brasil (...) é uma bula para entender as raízes das chagas do

---

<sup>30</sup> CARDOSO, Tom. O homem que sabia demais. *Valor Econômico*, São Paulo, jul.2005. Disponível em: <<http://www.opiniaoenoticia.com.br/interna.php?mat=234>>. Acesso em: 06 jun. 2006.

<sup>31</sup> MAUTONE, Silvana. História que se repete. *Forbesonline*, São Paulo, n. 116, ago. 2005. Disponível em: <[www.forbesonline.com.br/Edições/116/artigo9844-1.asp?o=s](http://www.forbesonline.com.br/Edições/116/artigo9844-1.asp?o=s)>. Acesso em: 03 jun. 2006.

presente e as moléstias que atormentaram a política nacional há décadas.<sup>32</sup>

O número de edições atingido ao longo dos anos, bem como a constante presença em bibliografias dos cursos de jornalismo, indica que o trecho acima, muito mais do que mero convite à leitura, ratifica o fato de *Minha Razão de Viver* ter se transformado em referência obrigatória. Repercussão que também se fez sentir entre os historiadores e demais estudiosos da área.

Ao analisar posicionamentos assumidos no diário *UH* carioca ao longo do governo JK, Jefferson J. Queler afirma que os estudos dedicados ao jornal basearam-se fortemente nas declarações de Samuel Wainer, sobretudo as presentes em suas memórias.<sup>33</sup>

Para o pesquisador, a aceitação unilateral da versão elaborada pelo ex-proprietário do jornal traria consigo o evidente problema do anacronismo, pois se desconsidera possíveis motivações e intencionalidades implícitas à produção do relato do jornalista e sua relação com o ambiente social em que foi produzido.

Apesar da ausência de trabalhos específicos sobre a revista *Diretrizes*, nota-se que a autobiografia também foi determinante para a definição de seus supostos significados para a história da imprensa brasileira. De maneira geral, as obras que fazem referência ao periódico têm em comum a característica de trazer a reprodução literal de informações e reafirmar conclusões de Samuel, sem qualquer preocupação de ordem

---

<sup>32</sup> UMA razão para ler. *Época*, Rio de Janeiro, n. 396, dez. 2005. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/>>. Acesso em: 30 mar. 2006.

<sup>33</sup> QUELER, Jefferson J. *Democracia e Desenvolvimento: Os posicionamentos políticos do jornal A Última Hora no governo Juscelino Kubitschek (1957-1960)*. Dissertação de Mestrado - UNICAMP, Campinas, 2004. P. 30.

teórico-metodológica, necessária quando se utiliza esta modalidade de registro como fonte documental.<sup>34</sup>

### ***1.1- Minha razão de viver: diretrizes de uma vida***

Conforme explicitado acima, o discurso memorialístico sofreu uma série de intervenções desde o momento inicial de sua produção. Ao longo dos anos, diversas pessoas ligadas por laços de parentesco e/ou simples admiração profissional influíram de maneira decisiva no processo de confecção da obra.

Mesmo sendo impossível precisar os limites impostos à organização e edição das entrevistas concedidas, isto é, à seleção do conteúdo presente nas declarações originais do jornalista, pode-se definir *Minha Razão de Viver* como um discurso autobiográfico. Desta maneira, integra-se a uma modalidade específica de narrativa que se convencionou chamar de *escrita de si* ou *produção de si*:

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e dos diários –, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções (...)<sup>35</sup>

Angela de Castro Gomes ressalta que, a partir do século XVIII, impõe-se no Ocidente uma lógica que valoriza progressivamente o poder da escrita, de maneira a imputar a todos o imperativo de inscrever-se, seja por meio de registros civis, médicos,

---

<sup>34</sup> Alguns dos exemplos paradigmáticos da incorporação/reprodução desatenta de informações sobre a revista *Diretrizes* contidas em *Minha Razão de Viver*, consultar: LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda X Wainer: O Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo: SENAC, 1998. 2ª ed.; MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.; DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 1992.

<sup>35</sup> GOMES, op. cit., p.11.

escolares, bancários, etc. Philippe Artières afirma que a própria existência social do indivíduo moderno está pautada pela produção de uma variada plêiade de papéis.<sup>36</sup>

Esta obrigatoriedade de arquivamento não resultaria apenas da imposição de instituições estatais ou de mercado. O registro das mais diversas ações realizadas ao longo da vida surgiria como índice que possibilita rememorar, tirar lições, indicar caminhos, ou seja, pautar o presente e construir o futuro.

Ainda segundo Gomes, a emergência de práticas de arquivamento vinculou-se às modificações mais amplas ocorridas no mundo social, no qual o imperativo da tradição gradualmente perdeu terreno para a esfera individual. Assistiu-se ao aparecimento de um indivíduo que se encara como detentor de uma identidade singular em relação ao todo que o circunda, depositário de uma marca própria e singular.

Ao se considerar possuidor de uma individualidade que o separa do restante do corpo social, o *homem moderno* dedica-se a uma série de práticas de registro de vida de modo a materializar sua especial significação de mundo, diretamente ligada a sua experiência pessoal ou de grupo. Sua história/memória torna-se digna de ser imortalizada tanto para si como para os outros.<sup>37</sup> Construção identitária que comporta uma tensão intrínseca:

(...) os tempos modernos são de consagração do lugar do indivíduo na sociedade, quer como uma unidade coerente que postula identidade para si, quer como uma multiplicidade que se fragmenta socialmente, exprimindo identidades parciais e nem sempre harmônicas.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 21, p. 5, 1998.

<sup>37</sup> GOMES. op. cit., p. 11.

<sup>38</sup> Ibid., p. 12.

Esta mesma *escrita de si* atua como espaço em que este “eu” elabora uma identidade que quer ser una e estável através do tempo, necessidade que se vincula, contraditoriamente, à própria sensação de fragmentação típica do homem moderno.<sup>39</sup>

Para Pierre Bourdieu, tal noção seria partilhada tanto pelo senso comum como por certos meios “científicos”, graças à presença de normas de *totalização e unificação do eu* nos mais variados campos das práticas sociais. Verdadeiras instituições sociais que condicionariam decisivamente a maneira particular do ser encarar sua experiência individual e a dos outros.<sup>40</sup>

O homem moderno seria levado a transferir para os relatos autobiográficos uma concepção que entende a vida como um todo unitário e coerente, possuidora de um caminho e projeto bem definidos, sucessão de acontecimentos cronológica e causalmente acertados. Ou seja, certas normas de totalização social como que se transfeririam para as diversas modalidades de escrita de si, resultando na criação de uma *história de vida*:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, *de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva (grifo nosso)*, uma consistência e uma constância estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa, eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.<sup>41</sup>

O autor categoriza este efeito artificial como ilusão: *a ilusão biográfica*. Contrapõe a esta a noção que compreende a existência de forma fragmentada, que leva em consideração a imprevisibilidade e descontinuidade na percepção da realidade. E, nessa perspectiva, desafia o pesquisador a adotar estratégias que se atenham aos estados sucessivos do campo em que se movimentam os agentes, via que possibilitaria a

---

<sup>39</sup> Ibid., p. 13.

<sup>40</sup> BORDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. P. 186 e seguintes.

<sup>41</sup> BORDIEU, op. cit., p. 184.



percepção de outros atores envolvidos na produção do discurso e a pluralidade que envolve a existência de cada um.<sup>42</sup>

Tais ponderações são importantes para que se compreenda a lógica interna do discurso atribuído a Samuel Wainer pois, ao se comparar as diferentes edições publicadas, nota-se que em nenhum momento esta ordenação foi modificada. Exceção feita a disposição da série de fotografias e demais imagens presentes no livro, a trajetória imposta ao material pelo organizador nunca foi posta em causa.

De maneira geral, o relato construído em *Minha Razão de Viver* não segue uma linha cronológica. Tem início em 6 de outubro de 1950, três dias após a realização do pleito eleitoral que reconduziria Getúlio Vargas ao Palácio do Catete, e se encerra em 21 de abril de 1972, no exato o momento em que Wainer selou a venda de sua maior realização pessoal e profissional: a rede de comunicação *UH*. Vargas e *UH*: esses os dois índices que conduzem toda a narrativa da obra e condicionam, de maneira fundamental, o encadeamento do discurso e fazem emergir uma particular *auto-imagem* de Samuel Wainer. A experiência de *Diretrizes*, por sua vez, foi subordinada a esses acontecimentos fundadores.

**– Construção de uma auto-imagem: Samuel Wainer, Getúlio Vargas e o povo brasileiro.**

Wainer iniciou o relato de sua “incrível história” no clima das eleições presidenciais de 1950. Encontrava-se no Rio Grande do Sul, em uma fazenda onde se

---

<sup>42</sup> Ibid., p. 185.

reuniam os aliados mais próximos do novo presidente. O então funcionário dos *Diários Associados* escrevia uma matéria a pedido de Alzira Vargas e João Neves da Fontoura.<sup>43</sup>

Os principais conselheiros do novo presidente estavam alarmados com boatos sobre a existência de “manobras golpistas” na capital federal, o que exigia ação de Getúlio Vargas para amainar os ânimos por meio de informações que esclarecessem as linhas mestras de seu governo.

Para difundir tão importante declaração nada mais natural do que escolher Samuel Wainer. A confiança depositada no jornalista é combinada pela reprodução de uma hipotética fala do ex-ditador: “-Bem, tu (Wainer) *conheces o meu pensamento... Redija a entrevista, com perguntas e respostas.*”<sup>44</sup>

O entrosamento entre o político e o jornalista é atestado via descrição do clima amistoso e íntimo que se estabeleceu entre ambos, patente na revisão da citada entrevista:

Enquanto eu lia, Getúlio andava de um lado para o outro, soltando baforadas de charuto e sorvendo goles de uísque. Terminada a leitura, serviu-me pessoalmente uma xícara de café que o mordomo colocara sobre a mesa. Então o presidente eleito falou:  
-Profeta, gostei muito da entrevista. E gostei por duas razões. A primeira, porque tu incluíste nela tudo o que eu disse. A segunda, porque incluíste nela tudo o que eu não disse.<sup>45</sup>

De acordo com Wainer, a alcunha *Profeta* não era uma referência direta à origem de seu nome, mas se relacionava à sua atuação nas eleições, visto ter sido o primeiro repórter a anunciar a vitória de Getúlio nos jornais.

---

<sup>43</sup> No final dos anos 1940 a empresa *Diários Associados* despontava como o maior conglomerado de comunicações da América Latina. Seu proprietário era Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Nos anos de 1950, os *Diários Associados* eram a maior cadeia de comunicação da América Latina. Em 1952, compreendiam vinte e oito jornais, uma agência de notícia, três revistas, dezenove emissoras de rádio, e duas estações de televisão. O matutino, *O Jornal*, e o vespertino, *Diário da Noite*, ambos do Rio de Janeiro, foram os órgãos líderes do grupo, que também possuía a revista de maior tiragem do país, *O Cruzeiro*.

<sup>44</sup> WAINER, 2005. P.20

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 21.

Mesmo passados trinta anos entre o encontro e o seu depoimento, Wainer declarou que, ao ouvir as palavras do mandatário da nação, sua mente fora invadida imediatamente por lembranças:

(...) irromperia do fundo da memória a visão da várzea do Bom Retiro. Lembrei de que cumprira uma longa e fascinante trajetória até que me visse... perto da cama de Vargas, numa descansada conversa noturna. Éramos amigos, unidos por laços do destino (...).<sup>46</sup>

Categoria explicativa inúmeras vezes retomada no texto, o *destino* é considerado pelo autor como poderosa força condutora dos eventos ocorridos na sua vida. Uma força maior que o colocara frente a frente com o líder político gaúcho em 1949.

Funcionário dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, Wainer fora incumbido pelo patrão de produzir uma série de reportagens sobre o plantio de soja no Rio Grande do Sul. Ao sobrevoar a região de São Borja a bordo de um Cessna, soube que Vargas retomava articulações para retornar à vida pública, pondo fim ao período de “ostracismo voluntário”.

O antigo chefe do Estado Novo isolou-se completamente da imprensa por aproximadamente dois anos, evitando qualquer contato com repórteres. Num ato voluntário e intempestivo, Wainer decidiu obter algumas declarações do político. Para sua surpresa, Vargas o recebeu alegremente:

*Pressenti, (grifo nosso)* naquele instante que, chegara na hora certa ao local certo e ao homem certo: Getúlio Vargas estava precisando falar. Quase noventa minutos depois, eu tinha nas mãos uma entrevista que mudaria a história do país.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Ibid., p. 22.

<sup>47</sup> WAINER, 2005, p. 25.

Como se vê, o autor considera o passo decisivo que mudou os rumos de sua vida produto de uma combinação que mesclava acaso/destino e, principalmente, seu “faro”/pressentimento jornalístico.<sup>48</sup>

Wainer afinal conseguiu a declaração que, segundo suas palavras, “...cairia como uma bomba sobre o mundo político brasileiro” e que nos dias seguintes seria estampada em manchetes de jornais em todos os recantos do Brasil: “ *Eu voltarei. Mas não como líder de partidos, mas como líder de massas.* ”<sup>49</sup>

Ainda de acordo com Wainer, apesar de imperar um clima de animosidade entre Assis Chateaubriand e Getúlio Vargas, ao proprietário dos *Associados* interessava difundir com grande estardalhaço as declarações do político. Erroneamente avaliou que o pânico gerado em determinados setores sociais e militares levaria ao cancelamento das eleições presidenciais de 1950 e o conseqüente fortalecimento do general Canrobert Pereira da Costa, seu candidato preferido. Por outro lado, o teor da entrevista tinha grande apelo comercial, o que aumentaria de forma considerável as tiragens de jornais e revistas sob seu controle. Wainer assim descreveu o dia da publicação da matéria:

*O Jornal vendia em média 9.000 exemplares. Vendeu, naquela quinta-feira, 180.000. Chateaubriand imediatamente mandou que a entrevista fosse publicada pelo *Diário da Noite*, que também viu esgotar-se uma edição de 180.000 exemplares. Durante um mês inteiro, o país não falava de outro assunto.*<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> Ibid., p. 6. Na introdução do livro, Augusto Nunes faz referência a esta característica do jornalista: “Graças a uma espécie de mediunidade que contempla repórteres uterinos, estava sempre no lugar certo na hora exata.

<sup>49</sup> Ibid., p. 26. Hélio Silva cita a existência de algumas versões sobre esta “histórica entrevista” que destoam da defendida por Wainer. De acordo com o autor: “A versão mais corrente é a de que Assis Chateaubriand... despachara Wainer para o sul com ordens terminantes de obter uma entrevista de Getúlio (...) outra versão, essa atribuída ao general Góes Monteiro... era de que Wainer fora enviado por Chateaubriand para infiltrar-se na intimidade de Getúlio e transformar-se em espião dos *Associados*.” Silva fica com a versão de Samuel Wainer. Cf. SILVA, Hélio. *1954: um tiro no coração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P.185.

<sup>50</sup> WAINER, 2005, p. 31.

A repercussão de seu trabalho nos círculos políticos e da imprensa revelou a Wainer um imenso filão jornalístico a ser explorado. A possibilidade de uma segunda entrevista foi-lhe aberta quando recebeu convite para as comemorações do aniversário de Vargas, evento particular transformado em lançamento extra-oficial da candidatura.

A partir deste momento a rememoração assume contornos épicos. Descrevem-se os festejos em homenagem ao ex-ditador, centenas e mais centenas de pessoas humildes rodearam Getúlio Vargas, “...era o povo marchando ao encontro de seu líder.”<sup>51</sup>

Ao detalhar a narração do grandioso espetáculo propiciado pelas massas, Wainer pretendeu oferecer uma explicação plausível e pretensamente racional para o início da transformação de sua percepção em relação ao político. Não era mais o ditador do Estado Novo que antes combatera:

No meu primeiro encontro com Getúlio, em São Borja eu agira com relativa frieza. Ali estava, claro, um grande entrevistado – mas nada mais que isso. No segundo encontro, minhas relações com Getúlio começaram a mudar. Passei interessar-me também pelo homem Getúlio Vargas, e ele igualmente passou a encarar-me como ser humano. *Entendi que havia profunda afinidade entre nossas idéias (grifo meu)*. Enfim, eu começara a deixar de ser apenas um entrevistador de Getúlio para transformar-me, também, *um amigo do homem (grifo meu)* que poucos meses depois estaria de volta à Presidência da República (...) Essa situação... me transformava num espectador privilegiadíssimo da História (...)<sup>52</sup>

A campanha presidencial iniciada no segundo semestre de 1949 foi vista pelo autor como fundamental para a consolidação desta aproximação política e afetiva entre ambos. Segundo o jornalista, a maioria absoluta dos meios de comunicação colocou-se claramente contra Vargas. O proprietário dos *Associados* não fugiu a regra. Todavia, atento aos interesses comerciais de sua empresa, não poderia subtrair informações de um

---

<sup>51</sup> Ibid., p. 33.

<sup>52</sup> Ibid., p. 35.

público ávido por noticiais. Para tanto, incumbiu Wainer de acompanhar todo o percurso do candidato trabalhista.

Segundo o autor de *Minha Razão de Viver*, esta tarefa foi mais um passo rumo à sua união com Vargas. Aliança esta que em nenhum momento excluiria interesses de ordem estratégica de ambos os lados. O jornalista afirma que a aliança trouxe-lhe como dividendo imediato a elevação de seu status profissional: atingiu o auge da carreira jornalística. Em contrapartida, o candidato tinha à sua disposição uma importante vitrine: os *Diários Associados*.

Junto à comitiva, presente em cada comício realizado, Wainer teve a chance de acompanhar o impressionante clamor popular criado em torno de Getúlio Vargas. A narrativa procurou fixar a impressão da extrema simbiose entre as massas, sinônimo de povo pobre e humilde, e seu genuíno líder. As manifestações espontâneas das multidões seriam encaradas como prova irrefutável de que o resultado das eleições estava sacramentado desde o início. Vaticínio que Wainer faria questão de afirmar em todas as reportagens enviadas à redação central dos *Associados*:

As multidões não portavam cartazes, não bradavam palavras de ordem, não exibiam consciência política. Eram apenas getulistas (...) não pediam terra, não pediam pão. Pediam Getúlio, e nisso resumiam todas as suas aspirações. Era um uivo, e pelo resto de minha vida eu me lembraria daquele som que vinha do fundo da alma do povo.<sup>53</sup>

Além de priorizar uma leitura que conferia caráter eminentemente popular à campanha potencialmente vitoriosa do ex-ditador, o autor/personagem atribuiu à sua singular e privilegiada posição de “expectador” a possibilidade de compreender, de forma completa, o significado dos eventos vividos; o *destino* teria lhe oferecido a

---

<sup>53</sup> WAINER, 2005. P. 44.

oportunidade impar de apreender o real significado do político gaúcho e da conjuntura mais ampla da sociedade brasileira:

A campanha me revelara Vargas por inteiro. Compreendi entre outras coisas, que conhecera o primeiro líder burguês da História do Brasil a conseguir a efetiva comunicação com o povo. As classes conservadoras não souberam captar tal fenômeno, e por isso o mataram. Quando país perdeu Getúlio, o capitalismo brasileiro perdeu seu grande defensor. Se ele hoje estivesse vivo, ainda estaria fazendo composições, aparando arestas, conciliando.<sup>54</sup>

Ou ainda:

O Getúlio Vargas... de 1951 (...) era um homem diferente do chefe do Estado Novo. Ele se tornara um nacionalista muito mais convicto, mais consistente. (...) suas idéias sobre justiça social se haviam tornado mais nítidas. Enfim, ele se convencera da necessidade de consolidar a burguesia nacional.<sup>55</sup>

Wainer retoma, em diversas passagens de seu relato memorialístico, este tipo de efeito discursivo. Ao que tudo indica, pretendia explicar de forma “objetiva” não apenas a conjuntura política, social e econômica do país, mas justificar, de forma racional e imparcial, seu alinhamento político com os ideais propugnados pelo movimento trabalhista. Este ideário seria a expressão dos reais anseios das classes humildes, a única via de promoção da justiça social e do progresso autônomo da nação.

Além de oferecer ao leitor a descrição dos bastidores do retorno do “pai dos pobres” ao poder e da complexa dinâmica da imprensa no jogo eleitoral brasileiro, Samuel Wainer inscreve em suas memórias um dos pilares centrais de sua auto-imagem, isto é, sua *conversão* política e afetiva aos ideais personificados na figura de Getúlio Vargas.

---

<sup>54</sup> Ibid., p. 48.

<sup>55</sup> Ibid., p.153.

As trajetórias do político e do jornalista ligaram-se de forma irreversível, ambas entendidas como partes de uma mesma tragédia. Caminhos pessoais que se embaralhariam com os dramas vividos pela sociedade brasileira na década de 1950.

– *Construção de uma auto-imagem: o líder, as massas e Última Hora.*

Ao lado da vinculação de sua auto-imagem ao ideário nacional-popular personificado na figura de Getúlio Vargas, Wainer pretendeu fixar sua identidade a *UH*, defendida como uma empresa de comunicação que inseriu inúmeras inovações gráficas e de distribuição, além de ter valorizado trabalho jornalístico no Brasil.

Todavia, seu espaço na história da imprensa do país estaria garantido por ter sido o único grande órgão comprometido com as causas populares e com o nacionalismo ao longo dos anos 1950 e 1960. Ideais hipoteticamente representados em nível político-institucional pela figura de Getúlio Vargas.

Na narrativa de Wainer opera-se a construção, de modo sutil, que relaciona uma hipotética “essência” do criador a da criação. As principais características que norteariam a produção da *UH* seriam tributárias da trajetória pessoal de seu proprietário: homem de família pobre e judia que, à duras penas e enfrentando preconceitos de toda ordem, soube experimentar o poder e, como poucos, perdê-lo.

No capítulo em que tratou do surgimento de sua verdadeira *razão de viver*, Wainer confessaria, pela primeira vez, a direta participação do então presidente recém-eleito na elaboração de um periódico que rapidamente se transformaria em marco na história da imprensa brasileira. Segundo suas palavras, a idéia de se construir um jornal,



concebido como porta-voz dos ideais do getulismo, surgiria no dia 2 de fevereiro de 1951, dois dias após a passagem da faixa presidencial.

Convidado a acompanhar a comitiva de Vargas à cidade de Petrópolis, Wainer fora inquirido por Vargas a respeito de um diálogo travado entre ambos no primeiro dia da campanha. O ainda funcionário de Chateaubriand alertara ao candidato sobre a importância dos meios de comunicação para o sucesso ou derrota de um político.

Após acenar positivamente, o jornalista teceria outro aviso: os “barões da imprensa” se esforçariam ao limite para sabotar todas e quaisquer ações do novo governo. Nesta conversa começaria a tomar forma um sonho nutrido a longo tempo pelo jornalista:

(...) Ele (Vargas) andava de um lado para outro. De repente, parou e me disse sete palavras que seriam a senha para abrir-me as portas da grande aventura:

-Por que tu não fazes um jornal?(...)

Respondi que aquele era o sonho de um repórter com o meu passado. Ponderei que não seria difícil articular a montagem de um publicação que defendesse o pensamento de um presidente que, como era o seu caso, tinha o perfil de um autêntico líder popular.<sup>56</sup>

Dado o aval, coube a Alzira Vargas indicar o diplomata José Jobim como homem encarregado de realizar os acertos iniciais. Wainer foi informado da difícil situação atravessada pelo tradicional jornal *Diário Carioca* de José Eduardo Macedo Soares.

Decidido a realizar a compra, Wainer preocupou-se com os recursos necessários à aquisição. Não encontrou dificuldades em obtê-los com o banqueiro Walter Moreira Sales, o empresário Euvaldo Lodi e o então presidente do Banco do Brasil, Ricardo Jafet:

Obtidos os 30.000 cruzeiros, fechei (Wainer) o negócio com o *Diário Carioca*. Eu já tinha uma oficina, mas ainda me faltavam recursos para fazer um jornal. Só agora, nestas memórias, faço uma revelação que mantive em segredo durante toda a minha vida. Obtive a maior parte

---

<sup>56</sup> WAINER, 2005. P. 155.

desses recursos junto a um homem que começava a crescer na cena política brasileira: Juscelino Kubitschek.<sup>57</sup>

Finda a primeira etapa, faltava acertar seu desligamento dos *Diários Associados*, o que despertou não somente o ódio de Assis Chateaubriand, atento ao surgimento de um poderoso concorrente, mas, acima de tudo, um forte sinal da aversão geral dos magnatas das comunicações:

Eu sabia que fundar um jornal fora dos grupos oligárquicos que controlavam a imprensa significava desafiar um poder desumano, aético (*sic*), monopolizador, absolutista. (...)<sup>58</sup>

Ou ainda:

Outros jornais acompanhavam nossa movimentação com olhos hostis, prontos para o cerco. Eu era um estranho naquele mundo aristocrático, e eles faziam rigorosamente tudo para expelir-me.<sup>59</sup>

Paralelamente ao esforço de se construir uma narrativa que demonstrasse as qualidades do exímio jornalista Samuel Wainer, vê-se como o homem de origem humilde e judaica entrou no seleto grupo dos “aristocratas” da mídia brasileira, sempre ciosos em preservar suas posições de mando e avessos a chegada de novos membros. Segundo o autor, todos os grandes periódicos dos anos 1940 e 1950 eram controlados por um reduzidíssimo número de famílias influentes:

No Rio Grande do Sul, reinava o *Correio do Povo*, comandado pelo jovem Breno Caldas (...) Em São Paulo, o “Estadão”, da família Mesquita (...) embora também tivesse influência *A Gazeta*, do velho Cásper Líbero, e o tradicional *Correio Paulistano*... controlado pelo grupo de Francisco Morato. No nordeste e no Norte... *A Tarde*, da Bahia, pertencente à família Bulhões, o *Jornal do Comércio*, de Pernambuco, controlado pelos Pessoa de Queiroz, e *O Liberal*, do Pará.<sup>60</sup>

---

<sup>57</sup> Ibid., p. 159.

<sup>58</sup> Ibid., p. 163-164.

<sup>59</sup> Ibid., p. 167.

<sup>60</sup> Ibid., p. 168.

Neste seletto mundo a hegemonia era exercida por Paulo Bittencourt e seu *Correio da Manhã* e Assis Chateaubriand, dono de um conglomerado em expansão, ambos sediados na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.

A resistência oferecida à entrada de Wainer no “clube” foi explicada basicamente como produto de preconceito de classe e do claro comprometimento político de seu jornal:

Minha chegada ao clube, afinal, representava a queda de tabus – a começar pela minha origem de menino pobre do Bom retiro. Outro... era que ao contrário do que ocorre em países civilizados, o jornal era a voz do seu dono. (...) *A Última Hora* representaria uma exceção a essa regra, na medida em que pretendia transformar-se na expressão do getulismo (...) <sup>61</sup>

Asseguradas as condições materiais, Wainer descreve, passo a passo, a montagem de um grande órgão de imprensa. O surgimento da *UH* significou o coroamento de uma trajetória de mais de vinte anos. Repórter que desde cedo se preocupou em dominar todas as fases de produção de um periódico, rapidamente se tornaria um empresário capaz de construir um jornal por inteiro.

De acordo com suas palavras, participaria diretamente na formação do quadro de acionistas, “... espécie de cinturão social integrado por nomes da aristocracia brasileira...”. Da mesma maneira, envolver-se-ia na montagem da equipe de redação. Dentre os diversos profissionais, dois parceiros de *Diretrizes* o acompanhariam nesta nova empreitada: o jornalista Octávio Malta e o chargista Augusto Rodrigues, enquanto o cargo de diagramador foi exercido pelo paraguaio André Guevara. A este núcleo caberia a escolha do título da nova publicação, comprado junto ao embaixador Abelardo Rojas.

---

<sup>61</sup> WAINER, 2005. P. 168-169.

Ao narrar à estratégia de lançamento de *UH*, Wainer procurou imprimir um tom que a seu ver marcaria toda a trajetória do jornal. A intensa criatividade do grupo responsável pela nova publicação a tornaria um caso único na imprensa brasileira.

A distribuição ocorreria de forma direta às bancas de jornal, “...uma novidade revolucionária para a época...”. A edição inaugural chegou ao público em 12 de junho de 1951, não com o tradicional editorial de apresentação, mas com uma carta de Vargas:

Eu (Wainer) pedira a Getúlio que escrevesse a carta, decidido a vincular o jornal desde o berço ao presidente eleito pelo povo. “Meu caro amigo Samuel Wainer”, começava a carta, que depois se estendia em considerações sobre o conceito e a importância de uma imprensa popular. Jamais, em qualquer país do mundo, um jornal fora apresentado aos leitores por um presidente da República.<sup>62</sup>

Numa narração emocionante, descrevem-se as dificuldades iniciais de vendagem, muito embora o autor tenha defendido que *pressentira*, desde o começo, que a qualidade do produto oferecido ao público leitor resultaria, inevitavelmente, num estrondoso sucesso.

O objetivo inicial traçado pela equipe reunida em torno do projeto se resumiria na quebra do suposto silêncio da imprensa em relação à figura de Vargas. Meta alcançada com a criação da seção “O dia do Presidente”, a cargo de Luis Costa.<sup>63</sup>

Progressivamente o “sonho do jornal de massa” ganhava forma. Além de temas tradicionalmente enfocados pelas publicações, Wainer e sua equipe dariam um tratamento cuidadoso a assuntos até então considerados de menor importância. Destaque aos espaços reservados à reivindicações populares que, a exemplo da seção “Fala o povo”, estreitariam a comunicação direta entre o povo humilde e o jornal.

---

<sup>62</sup> WAINER, 2005. P. 176. Encontramos a reprodução da carta em *Minha Razão de Viver*.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 179.

Outra solução inusitada seria dada ao problema da obtenção do papel. Por meio do político João Alberto, Wainer fecharia uma parceria lucrativa com judeus norte-americanos, selada após conseguir certas garantias do Banco do Brasil. O contrato assegurava preços muito menores em relação aos de mercado, fundamental para a lenta e gradual consolidação da *UH*.

Conhecedor das regras e vícios do meio, alçado a proprietário, o jornalista não tardou a mostrar mais uma qualidade: a de capitalista justo e muito próximo dos seus comandados:

Sempre acreditei que um dono de jornal deve manter vínculos estreitos tanto com a redação quanto com a oficina. Na *Última Hora*, tais relações eram bastante humanas. Ordenei, por exemplo, que se cumprisse a disposição legal que mandava fornecer leite aos gráficos, exigência tradicionalmente ignorada pelos patrões. Inflacionei os salários dos jornalistas, para profunda irritação de Assis Chateaubriand (...) procurei permanentemente quebrar o isolamento entre chefe e subordinados. Em 1954... instalei minha sala dentro da própria redação (...)<sup>64</sup>

Por meio de seu relato autobiográfico, Wainer procurou criar um efeito que convencesse sobre a total sintonia entre as atitudes tomadas enquanto chefe e seu posicionamento político. Sendo getulista e dono de um jornal que defendia os ideais deste movimento, tratado na obra como sinônimo de justiça social e parceiro das classes humildes e trabalhadoras, o autor comprovaria tanto sua coerência ideológica como o enorme fosso que o separaria dos setores reacionários da sociedade brasileira.

Ao tecer considerações sobre a formação e o significado da *UH* no contexto jornalístico e político brasileiro, o autor reservou especial atenção à caracterização de seu maior desafeto.

---

<sup>64</sup> WAINER, 2005. P. 193-194.

A relação de amizade entre Samuel Wainer e Carlos Lacerda, que remontava aos tempos de juventude, foi substituída nos anos 1950 pelo nítido combate. Em *Minha Razão de Viver* esta transformação radical foi explicada principalmente como resultado da inveja, pois não se aceitava que um autodidata como Wainer, obtivesse um fulgurante sucesso na carreira.<sup>65</sup>

Carlos Lacerda teria se habituado a defender os pontos de vista dos proprietários dos grandes jornais ao longo de sua carreira de jornalista e progressivamente passara a cerrar fileiras junto à União Democrática Nacional (UDN). Plenamente integrado à “direita brasileira”, aliado de empresários vinculados aos interesses americanos, próximo aos setores conservadores da Igreja Católica, Lacerda, sem grandes dificuldades, veria as portas abertas para a fundação de seu próprio jornal em 1949.

De acordo com as palavras do autor, a *Tribuna da Imprensa* nunca chegou a existir de fato. A pequena tiragem, entre quatro e cinco mil exemplares diários, e a ausência de qualquer peso diante da opinião pública foram vistas como reflexo das deficiências profissionais de seu proprietário:

Lacerda sabia polemizar, tinha uma riqueza verbal avassaladora, mas não era um grande jornalista, na medida em que desconhecia setores vitais da atividade profissional. (...) nunca se interessou... em conhecer por dentro uma oficina. Tampouco sabia cuidar de uma primeira página, escolher uma foto, retocar uma diagramação (...).<sup>66</sup>

Além de oferecer ao leitor uma espécie de imagem em negativo daquilo que considerava atributos necessários ao verdadeiro jornalista, a particular caracterização de Lacerda também pretende deixar claro a distância que os separava.

---

<sup>65</sup> Jefferson J. Queler ressalta que Wainer não foi o único a explicar determinados comportamentos de Carlos Lacerda como produtos de desequilíbrios emocionais. Segundo o historiador, desde os anos 1950 razões de “cunho psicanalítico” foram mobilizadas de modo a deslegitimar a atuação do político e jornalista carioca. Cf. QUELER, op. cit., p. 52 e seguintes.

<sup>66</sup> WAINER, 2005. P.171.

Ao pretender liquidar Wainer e *UH*, Carlos Lacerda misturaria motivações pessoais e interesses políticos, já que eliminando um importante pilar de apoio a Getúlio Vargas a campanha de desestabilização do governo era facilitada.<sup>67</sup>

De acordo com Samuel Wainer, ao receber apoio irrestrito de Assis Chateaubriand e Roberto Marinho, a investida iniciada pela *Tribuna da Imprensa* ganharia uma proporção enorme, um verdadeiro “programa de extermínio”.

A direta vinculação entre Getúlio, Wainer e *UH* é reafirmada no texto com a citação de alguns acontecimentos exemplares, caso da publicação de um editorial que fulminava o então ministro do Trabalho, Danton Coelho, e que resultou no seu pedido de demissão. Prova da influência do jornal e de seu proprietário:

Em pouco tempo, eu (Wainer) me tornara mais importante junto a Getúlio que qualquer ministro de Estado. Minha sintonia com Vargas era tão completa que nem precisávamos ser explícitos para nos entendermos a respeito de certos assuntos.<sup>68</sup>

Dado o furor dos adversários e apesar de protegido do homem mais poderoso do país, Wainer tomou algumas providências com o intuito de reforçar a empresa. Ao descrever o esforço realizado para ampliar a publicidade no seu jornal, a harmonia com os ideais nacionalistas propugnados por seu grande amigo não foi deixada de lado:

(...) tratava de atrair novos anunciantes utilizando barganhas que não me incomodavam por não ferirem os critérios editoriais da *Última Hora*. Por exemplo: se duas empresas envolviam-se em determinada disputa, eu escolhia a que fosse brasileira, ou a que melhor atendesse aos interesses de Getúlio, e passava a defendê-la. Em seguida, reivindicava dessa empresa que ajudasse o jornal em forma de anúncios (...) Meu jornal precisava de publicidade, e era natural que eu cobrasse do meu cliente nacionalista meios de assegurar a sobrevivência da *Última Hora*.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> Ibid., p. 173.

<sup>68</sup> Ibid., p.189.

<sup>69</sup> Ibid., p. 196.

Apesar do cerco perpetrado pelos adversários, Wainer não se furtou a dar mais um passo na consolidação de seus negócios. A iniciativa de instalar uma publicação em São Paulo serviria a dois propósitos não excludentes: por um lado, garantir a presença num grande mercado consumidor e, por outro, abria-se a oportunidade de fazer com que o pensamento do Presidente chegasse às “massas populares” num importante núcleo de oposição ao governo.

Também neste episódio o ocupante do Palácio do Catete deu seu aval. Avisado da situação difícil do *Jornal de Notícias* e do interesse de Ricardo Jafet em vendê-lo, Wainer recorreu a Francisco Matarazzo. O industrial apoiava o governo e cultivava grande ódio em relação a Assis Chateaubriand, interessando-se em encontrar um jornal que atacasse diretamente o dono dos *Associados*.

Obtidos os recursos do “conde”, Wainer teria todas as condições para transformar a *UH* paulista em enorme sucesso. Com um grupo de exímios colaboradores, a publicação herdaria as mesmas características de sua congênere carioca: a criatividade e inovações constantes, além do perfil editorial “nacional-popular”:

(...) meu jornal tinha estreitas vinculações com o povo. Do ponto da elite paulista, eu invadira sua fortaleza para combater a sigla sagrada – UDN – e defender um homem – Getúlio Vargas – a quem devotavam ódio mortal. Mas o povo não pensava assim: centenas de milhares de paulistas veneravam Vargas, e me reservaram com a simpatia reservada aos aliados.<sup>70</sup>

Ao fazer o balanço deste momento, Wainer declarou que *pressentira* o perigo ao expandir sua ação além do eixo Rio - São Paulo. Mesmo assim, tornou-se controlador de outros cinco jornais e uma rádio.

A intensificação dos ataques dos barões da imprensa não tardou. A desculpa deu-se com a criação de *Flan*, “...primeiro grande semanário depois de *Diretrizes*...”.

---

<sup>70</sup> WAINER, 2005. P.206.



Segundo Wainer, fundada no primeiro semestre de 1953 e tendo como colunistas e cronistas figuras da envergadura de Joel Silveira e Otto Lara Rezende, a revista alcançou imediato sucesso de público.<sup>71</sup>

Ao atingir rapidamente a marca de 180.000 exemplares vendidos por edição, *Flan* seria motivo para “espanto e inveja” dos concorrentes. Incomodado, Assis Chateaubriand desencadeou, em conluio com Carlos Lacerda, fulminante campanha de pressão. Por meio de jornais e da televisão tratou-se de provar, perante os leitores, que dinheiro público havia sido desviado a fim de favorecer um aliado do governo, quadro que se agravaria ainda mais quando Wainer adquiriu a Rádio Clube no Rio de Janeiro.

No depoimento, elaborado décadas depois dos acontecimentos narrados, o autor não faz qualquer esforço para negar as acusações. Mesmo que a intenção não fosse esta, ao admitir a prática de inúmeras ações ilegais, Samuel Wainer tende a levar o leitor a relevá-los em nome da justiça dos posicionamentos assumidos e das lutas travadas ao longo de sua trajetória. Ou seja, os deslizes cometidos como que se dissolvem diante de sua *história de vida*.

No caso da emissora citada acima, Wainer admitiu mais uma vez a participação de Vargas, o envolvimento direto de uma instituição pública - o Banco do Brasil – além de “...algumas manobras, determinadas negociatas...”, até que o controle acionário passou para suas mãos.

Diante da intensidade da pressão da dupla Chateaubriand/Lacerda, atentos à legislação em vigor, o Presidente Republica acabaria cedendo e caçando a concessão. Na visão do autor, este episódio significou, muito mais do que prejuízos de ordem material, um golpe profundo na relação de amizade com Vargas:

---

<sup>71</sup> Ibid., p. 212.

Ficou evidente... que eu já não era o delfim do Getúlio, já não trafegava com tanto desembaraço pelos corredores do poder; já não tinha, enfim, tanto poder. (...) tornou-se claro que a amizade já não era a mesma.<sup>72</sup>

Apesar da surpresa, o proprietário da *UH* compreendia prontamente as razões de tal medida, relacionando-a ao complicado momento pelo qual passava seu amigo-Presidente: a “estrutura política” do governo estava comprometida. E continua:

Ali se rompera uma cadeia que explicava minha força. Eu era amigo do Homem, que era amigo do povo. Logo, eu era amigo do povo, que tinha, portanto, de comprar meus jornais. Da mesma forma, eu era amigo do Homem, que era amigo dos industriais progressistas. Logo eu era amigo dos industriais progressistas, que tinha, portanto, de anunciar em meus jornais. Essa cadeia foi desfeita no momento em que meu amigo, o Homem, cedera a quem intentava destruir-me.<sup>73</sup>

De acordo com Wainer, o ano de 1954 iniciou-se em um clima totalmente contrário. Situação que obrigara o afastamento de ambos com o objetivo de bloquear graves complicações. A ruptura foi narrada em tom de pesar e tristeza:

(...) a verdade é que minha presença entre os íntimos do Catete aguçava a intensidade dos ataques. Fui à procura de meu amigo (...) Recebeu-me sentado numa poltrona em seu quarto ao lado do genro, Ernani do Amaral Peixoto. Também estavam presentes do Darcy Vargas e Alzirinha. Pareciam emocionadas, talvez por pressentirem que ouviriam uma conversa decisiva. (...) Eu (Wainer) disse a Getúlio que a batalha estava perdida. (...) parecia evidente que a Última Hora cumprira o seu papel. O jornal rompera o cerco do silêncio imposto ao presidente, ajudara a difundir o pensamento de Vargas, defendera-o com bravura e lançara as bases de uma imprensa popular. Eu me considerava um vitorioso. Chegará, porém, a hora de ensarilhar as armas.<sup>74</sup>

Pressionado, Vargas ordenaria a execução das dívidas da *UH* contraídas junto ao Banco do Brasil. De acordo com o narrador, tratava-se de um fato único na História do

---

<sup>72</sup> WAINER, 2005. P.216.

<sup>73</sup> Ibid., p. 217.

<sup>74</sup> WAINER, 2005. P.244.

país, já que a maioria absoluta dos grandes veículos de comunicação possuía fabulosas dívidas que jamais foram cobradas.

Para admiração de todos, Wainer conseguiu levantar o dinheiro necessário para o pagamento, reforçando o ódio de seus adversários e, em especial, o cultivado por Carlos Lacerda. O premeditado golpe de morte não acertara o alvo: não fora desta vez que Wainer e *sua razão de viver* seriam eliminados.

Mesmo ao travar uma batalha solitária, afastado do convívio íntimo com Vargas, o perfil editorial do jornal não se alterou, ou seja, a *UH* continuaria a exercer sua tarefa de apoio incondicional à figura do Presidente.

O auge da “campanha de extermínio”, a mesma que objetivava desestabilizar o governo, deu-se com a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito no Congresso Nacional, montada com o fito de averiguar as operações financeiras da empresa *UH*.

Em *Minha Razão de Viver*, o autor revelou que ele estimulou a formação da comissão, supondo que a maioria governista fizesse a diferença. Erro político de monta que, somado ao descuido em estabelecer uma estratégia de defesa coerente e às denúncias de que não nascera no Brasil, trouxeram-lhe inúmeros problemas com a justiça, inclusive a prisão.

Apesar de *pressentir* que o cerco ao governo fechava-se irremediavelmente, Wainer teria sido pego de surpresa ao saber do atentado contra Carlos Lacerda. O proprietário da *Tribuna da Imprensa* saiu levemente ferido da ação, e a única vítima fatal um oficial da Aeronáutica.

A repercussão do atentado foi extremamente negativa para o governo, ainda mais quando ficou evidenciada a participação do chefe da guarda pessoal do Presidente na

ação. Importantes setores das Forças Armadas passaram para a oposição, fazendo coro aos discursos e demais manifestações “teatrais” de Carlos Lacerda:

(...) o drama ampliou-se com enorme velocidade. Montou-se a “República do Galeão”, formada por oficiais que investigaram o caso à margem da polícia e da Justiça, interrogando pessoas e promovendo ações policiais. No hospital e depois no Congresso, Lacerda agitava, insultava, conspirava ostensivamente. (...) Durante todo o tempo, fiz (Wainer) o que pude para eximir de qualquer culpa a figura do presidente (...) Tratava-se de um brasileiro honrado, muito acima das torpezas desse gênero. Lastimavelmente, o esforço da *Última Hora* em defesa de Vargas resultaria inútil.<sup>75</sup>

O autor procurou recriar, de maneira detalhada, sua particular percepção dos acontecimentos que precederam o suicídio de Vargas. No dia 22, recebera o aviso de que seu jornal deveria desencadear uma contra-ofensiva a um iminente golpe de Estado. Um dos irmãos do Presidente informara-lhe de que era necessário provocar o confronto direto entre governo e oposição. No dia seguinte, Wainer publicou na primeira página de *UH* a seguinte frase, atribuída a Vargas: “SÓ MORTO SAIREI DO CATETE”. Informações desencontradas chegavam à redação de seu jornal: reunião ministerial convocada às pressas, ultimato militar que exigia o afastamento do cargo. Pela manhã, a notícia do tiro fatal.

Em meio a choros e desmaios de funcionários, Wainer tratou de rodar uma edição extraordinária de *UH* para informar o ocorrido à população. Elaborou editorial no qual aconselhava o povo a manter a ordem. Pedido em parte atendido, haja vista que a maioria dos jornais seriam impedidos de circular, sendo o único poupado aquele que sempre defendera o líder morto:

A certa altura, percebi que chegara a minha vez de soltar-me. Subi até a redação, fui para um canto da minha sala e, então, chorei, chorei bastante. A redação não podia me ver (...) nesse momento, comecei a ouvir um rugido, feito de milhares de vozes, que vinham das bandas da Candelária. Olhei pela janela e vi uma multidão de manifestantes

---

<sup>75</sup> WAINER, 2005. P. 255.

descalços, subnutridos, feios. Gritavam *Getúlio!*, e reconheci o mesmo urro medonho, assustador, com o qual me familiarizara durante a campanha eleitoral de 1950. A massa estacou diante do prédio e exigiu que eu falasse (...) ainda chorando, pedi à multidão que mantivesse a tranquilidade. Afirmi que o urro que ali ouvia me recordava a campanha que levara Getúlio de volta ao poder, e que aquele mesmo rugido deveria continuar ecoando, agora para sustentar as bandeiras nacionalistas e populares pelas quais Vargas sacrificara a própria vida. Naquele momento, compreendi que a *Última Hora* sobreviveria ao homem que havia inspirado sua criação.<sup>76</sup>

Em *Minha Razão de Viver* a necessidade de dar continuidade a *UH* não foi explicada como mero interesse comercial ou produto da vaidade de seu criador. Na realidade, significaria a defesa do “legado” e da “memória de Getúlio”.

A campanha de extermínio, expressão utilizada inúmeras vezes ao se referir às ações de Carlos Lacerda e demais inimigos, continuaria mesmo após o falecimento do “pai dos pobres”. Em outubro de 1955, Samuel Wainer foi condenado por crime de falsidade ideológica, com pena de um ano de prisão em regime fechado. Reclusão que não o impediria de lutar pela manutenção da integridade de seus jornais, auxiliado por inúmeros amigos. Seu caso “...confundia-se com o quadro político do país.”

A instabilidade institucional permanecia mesmo após a vitória de Juscelino Kubitschek. Wainer, ainda no cárcere, soubera do sucesso do movimento militar encabeçado pelo então General Henrique Teixeira Lott, com o objetivo de manter a ordem constitucional e o respeito à vontade das urnas.

Apesar de ter apoiado a campanha de JK por meio da *UH*, Samuel Wainer deixou claro as diferenças entre o novo mandatário da nação e seu falecido amigo:

(...) jamais chegamos a ser íntimos, Juscelino tinha outro grupo, outros amigos – não era a mesma *entourage* de Vargas. JK e Getúlio encarnavam estilos e ideários diferentes. Juscelino não tinha, por exemplo, afinidade alguma com o PTB. Tratava-se de um burguês do

---

<sup>76</sup> WAINER, 2005. p. 261.

PSD, um brasileiro originário da classe média que gostava da vida com certo fausto, que sabia usufruir dos prazeres do mundo.<sup>77</sup>

Mesmo com certo distanciamento do novo presidente, o autor admitiu em seu relato memorialístico que, no “campo dos negócios”, a relação foi mais proveitosa do que nos tempos de Getúlio.

Seu prestígio junto aos círculos empresariais, políticos e militares permaneceu elevado. Em relação aos sindicatos ligados ao Partido Trabalhista Brasileiro, o poder de Wainer foi ampliado a ponto de atuar como intermediário entre trabalhadores e JK, sempre utilizando seu jornal como arma política.

Diferentemente do que seu antecessor, Juscelino neutralizou os donos dos meios de comunicação do país. Por meio de astutas manobras, “afagos e favores”, empreendeu um processo que, aos poucos, trouxe o apoio de homens como Assis Chateaubriand, Roberto Marinho e Paulo Bittencourt.

Entretanto, na visão do autor, o campo político para Carlos Lacerda ficou completamente aberto. Ao eleger-se governador do Estado da Guanabara, “...começou a tomar forma o golpe final consumado em 1964.”<sup>78</sup>

Ainda sobre o governo JK, Wainer reservou especial atenção para a crescente participação dos empreiteiros no cenário político brasileiro do período. Posição obtida pelo número considerável de obras realizadas, a maior delas a construção da nova capital.

Além de indicar representantes nos mais variados escalões da máquina do Estado, influenciar parlamentares, estes empresários injetaram grandes recursos na imprensa a fim de obter apoio em seus negócios. O dono da *UH* confessou ter

---

<sup>77</sup> Ibid., p. 276.

<sup>78</sup> Ibid., p. 286.

participado de esquemas ilícitos, procurando se auto-livrar de reprovações com o argumento de que todo o montante arrecadado era investido em seus jornais.

A curta passagem de Jânio Quadros no Palácio da Alvorada também foi tratada na obra. Wainer colocou-se contra sua candidatura e apoiou o Marechal Henrique Lott.

De acordo com suas palavras:

Vendo à distância esse período da História, entendo que a *Última Hora* caminhou alguns meses sobre o fio da navalha, espreitada por inimigos poderosos. O presidente da República, se não me hostilizava, tampouco teria motivos para vir em meu socorro se o cerco se fechasse. O governador da Guanabara era meu principal desafeto, a cúpula do Exército considerava a *Última Hora* adversária dos militares.<sup>79</sup>

Com a renúncia de Jânio, Wainer colocou-se, mais uma vez, como figura central dos acontecimentos, um “protagonista da História”. Ao servir como uma espécie de conselheiro informal de João Goulart, defendera a necessidade de se montar um governo de base ampla, evitando assim uma reação mais dura dos adversários.

Mesmo tendo consciência que a modificação constitucional que instituiu o parlamentarismo enfraqueceria sobremaneira o poder do aspirante a Presidente, o proprietário do principal veículo de apoio ao trabalhismo apoiou a emenda, já que o momento político não ofereceria outra possibilidade. A posse do amigo Jango foi retratada da seguinte maneira:

(...) era meu velho amigo (...) Por isso, ao ouvir no rádio do carro a cerimônia... chorei. Nós triunfamos, pois a presença de Jango no Palácio do Planalto representava, de alguma forma, a permanência de Getúlio Vargas.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> WAINER, 2005. P.296-7.

<sup>80</sup> Ibid., p. 303.

Apesar de expressar a sincera felicidade pela chegada de João Goulart ao poder, o autor não se furtou a precisar as profundas diferenças de personalidade entre Getúlio Vargas e seu herdeiro político:

(...) estava claro que o novo presidente não tinha o brilho do homem que inspirara sua carreira política. João Goulart era um típico moço da fronteira, que adorava cabarés e bailarinas (...) Não tinha prazer em conviver com grã-finos (...) gostava do povo – mostrava-se perfeitamente à vontade quando se reunia, por exemplo, com estivadores (...) se reunia todas as condições para consolidar-se como líder populista, Jango exibia uma evidente inapetência para certas exigências do poder. Getúlio Vargas sempre demonstrou enorme prazer pelo fato de ser o número um a República. Jango, não.<sup>81</sup>

A partir de 1962, com o retorno do presidencialismo, Wainer e sua *UH* seriam contemplados como acesso irrestrito aos recursos de esquemas ilegais que envolviam as empreiteiras e os mais elevados escalões do governo e do PTB.

É interessante notar que na nova edição de *Minha Razão de Viver*, os trechos referentes a estes acontecimentos foram totalmente modificados. Anteriormente, na descrição de um encontro ocorrido entre Wainer e João Goulart, o autor confessaria que o levantamento de dinheiro não “contabilizado”, objetivava tão somente encher os cofres do principal partido que sustentava o governo e garantir aos financiadores lucrativas obras.

Já em 2005, um motivo mais nobre foi acrescentado para justificar a organização do caixa-dois:

Nessa conversa, o presidente se declarou preocupado com o caixa do partido. Creio que ele já pensava também no caixa do governo e no dinheiro que financiaria um possível contragolpe destinado a antecipar-se a alguma tentativa de golpe.<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> Ibid., p. 303.

<sup>82</sup> Ibid., p. 306.



Samuel Wainer relata que uma das marcas do período Goulart foi a crescente polarização política do país. Apesar das benesses materiais advindas de sua relação com o poder estabelecido, não fugiria a constrangimentos de toda ordem.

*Pressentindo* o perigo de uma reação violenta, Wainer posicionou-se contra toda e qualquer radicalização do governo. Propostas como a de reforma agrária ou nacionalização de refinarias, por exemplo, foram motivos de conflito com líderes do porte de Leonel Brizola e Miguel Arraes. Mesmo se opondo às reformas de base, não deixou de encampar tais idéias em seus jornais.

Há nítido contraste entre as manifestações em apoio a Getúlio Vargas narradas em outras páginas e as realizadas durante o governo João Goulart, que não seriam real expressão da vontade popular, antes serviam apenas como provocações que atiçavam uma reação dos setores golpistas da direita brasileira. A falta de senso realista do Presidente da República surgiria como mais um indício de que o fim estava próximo.

Apesar de afirmar que tinha absoluta certeza da inevitabilidade da deposição de João Goulart, Wainer não procurou se precaver das conseqüências advindas com um golpe de estado. Já no dia 31 de março de 1964, a única alternativa que lhe restou foi refugiar-se na Embaixada chilena.

Nos últimos três capítulos de suas memórias, o autor procurou deixar claro que o naufrágio da experiência democrática no Brasil significou também sua derrocada pessoal. A derradeira batalha para manter a integridade de sua *razão de viver* se mostrou inútil, “...os vencidos haveriam de pagar um preço...”<sup>83</sup>

Os mesmos poderosos que se utilizaram dos métodos mais reprováveis e imorais para destruir Wainer, provocaram o suicídio do “pai dos pobres”, arquitetaram as

---

<sup>83</sup> WAINER, 2005. P.338.

conspirações contra JK e, por último, sacramentaram a deposição do governo João Goulart. A ascensão e queda do nacionalismo varguista e, principalmente, da entrada das massas miseráveis no cenário político confundem-se com a trajetória de Samuel Wainer e de sua empresa, considerada porta-voz dos anseios populares e da justiça social.

Os momentos derradeiros de sua tragédia pessoal são justamente aqueles de instalação e consolidação da ditadura militar no Brasil. Regime visto como implacável e que, em todas as esferas e utilizando-se de todos os estratagemas, procurou calar vozes discordantes. Por ser um pilar do trabalhismo/desenvolvimentismo na imprensa, a *UH* não escapou desta sina trágica.

Refugiado na representação diplomática de país vizinho, já avisado da encampação de seu jornal pernambucano por oficiais do Exército, Wainer não aceitou a proposta de empreiteiros interessados em comprar a *UH*.

Mesmo ao se exilar no Chile e seguindo posteriormente a França, em meio a toda ordem de perseguições políticas e dificuldades financeiras, o autor declarou ter travado a última batalha: a da manutenção de seus jornais.

A agonia de seu diário paulista findou em agosto de 1965. Após fechar o compromisso de que todas as dívidas trabalhistas seriam quitadas, o jornal foi vendido ao grupo *Folhas*, controlado por Octávio Frias Filho. A reprodução do diálogo que sucedeu às negociações resume, de forma exemplar, o tom dos trechos finais das memórias:

(...) Sobretudo entre 1952 e 1964, fora um grande jornal, muito influente entre os trabalhadores urbanos. Fiz (Wainer) essa observação a Frias ao colocarmos nossas assinaturas no contrato.  
- Você terá nas mãos um excelente instrumento – disse-lhe.  
Frias concordou, sorrindo, Depois, em tom de blague, fez-me uma confiança bastante verdadeira:  
- O que gostaria de fazer, agora, era ir até a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e mostrar, numa bandeja de prata, a cabeça de Samuel Wainer. (...)

Era isso: Frias que achava que acabara de decepar minha cabeça, ao menos a minha cabeça paulista.(...)<sup>84</sup>

Ao retornar definitivamente ao Brasil em 1968, colocado em nítida posição defensiva, o autor declarou ter decidido reservar um final mais digno a *UH* do Rio de Janeiro. Afinal, segundo suas palavras, “...ali começara minha grande aventura, ali estava boa parte de minha vida”.<sup>85</sup>

O Ato Institucional n. 5 colocaria por terra todo o esforço criativo de Wainer e de seus colaboradores para manter em pleno funcionamento o periódico que outrora havia feito frente aos mais poderosos concorrentes. Militares tomariam o controle da redação, além de incluírem seu proprietário numa lista de pessoas procuradas pelas autoridades.

Apesar de importantes figuras das Forças Armadas considerarem-no agente subversivo, o antigo confidente de Getúlio Vargas ainda tinha amigos em posições estratégicas no I Exército, que lhe asseguravam a manutenção da liberdade. Tal proteção não tardaria a ser cobrada. De acordo com as palavras do autor, ao exigir uma mudança profunda na linha editorial do jornal que fundara e capitaneara anos a fio, concluiu que chegara a hora se desfazer da obra que mais lhe dera orgulho e felicidade.

Para tanto, entrou em contato com empresários da construção civil, os mesmos que haviam adquirido o tradicional diário carioca *Correio da Manhã*. Novamente mostraria respeito por seus comandados, tratando de afiançar a quitação de salários e demais direitos dos funcionários. Wainer assim terminou seu mais completo e importante depoimento:

Às 12 horas do dia 21 de abril de 1972, quando saí do escritório de Maurício Alencar, a *Última Hora* já não era minha. A próxima edição seria rodada nas oficinas do *Correio da Manhã*, com outra linha editorial, outra equipe, outra alma. Fui para o prédio da *Última Hora* e

---

<sup>84</sup> WAINER, 2005, p.347.

<sup>85</sup> Ibid., 354.

convoquei meu pessoal para comunicar-lhe o desfecho de um capítulo importantíssimo da história do jornalismo brasileiro. Depois, sozinho no prédio vazio, dei-me conta de que a minha grande aventura terminar.<sup>86</sup>

Deve-se notar que em seu olhar retrospectivo, Samuel Wainer não tece qualquer consideração sobre o período subsequente à venda do jornal. Tal omissão é relevante, pois indica possíveis razões que levaram o jornalista a elaborar seu mais minucioso e *sincero* relato.

Segundo o próprio jornalista, suas declarações não deveriam ser encaradas como justificativa amargurada ou lamento resignado:

Quando decidi (Wainer) escrever estas memórias, não pretendia escrever algum discurso de defesa. Queria apenas saber se valeu a pena. Contemplando o que o destino me ofereceu, só posso concluir que valeu. Claro, claro que valeu.<sup>87</sup>

Ao longo da década de 1970 Wainer manteve-se atuante no mundo da imprensa. Integrou a equipe do *UH* paulista como funcionário remunerado, na posição de editor-chefe. Em 1975 lançou um novo periódico, o *Aqui São Paulo*. A partir de 1977 foi responsável por uma coluna no jornal *Folha de S. Paulo*, além de ocupar, no ano seguinte, o cargo de editor-assistente da Carta Editorial e da Editora Três.<sup>88</sup>

Fatores de ordem subjetiva devem ter influenciado Samuel Wainer a deixar registro de sua *incrível história*. Ao beirar a casa dos 70 anos, alijado do poder conferido aos proprietários dos meios de comunicação, despojado de um projeto pessoal construído ao longo de décadas, torna-se compreensível que Samuel Wainer considerasse a *UH* como o fato fundamental de sua trajetória pessoal e profissional.

---

<sup>86</sup> Ibid., p. 363.

<sup>87</sup> Ibid., p. 337.

<sup>88</sup> NUNES, Augusto. *Epilogo*. In: Wainer, 2005, p. 365.

## ***1.2 - Capítulo de uma vida: a revista Diretrizes***

Em *Minha Razão de Viver: memórias de um repórter* operou-se a construção de uma narrativa que pretendeu fixar uma particular auto-imagem de Samuel Wainer. Esta se caracterizaria principalmente pela profunda amizade e a paralela afinidade política entre o autor e o líder Getúlio Vargas. De acordo com a autobiografia, esta dupla faceta da relação materializou-se na criação de jornais inovadores, criativos no formato e no conteúdo oferecido aos leitores.

A *UH* revolucionou o mundo das comunicações no Brasil por seu caráter popular, primeira experiência de uma imprensa de massas. Em grande medida, o comprometimento político adotado nas publicações explicou tanto o estrondoso sucesso obtido junto às classes trabalhadoras, vistas como completamente alinhadas ao movimento getulista, bem como as perseguições articuladas pela “direita” e por grupos econômicos poderosos.

Caminho atribulado de uma empresa que se confundia irremediavelmente com a *história* pessoal de seu criador. Trajetória de um indivíduo movido por um esforço constante em superar as dificuldades impostas por uma estrutura social excludente e que, muitas vezes auxiliado pelo *destino*, procurou aliar oportunidades à excelência profissional.

Deve-se salientar que não cabe aqui discutir o teor da série de declarações impressas nas páginas de *Minha Razão de Viver*. Pretende-se demonstrar como as referências a *Diretrizes* se articulam a uma lógica mais ampla, que atravessa o discurso memorialístico em questão.

Samuel Wainer deu especial atenção ao período em que esteve envolvido na produção de *Diretrizes*. A participação no periódico marcou sua entrada definitiva no mundo da imprensa, além de servir como oportunidade para revelar características pessoais presentes ao longo de toda sua vida.

Seu aprendizado jornalístico foi iniciado no final da década de 1920, momento em que deixou São Paulo rumo ao Rio de Janeiro. O “jovem menino do Bom Retiro” começou a descobrir na então capital federal sua verdadeira vocação:

(...) eu (Wainer) iria *descobrir* (grifo nosso), definitivamente, que era um jornalista. Na minha infância, mesmo no começo da adolescência, não cheguei a destacar-me por escrever bem. Mas era imaginoso, tinha idéias, gostava de escrever. Sobretudo sabia examinar assuntos e descrever situações com clareza.<sup>89</sup>

Instalado na cidade, procurou sobreviver auxiliando um de seus irmãos em leilões populares. Apesar das dificuldades, prosseguiu nos estudos secundários e, posteriormente, ingressou no curso de Farmácia.<sup>90</sup>

Ao que tudo indica, a ascendência judaica foi fundamental para que Samuel Wainer desse os primeiros passos na carreira jornalística. Em 1933, após colaborar em um jornal da Associação de Estudantes Israelitas, foi responsável por uma coluna no jornal *Diário de Notícias* “...encarregada de divulgar os pontos de vista da colônia israelita”.

Afirmou ter colaborado posteriormente com o jornalista Israel Dines na elaboração do *Almanaque Israelita*. Envolvido na procura de artigos, a “mão do destino” colocou no seu caminho Antonio de Azevedo Amaral:

Este primeiro encontro desencadearia um processo de aproximação que me colocaria lado a lado com Azevedo Amaral em março de

---

<sup>89</sup> WAINER, 2005. P. 55.

<sup>90</sup> O *DHBB* traz a informação de que Samuel Wainer concluiu o ensino secundário no respeitado Colégio Pedro II. Todavia, o autor não faz qualquer menção a esta instituição. Cf. ABREU, Alzira Alves et al. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, v. 5, 2001. P. 6007 et seq.

1938, numa revista chamada *Diretrizes*, destinada a configurar um capítulo importante da história da imprensa brasileira.<sup>91</sup>

Indicado pelo empresário Wolf Klabin, “...chefe de uma família que sempre teve influência junto à colônia...”, Wainer integrou, em seguida, a equipe da *Revista Brasileira*. Comandada por Antonio Batista Pereira, consistia basicamente em traduções da congênere francesa *Le Mois*. No cargo de secretário-chefe da publicação, Wainer teve oportunidade de aprimorar seus conhecimentos profissionais:

(...)absorvia-me a aventura de fazer uma revista (...) Eu fazia praticamente tudo. Traduzia textos... Como os exemplares eram impressos nas oficinas de um jornal chamado *A Nação*, aprendi da forma mais primitiva a marcar a tipologia, diagramar uma página, acertar um texto.<sup>92</sup>

Além de reprodução do conteúdo, havia espaço para a publicação de material inédito de colaboradores brasileiros. Em suas memórias, Wainer referiu-se em especial aos “professores de esquerda” da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, destaque dado a Hermes Lima, Castro Rabelo e Leônidas Rezende:

Estávamos em 1935, um ano marcado pela ascensão das esquerdas no Brasil, e eu simpatizava com suas bandeiras. (...) A revista costumava abrir-se, na área internacional, às mais distintas correntes do pensamento político. No plano nacional, contudo, só publicávamos textos de autores com posições esquerdistas, ou pelo menos nitidamente democráticas (...)<sup>93</sup>

Por não concordar com a exigência do filho do proprietário, que queria incluir um artigo assinado pelo integralista Miguel Reale, fato que provocaria uma mudança radical na linha editorial adotada, Samuel Wainer abandonou a publicação.

Em meados de 1935, valendo-se de contatos estabelecidos com o paulista Caio Prado Júnior, colaborador da *Revista Brasileira*, Wainer lançou a efêmera *Revista*

---

<sup>91</sup> WAINER, 2005. P. 55-56.

<sup>92</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>93</sup> *Id.*

*Contemporânea*. O intelectual paulista teria se comprometido a comprar e distribuir 2.000 exemplares. Mas, mesmo com tal apoio, a iniciativa não resistiu ao primeiro ano de fundação.<sup>94</sup>

Note-se que, de acordo com o discurso presente em *Minha Razão de Viver*, o jovem Samuel Wainer já revelava grande interesse no aprimoramento profissional; mesmo com a pouca idade e experiência no jornalismo, demonstrava iniciativa e desenvoltura na constituição de projetos editoriais; por último, mas não menos importante, já revelava seu compromisso com a defesa dos ideais democráticos.

Características estas que supostamente se tornariam plenamente visíveis no momento em que esteve envolvido no projeto de um novo periódico. A oportunidade surgiu em inícios de 1937, quando se tornou auxiliar de Antônio do Azevedo Amaral, antigo companheiro de *Almanaque Israelita*. Sua função principal era transcrever artigos ditados pelo experimentado jornalista e intelectual, que então já se encontrava cego.

Depois de algum tempo de convívio, Wainer foi convidado por Amaral para participar do lançamento da revista *Diretrizes*. Valendo-se de recurso comumente utilizado em sua autobiografia, o autor pretendeu restabelecer o diálogo que deu início a um capítulo fundamental de sua história de vida:

Ao ouvir a proposta, reagi (Wainer) como se a idéia e uma revista mensal fosse algo em gestação já há longo tempo (...) A idéia essencial era fazer uma revista determinada a registrar a vida política nacional daquele momento. Parecia absurda. Afinal, não havia Congresso, nem partidos, a censura afiava suas garras. Mas o mundo estava às vésperas da guerra, o Brasil estivera em franco processo de politização nos anos anteriores e havia leitores à espera de que estivesse disposto a dizer, ou

---

<sup>94</sup> Ibid., p. 58. Apesar de Samuel Wainer não definir a causa do fechamento da revista ocorrido em 1935, pode-se inferir que a prisão de Caio Prado Jr. tenha sido fundamental. O intelectual ocupava a época o cargo de vice-presidente da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em São Paulo, além de pertencer aos quadros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) desde 1930. Após a decretação da ilegalidade da ANL, Caio Prado Jr. foi detido na capital gaúcha em 27 de novembro de 1935 sob alegação de exercer “atividades subversivas”. Depois de liberado pelas autoridades policiais, retornou a São Paulo, onde foi novamente encarcerado, passando dois anos internado no presídio Maria Zélia.



pelo menos tentar dizer, a verdade. (...) Azevedo Amaral achou a idéia interessante.<sup>95</sup>

Em seguida, a atenção voltou-se para o levantamento dos recursos necessários à materialização do projeto. A solução coube a Azevedo Amaral que, utilizando-se de seus estreitos vínculos com os mandatários da empresa canadense do setor de transportes e energia, a *Light and Power*, conseguiu subvenção mensal de dois contos de réis.

É interessante notar que apesar de reservar a Amaral os créditos pela idéia original da revista, bem como os méritos da obtenção do capital, Samuel Wainer imputou a si a decisão da linha política adotada no periódico. Da mesma maneira, colocou-se como único responsável pela estruturação da equipe de redação, formada inicialmente por Rubem Braga e Osório Borba.

*Diretrizes* foi lançada em abril de 1938, o mesmo mês do primeiro frustrado *putsh* da Ação Integralista Brasileira. Apesar dos camisas-verdes serem contidos com relativa facilidade pelas autoridades, a força dos simpatizantes do nazi-fascismo ainda se fazia sentir, inclusive em altos escalões da ditadura estadonovista: “*Diretrizes* tinha um poderoso inimigo a combater.”<sup>96</sup>

Mesmo com o deliberado propósito oposicionista, o número inaugural da revista pautou-se por um rígido equilíbrio editorial, dada a vigilância governamental. Na edição havia, por exemplo, um texto de Osório Borba acerca da ditadura peruana e um artigo assinado por Amaral elogiando o Estado Novo.

A prudência adotada diante da constante censura também nortearia a montagem do conselho diretor do periódico:

(...) figuravam nomes como Astrojildo Pereira, um dos fundadores do PCB, e Graciliano Ramos, um opositor histórico do Estado Novo. Mas

---

<sup>95</sup> WAINER, 2005. P. 60.

<sup>96</sup> Ibid., p. 60.

ali também estava, por exemplo, a poetisa Adalgisa Nery, casada com Lourival Fontes, o todo-poderoso do DIP.<sup>97</sup>

A boa acolhida de público e crítica contribuiu para que se juntassem ao grupo nomes que posteriormente seriam “...transformados em freqüentadores obrigatórios de qualquer antologia literária”. Além de Osório Borba e Rubem Braga, *Diretrizes* agregou ao seu rol de colaboradores Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Aníbal Machado. A consolidação de uma verdadeira equipe evoluiria a bom termo mesmo sob grandes limitações materiais:

(...) Os salários eram baixos, a subvenção da *Light* era insuficiente para garantir uma folha de pagamentos atraente. O restante viria do dinheiro obtido com a venda de exemplares. A redação de *Diretrizes* funcionava numa saleta do apartamento de Azevedo Amaral, e utilizávamos uma pequena oficina para a impressão. O ponto de encontro do pessoal de *Diretrizes* era o Amarelinho, um bar da Cinelândia(...)<sup>98</sup>

A rápida afluência de importantes personagens do mundo intelectual e jornalístico também foi explicada como resultado de interesses de ordem política. A partir de seu segundo número, *Diretrizes* teria despertado a atenção de setores da esquerda, sobretudo do Partido Comunista Brasileiro (PCB), transformando-se em “...pólo para onde convergiam os sobreviventes da resistência à ditadura de Getúlio Vargas.”<sup>99</sup>

Em sua autobiografia, Samuel Wainer afirmou que tinha consciência da influência dos comunistas junto à redação, todavia jamais imaginara a existência uma

---

<sup>97</sup> WAINER, 2005, p. 62. Apesar de Wainer não definir a data exata, visto se referir aos momentos iniciais da publicação inferimos que a formação do conselho diretor de *Diretrizes* tenha ocorrido em 1938. É necessário ressaltar que o órgão responsável pelo controle dos meios de comunicação neste ano era o Departamento Nacional de Propaganda. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) surgiria somente em dezembro de 1939, com atribuições e recursos de maior envergadura. Ambos foram dirigidos por Lourival Fontes que se casaria com a escritora Adalgisa Nery em 1940.

<sup>98</sup> Ibid., p. 61.

<sup>99</sup> Ibid., p. 61.

deliberada intenção da alta cúpula do partido em controlar a revista. Propósito confirmado décadas a frente, quando o jornalista pernambucano Octávio Malta, também integrado a redação em 1938, confessou ter sido enviado pelo PCB para cumprir esta missão. De acordo com o autor Wainer:

Eu (Wainer) cuidava, sobretudo do aspecto formal da revista. (...) Evidentemente, também interferia no conteúdo das reportagens (...) Mas não compreendia, ou não queria compreender, que a linha editorial... estava atendendo outros interesses. (...) <sup>100</sup>

E complementa:

Essa miopia política, que me ofuscava a visão de coisas óbvias como a presença do PCB no cotidiano de *Diretrizes*, tem causas facilmente identificáveis. Eu estava deslumbrado (...) surpreendera-me amigos de intelectuais como Jorge Amado, Zé Lins, Graciliano, Raquel de Queiroz (...) Participava de rodas animadas pelas músicas de Dorival Caymmi (...) Sentia-me honradíssimo por tantos privilégios. <sup>101</sup>

Foi neste período de formação do grupo de colaboradores que Samuel Wainer travou contato mais íntimo com Carlos Lacerda. O então jovem comunista colaborava com a revista mesmo na clandestinidade e perseguido pela polícia. <sup>102</sup>

O autor afirmou que a progressiva formação de uma equipe com nítido perfil de esquerda provocou graves atritos com Azevedo Amaral. Logo em uma das primeiras edições, o experiente jornalista viu-se envolvido em estratégias que o colocariam em posição delicada diante as autoridades do Estado Novo.

Como exemplo, Samuel Wainer descreveu a oportunidade em que convenceu Amaral a escrever um artigo que desmentia a versão oficial sobre a Guerra Civil

---

<sup>100</sup> Ibid., p. 64.

<sup>101</sup> Ibid., p. 64.

<sup>102</sup> Ibid., p. 86. J. W. F. Dulles confirma tal informação, acrescentando que Samuel Wainer comparecia ao refúgio de Lacerda trazido por Moacir Werneck de Castro, jornalista que posteriormente trabalharia em *Diretrizes*. Cf. DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda: A Vida de um Lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 1992. P. 57.

Espanhola, segundo a qual, desde o início das hostilidades, não houve qualquer resistência popular ao avanço das tropas do General Franco.

Graças às “estreitas relações” do experiente jornalista junto ao Departamento de Imprensa e Propaganda, a matéria pode ser publicada. Em contrapartida, tendo em vista a repetição de episódios do gênero, todos com má repercussão junto aos círculos governamentais, Azevedo Amaral decidiu abandonar a revista.

Informado da decisão, restou a Wainer referir-se ao desligamento:

Ele (Amaral) ficaria com os dois contos da *Ligth*, eu (Wainer) com o título. (...) acertamos que ele continuaria a assinar a principal reportagem internacional da revista. A busca de um desquite amigável resultaria inútil. Quinze dias depois... Azevedo Amaral lançou uma revista chamada *Nova Diretrizes*, abertamente financiada pelo DIP. E em franca oposição à nossa.<sup>103</sup>

Finda a divisão interna, o grupo responsável pelo periódico estava livre para construir a revista mais adequada ao Brasil daquele momento. A luta contra o nazifascismo e seus aliados, que marcou as páginas de *Diretrizes* desde o início, seria intensificada. A forte presença de admiradores de Hitler e Mussolini nas Forças Armadas brasileiras transformou tal posicionamento em claro sinal desacordo político.

A tática utilizada para burlar a repressão baseava-se em agir como se o Estado Novo não existisse, todos os inimigos a serem atacados concentravam-se no exterior. Segundo o autor, tal recurso funcionou sem maiores complicações até finais de 1938, momento em que o governo brasileiro deu indícios de que sua política externa pedia para o lado da Alemanha Nazista.<sup>104</sup>

A fim de comprovar tal assertiva, de modo semelhante ao feito no caso da perseguição dos militares a *UH*, o autor narrou a ocasião em que fora chamado ao

---

<sup>103</sup> WAINER, 2005, p. 65.

<sup>104</sup> Ibid., p. 66.

Ministério da Guerra, local que despertava o terror entre os jornalistas de oposição. Wainer seria recebido pelo chefe de gabinete do General Eurico Gaspar Dutra.

O major Afonso de Carvalho era “...figura sinistra, ostensivamente fascista...” e exigia a alteração da capa de *Diretrizes* que estampava lado a lado a figura do presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, e de Getúlio Vargas, alegando que a edição contrariava a orientação diplomática do país. Sob a ameaça de suspensão da revista, Wainer foi obrigado a retirar a imagem, sem modificar sequer uma linha do conteúdo da edição.

Outro acontecimento importante para a redefinição do posicionamento político do periódico processou-se em julho de 1940. A declaração de Getúlio Vargas à bordo do navio *Minas Gerais* foi interpretada como formalização extra-oficial do alinhamento brasileiro ao bloco de nações capitaneado pelo Terceiro Reich.

A partir deste momento, a margem de críticas ao regime foi ainda mais reduzida, pois o poder da ala do governo favorável ao bloco aliado parecia ter sido suplantado pelo de setores declaradamente simpáticos às forças do Eixo Nazi-Fascista, especialmente o militar.

Embora a vigilância da ditadura estadonovista tenha sido considerada um sério empecilho, em *Minha razão de Viver* o principal obstáculo à manutenção do compromisso antifascista surgiu dentro da redação. A notícia da assinatura do pacto germano-soviético em agosto de 1939, surpreenderia a todos em *Diretrizes*:

(...) aquilo representou um desastre moral. Até então, adotávamos uma linha abertamente antinazista e antifascista. Com a assinatura do pacto, ficamos perplexos. Como sair daquele impasse? Reunimo-nos para debater a questão, mas não havia solução possível. Os comunistas, sempre disciplinados, tinham de apoiar o que Stalin decidira. Como eu (Wainer) era controlado pelos comunistas da redação, acabei concordando. Foi a fase mais difícil de *Diretrizes*.<sup>105</sup>

---

<sup>105</sup> WAINER, 2005. P. 66.

É interessante notar que o autor não ofereceu qualquer indicação mais detalhada sobre qual o enfoque dado à cobertura jornalística sobre a Segunda Guerra Mundial entre segundo semestre de 1939 e inícios de 1941. Restringiu-se apenas a afirmar que, diante do posicionamento dos comunistas, o grupo responsável pela revista decidiu explorar o filão jornalístico do nacionalismo.

Caberia a *Diretrizes* “...desencadear a campanha de nacionalização do sul do Brasil...”, supostamente apoiada por Cordeiro de Farias, interventor federal no Rio Grande do Sul, tal atitude visava combater ações de sabotagem e espionagem de imigrantes e descendentes de alemães.

Outro traço marcante da publicação seria a produção de grandes reportagens. Por volta de 1939, *Diretrizes* publicou uma série de matérias comprovando que o Brasil era detentor de importantes jazidas de petróleo e apoiando setores do governo que defendiam o monopólio estatal do produto. Dada a polêmica criada em torno da questão, o DIP estabeleceu medidas que proibiam a continuidade dos debates sobre o assunto.<sup>106</sup>

Em 1941 o órgão interferiu novamente, desta vez devido às denúncias de irregularidades na obtenção de capitais para a construção de usina siderúrgica em Volta Redonda. Segundo Wainer, pessoas mal intencionadas aproveitaram-se para vender ações de companhias fictícias. O governo foi obrigado a tomar medidas para evitar distúrbios. Apesar da censura “... a ditadura do Estado Novo, que fora no mínimo conivente com aquilo tudo, teve sua credibilidade fortemente abalada.”<sup>107</sup>

Outro assunto considerado tabu e que recebeu espaço nas páginas da revista dizia respeito à morte de Euclides da Cunha. Após longos anos de silêncio, o general

---

<sup>106</sup> Ibid., p. 74-75.

<sup>107</sup> Ibid., p. 72-73.

Dilermando de Assis declarou que a real motivação fora seu envolvimento com a mulher de literato que, aguçado pelo ciúme, resolveu desafiar o militar a um acerto de contas.

Segundo Wainer, até aquele momento considerava-se que Euclides havia sido alvo de um atentado político. Tal idéia era defendida pelo PCB, que transformara o autor de *Os Sertões* em um de seus mártires. A revelação causou alvoroço na redação da revista, dominada pelos comunistas. Após vencer a resistência de Francisco Assis Barbosa, repórter incumbido de escrever entrevista, Wainer conseguiu veicular a matéria. Todavia:

Essa decisão faria desabar sobre meus ombros a fúria do Partido Comunista – um de seus heróis, afinal, fora ultrajado. *Diretrizes* foi colocada sob suspeita de estar a serviço da ditadura, dirigentes do PCB acusaram-me de fascista, traidor.<sup>108</sup>

Apesar de toda sorte de obstáculos, a revista conseguiu chegar ao final de 1940 com uma tiragem de 4.000 a 5.000 exemplares e adquiriu boa ressonância junto ao público leitor. Além de assuntos políticos, havia sido criadas seções de humor e espaços de discussão literária. Todavia, mesmo com o aumento da publicidade, a falta crônica de recursos permaneceria.

Decidiu-se então procurar a ajuda de algum “capitalista”. Dentre os vários nomes aventados, escolheu-se o de Maurício Goulart. Aceito o convite, o industrial paulista decidiu investir o montante de cem contos de réis, dinheiro utilizado para transformar *Diretrizes* em uma publicação semanal.<sup>109</sup>

Com a melhora considerável das condições financeiras da publicação, a tiragem alcançaria rapidamente a casa dos 20.000 exemplares vendidos por edição, mas permaneceria em aberto a solução do problema gerado pela trégua entre comunistas e

---

<sup>108</sup> Ibid., p. 77.

<sup>109</sup> Ibid., p. 71.

nazi-fascistas. Wainer declarou que, aproximadamente seis meses antes da ruptura do acordo Hitler-Stalin, causada pela invasão da União Soviética por forças do Eixo, deu seu “grito de independência”, ordenando a publicação de uma série de matérias sobre a guerra.

Conforme declarou em suas memórias, a percepção da real possibilidade de vitória dos Aliados na guerra contribuiria para que sua decisão fosse aceita. Concomitantemente, as pressões sobre a posição do governo brasileiro na contenda mundial intensificar-se-iam.

Ao realizar ampla cobertura das constantes visitas de norte-americanos, enviados com o propósito de atrair o Brasil ao bloco das chamadas “democracias”, e obter o auxílio do serviço de propaganda inglês, que disponibilizaria todo tipo de informação, *Diretrizes* transformou-se em um dos principais pólos do esforço antinazista.<sup>110</sup>

Após um período de extrema discrição, Maurício Goulart passou a interferir diretamente nas decisões do conteúdo das reportagens, pressionando o restante da equipe a desafiar frontalmente a ditadura estadonovista, atitude que vinculava-se ao seu crescente envolvimento com o núcleo de adversários do regime.

Tal grupo promovia anualmente uma missa em homenagem ao político mineiro Pedro Aleixo, um dos principais líderes da oposição e antigo deputado que perdeu o mandato com o advento do Estado Novo. Ao participar do evento em finais de 1942, Goulart exigiu que algo fosse publicado em *Diretrizes*. Mesmo ao considerar impossível o consentimento do DIP, Wainer teria levado a edição aos censores:

O veto... veio acompanhado de uma ordem emitida por Lourival Fontes: ou Maurício Goulart deixava a revista, ou *Diretrizes* deixava de circular. Fui (Wainer) a Goulart e lhe transmiti o ultimato: era ele ou a revista. Sempre elegante... resolveu afastar-se (...)<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> WAINER, 2005. P. 71.

<sup>111</sup> Ibid., p. 79.



Após retomar o controle acionário do periódico, Wainer aproveitou a possibilidade de ampliar ainda mais seu *perfil democrático*. A margem de manobra teria sido ampliada significativamente, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado das forças lideradas pelos Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra.

Ele afirma que estimulou a produção de uma série de reportagens com o título “Memorialismo Libertário”, para lembrar ao país o que já se tinha feito na luta pela liberdade. Matérias sobre Pedro Ernesto, ex-prefeito do Rio de Janeiro e então acusado de comunismo, a história da Coluna Prestes, textos com os perfis de personagens como Siqueira Campos e Juarez Távora seriam publicados.

O ambiente era propício para tal iniciativa, visto ser complicado para o DIP justificar retaliações a textos produzidos em homenagem a líderes do tenentismo e da Revolução de 1930. Por outro lado, *Diretrizes* não estaria mais isolada em sua luta contra os ideais do nazi-fascismo, pois “...praticamente todos os jornais haviam embarcado na causa dos Aliados.”<sup>112</sup>

Conforme o presente em *Minha Razão de Viver*, esta estratégia funcionaria a bom termo até inícios de 1944, momento em que foi decidido entrevistar o famoso dirigente da Internacional Comunista, Fernando Lacerda. Wainer foi avisado por membros da equipe sobre o perigo de tal iniciativa, todavia elaborou uma edição a ser aprovada pelo DIP e, com a ajuda de alguns funcionários, alterou-a por completo durante a madrugada, incluindo as declarações de Lacerda.

No seu primeiro dia de circulação a edição da revista esgotou. O entrevistado e o responsável por *Diretrizes* foram encarcerados por aproximadamente um mês. Graças à

---

<sup>112</sup>WAINER, 2005. P. 79.

amizade junto ao então chefe de polícia Alcides Etchegoyen, o episódio não desencadeou um processo no temido Tribunal de Segurança Nacional.<sup>113</sup>

Ao fazer um balanço retrospectivo desta época, Samuel Wainer afirmou que ao encampar reportagens deste tipo visava fechar o periódico:

Entre abril de 1938 e julho de 1944, *Diretrizes* sustentou contra o DIP uma luta sem tréguas, apoiada pelo entusiasmo ideológico e pela capacidade intelectual de cada um de seus componentes. Essas virtudes compunham seu capital. Em 1944, a revista estava profissionalizada, mas devia sua sobrevivência à visão romântica que tínhamos do jornalismo. Faltavam anunciantes, faltava capital, a venda em bancas não bastava para assegurar salários justos para os homens que faziam a revista e a dívida com a gráfica aumentava. Ainda assim prosseguíamos. Também o eterno combate de gato e rato travado com o DIP começava a nos cansar.(...) No primeiro semestre de 1944, contudo, a luta contra toda a espécie de adversidade se mostrava demasiado exaustiva.<sup>114</sup>

O golpe de morte veio com outra reportagem bombástica. Desta vez o foco de atenção foi o general Miguel Costa. O militar, que junto a Luis Carlos Prestes liderou a Coluna Invicta, sempre era hostilizado por seus pares. Desta maneira, qualquer menção aos seus feitos era uma nítida provocação as Forças Armadas.

Em 4 de julho de 1944 a edição foi enviada ao Departamento de Imprensa e Propaganda. O órgão rapidamente informou que a cota de papel da revista fora cancelada, o que significava a paralisação de suas atividades.<sup>115</sup>

Após esboçar reação e elaborar uma carta de protesto, também entregue ao presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), e comunicar seus companheiros sobre a situação, Wainer refugiou-se na Embaixada do México. Aceito seu pedido de asilo pelas autoridades diplomáticas e pelo governo brasileiro, seguiu para o Rio Grande do Sul e daí para os Estados Unidos.

---

<sup>113</sup> Ibid., p. 80-81.

<sup>114</sup> Ibid., p. 81.

<sup>115</sup> Ibid., p. 82.

Como se vê, a narração construída por Samuel Wainer a respeito de sua experiência em *Diretrizes* se assemelha muito a sua empreitada a frente da *UH*. Inovações gráficas, compromisso com os ideais democráticos, justiça social, nacionalismo e, sobretudo, a constante perseguição promovida pela direita política e Forças Armadas.

Segundo o autor, a única diferença substancial existente entre os periódicos se relacionou ao posicionamento assumido em relação a Getúlio Vargas, combatido veementemente nos anos 1930-1940 e apoiado irrestritamente nos anos 1950. Alteração substancial justificada não como produto de seu interesse pessoal em enriquecer ou ganhar prestígio, mas como reflexo da profunda modificação político-ideológica do líder gaúcho que, de ditador simpático ao nazi-fascismo, passou a representar o ideário nacional-popular de esquerda.

Como se procurará demonstrar, tanto o surgimento da revista *Diretrizes* como a proposta política defendida inicialmente em suas páginas diferiram do sentido registrado nas declarações de jornalista Samuel Wainer.

## ***2 - Diretrizes para a política, economia e cultura: a fase Azevedo Amaral***

Diferentemente da versão defendida por Samuel Wainer, o lançamento de *Diretrizes* deve ser relacionado à larga experiência acumulada por Antônio do Azevedo Amaral em iniciativas do gênero e, principalmente, à particular interpretação que possuía acerca do papel a ser exercido pela elite intelectual diante da nova “fase histórica” instaurada pelo Estado Novo.

Sendo assim, procurar-se-á tecer considerações sobre a longa trajetória de Amaral no mundo jornalístico nacional das duas primeiras décadas do século passado para em seguida ressaltar-se alguns dos pontos principais de seu pensamento político.

### *- A trajetória de Azevedo Amaral*

Filho de um importante político e fazendeiro do Segundo Reinado, Antônio José de Azevedo Amaral iniciou sua colaboração na grande imprensa por volta de 1901. Envolvido ativamente no movimento estudantil da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, viu publicado um manifesto de sua autoria no jornal carioca *Gazeta de Notícias*.<sup>116</sup>

A repercussão obtida pelo texto elaborado em repúdio ao novo código de ensino garantiu-lhe o convite para incluir artigos na seção *A pedidos* do *Jornal do Comércio*. Obtido o diploma e após breve exercício da atividade clínica, Amaral partiu com destino à Inglaterra.

Durante o primeiro período em que permaneceu no continente europeu (1906-1916) enviou farto material jornalístico que foi veiculado em periódicos como *A Notícia*, *A Gazeta de Notícias* e o próprio *Jornal do Comércio*. Todavia, foi a atuação

---

<sup>116</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *Orientações do Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1942, p. 21-22.

como correspondente internacional do *Correio da Manhã* que tornou seu nome conhecido do grande público.<sup>117</sup>

Ao voltar para o Brasil, assumiu o cargo de redator-chefe do *Correio*, alcançando rapidamente o posto de diretor da publicação. De acordo com Nelson W. Sodré, Amaral abandonou o diário de Edmundo Bitterncourt em 1917, dado o diferente posicionamento em relação à entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial.<sup>118</sup>

Em 1919, em associação a Paulo Barreto e Georgino Avelino, fundou o efêmero *Rio-Jornal*, passando logo em seguida para a chefia de redação de *O País*. Em 1921, em parceria com Virgílio de Melo Franco, lançou o jornal *O Dia*. Após novo insucesso, dirigiu-se a São Paulo a fim de organizar a revista *Política e Finanças*.<sup>119</sup>

Terminada a experiência na capital paulista, integrou à equipe de Assis Chateaubriand, que então empreendia a construção de seu império de comunicações. Responsável pelo *Boletim Internacional* de *O Jornal*, passou mais uma temporada no Velho Continente. Retornou definitivamente ao Rio de Janeiro em 1932, integrando a equipe de *A Nação*, além de se envolver na fundação de mais um diário, a *Gazeta do Rio*.

Por volta de finais dos anos 1920, Azevedo Amaral procurou conciliar esta atividade na imprensa e uma participação mais intensa no debate intelectual acerca dos problemas nacionais, dedicando-se a escrita de obras voltadas ao pensamento político.

Como ressalta Mônica P. Velloso, este foi o momento em que boa parcela da intelectualidade brasileira construiu um discurso pautado em um forte apelo nacionalista. Considerando-se detentora de uma identidade particular que a distinguia

---

<sup>117</sup> Ibid., p. 25.

<sup>118</sup> Ibid., p. 32. O autor vincula a saída de Amaral a seu posicionamento favorável a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial ao lado das forças lideradas pelos Estados Unidos. Bitterncourt reprovaria veementemente tal posição, defendendo a causa alemã.

<sup>119</sup> *Idem*.

do restante da sociedade e convencida de sua posição privilegiada para a elaboração de diagnósticos e soluções precisas as mais variadas questões da sociedade, esta “elite” procurou interferir diretamente no processo de organização nacional.<sup>120</sup>

Após a ruptura da estrutura institucional provocada pela vitória do movimento cívico-militar de 1930 e a grande indefinição quanto ao caráter da nova estrutura de poder, nota-se o crescimento da atuação de intelectuais junto a organizações de cunho religioso e em grupos mais diretamente envolvidos na disputa política. Muitos aderiram abertamente ao comunismo e fascismo, ideais então com grande prestígio nos círculos culturais internacionais, em um contexto de crise econômica generalizada, recrudescimento das agitações sociais e contínua tensão entre as principais potências do planeta.<sup>121</sup>

A crítica cerrada aos tímidos resultados alcançados por um sistema republicano inspirado no modelo liberal unia todas estas tendências, sendo considerado como mero instrumento do poder das oligarquias, que em nenhum momento colocaram no raio de suas aspirações o saneamento das mazelas da maioria absoluta da população. A ausência de atenção ao temas educação, saúde, cultura, além do desenvolvimento econômico, era vista como comprometidora do progresso do país, exigindo imediatas e sólidas políticas públicas nas mais diversas áreas.

Os indicativos de implantação de um Estado centralizador e intervencionista foram encarados com bons olhos, pois acenavam justamente ao caminho que a

---

<sup>120</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. IN: FERREIRA, Jorge F.; DELGADO, Lucília de Almeida N. *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 2 v. P. 147 et seq.

<sup>121</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Vargas, os Intelectuais e as Raízes da Ordem*. In: D'ARAÚJO, Maria Celina (org.). *As Instituições Brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: EDUERJ/FGV, 1999. P. 89. Quanto ao papel das classes sociais na Revolução de 1930, bem como do próprio perfil do regime que a sucedeu, consultar: FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30. História e Historiografia*. São Paulo: Cia das Letras, 1975. DECCA, Edgar de. *O Silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981. GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Vértice, 1988

intelectualidade havia proposto, encerrando uma era de descaso e abandono. Desta maneira, tornar-se-ia compreensível a adesão em massa da *intelligentzia* ao chamado de um governo que se arvorava como desvinculado de regionalismos desagregadores, modelo de racionalidade e planejamento.<sup>122</sup>

Azevedo Amaral definiu firmemente sua posição diante das discussões quanto ao imperativo de uma ampla e significativa readequação da organização político-administrativa do Estado brasileiro e do paralelo redimensionamento das relações deste com outras esferas da sociedade.

Desde *Ensaio Brasileiro*, sua primeira obra de relevo e que foi publicada às vésperas do Golpe de 1930, o citado intelectual procurou definir como pressuposto básico para a superação dos entraves ao desenvolvimento espiritual e material do país uma mudança de perspectiva de sua estrutura institucional, de modo transformar a República em expressão concreta das raízes históricas e sociológicas da nacionalidade.<sup>123</sup>

A modernização da máquina administrativa foi objeto recorrente de suas preocupações. O papel reservado a um seleto grupo de homens tecnicamente habilitados na condução dos novos, variados e prementes problemas do país foi visto como fundamental. Para tanto, o Estado deveria possuir instrumentos eficazes para a promoção de suas ações, o que envolvia evidentemente a modificação do princípio que norteava sua organização.

Segundo Amaral, o novo Estado Brasileiro deveria relegar ao passado todas as regras e “formalidades” do sistema político vigente. Via nas disputas eleitorais apenas querelas de grupelhos interessados em obter vantagens, em detrimento do bem público.

---

<sup>122</sup> SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra/FGV, 2000.

<sup>123</sup> AMARAL, Azevedo. *Ensaio Brasileiro*. Rio de Janeiro: Omena & Barreto, 1930.

Em substituição, propunha a instalação de um Estado Autoritário, no qual o exercício do poder deveria exceder atribuições determinadas pelo sistema democrático-liberal.

Ao Executivo cabia coordenar as ações governamentais com rapidez e eficiência, restabelecendo o princípio democrático da autoridade, supostamente desvirtuado ao longo de todo o século XIX na Europa. A instalação do autoritarismo seria condizente com as tradições e evolução da nação, o único capaz de acabar com fatores de desagregação social em curso.<sup>124</sup>

A revigorada democracia brasileira também substituiria o ultrapassado ideal de representação parlamentar. Em seu lugar Amaral defendeu a instalação de uma estrutura corporativa, única que cumpria objetivamente a condição de se inserir as “forças vivas da produção” (capital e trabalho) nos círculos decisórios, cabendo ao Estado coordená-las a fim de que formasse um todo orgânico, integrado e harmonioso.

Na esfera econômica a organização nacional deveria se pautar pelo equilíbrio entre intervenção estatal e livre exercício da iniciativa privada. Incluiu-se entre os defensores da industrialização, admitindo a entrada de capitais estrangeiros para a promoção rápida do desenvolvimento.<sup>125</sup>

Já presente em sua obra de estréia, a afirmação da incompatibilidade entre a estrutura jurídica e a realidade objetiva do país foi ponto comum tratado em seus textos posteriores. Da mesma maneira, Amaral empreendeu um esforço em adaptar sua proposta à evolução dos principais acontecimentos políticos ocorridos no Brasil e no

---

<sup>124</sup> A obra de Azevedo Amaral é considerada como uma das principais balizas da matriz autoritária do pensamento político brasileiro. Ver: LAMONIER, Bolívar. *Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação*. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1977. Tomo III, 2 v. P. 343-374.

<sup>125</sup> ABREU, Alzira A. (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. 1 v. P. 194-195.



mundo, assim como acompanhar a produção bibliográfica internacional acerca de temas como corporativismo, por exemplo.<sup>126</sup>

Entre os anos de 1932 e 1936, sua atuação se pautou na realização de conferências, publicação de artigos e ensaios que versavam sobre a estrutura política e institucional do país. São deste período: *O Brasil e a crise atual* (1934), *A Aventura política do Brasil* (1935), *Renovação Nacional* (1936).

O ano de 1938 se revelou como propício à intensificação de suas atividades no cenário público. As vésperas do lançamento da revista *Diretrizes*, chegava às livrarias seu mais novo livro: *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*.

Nesta obra se propôs a definir as linhas fundamentais do corpo doutrinário do Estado Novo, visto como exemplarmente integrado à Constituição de 10 de novembro de 1937. De acordo com o intelectual, o corpo jurídico que se diferenciava de todos os outros estatutos vigentes na história política do Brasil justamente por se pautar única e exclusivamente na análise objetiva da realidade histórica e das necessidades do país.<sup>127</sup>

O nacionalismo político relegava ao passado o parlamentarismo dos tempos do Império, a extrema descentralização político-administrativa da República Velha e, principalmente, a “miscelânea de ideologias irreconciliáveis” do corpo jurídico de 1934. O restabelecimento do princípio de centralização no Executivo era visto como baliza central das instituições brasileiras, garantia do pleno alcance dos objetivos da coletividade e manutenção da integridade territorial.

Dentre os supostos méritos da nova Constituição ganhava destaque a criação de instrumentos eficazes contra o comunismo, “tendência perigosa” que havia ameaçado

---

<sup>126</sup> MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1978. P. 69-79.

<sup>127</sup> AMARAL, Antônio de Azevedo. *Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. P. 132.

seriamente a sociedade em uma série de “motins” em 1935. Em meio aos graves acontecimentos o Parlamento dera provas de inércia e incapacidade em defender ao Estado, restringindo seriamente a capacidade do Executivo em criar barreiras contra o perigo bolchevista.

Ao lado de críticas à paralisia do sistema democrático-liberal surgido após 1934, Azevedo Amaral teceu duras críticas ao integralismo, visto por muitos como uma alternativa consistente para a superação do então reinante clima de medo e instabilidade no Brasil.<sup>128</sup>

Em primeiro lugar, o autor ressaltava que os métodos de propaganda e organização do movimento não pertenciam à tradição e realidade do país, servindo apenas como estimulador de um pânico premeditado:

(...)que induzisse as classes capitalistas e a pequena burguesia a apoiá-los nas suas pretensões de conquista do poder (...) inventaram perigos imaginários (...) O resultado dessa propaganda foi alarmar as massas trabalhadoras criando nelas uma receptividade às influências das correntes extremistas (...)<sup>129</sup>

A tolerância em relação a sua ideologia, “importada do fascismo italiano”, explicava-se pelo senso de realidade do Presidente Getúlio Vargas que, diante da necessidade imediata de combate ao marxismo, tolerou e estimulou à Ação Integralista Brasileira. Todavia, Azevedo Amaral afirmava enfaticamente na dissociação entre a

---

<sup>128</sup> A Ação Integralista Brasileira foi fundada em 1932. Com um discurso nacionalista do nacionalismo, forte apelo católico e anticomunista, os chamados camisas-verdes atingiram grande prestígio em determinados meios intelectuais e setores militares. Apesar das expectativas de seus líderes em alcançar o poder com a instalação de um regime forte e centralizador como o Estado Novo, a AIB também foi colocada na ilegalidade. A Constituição de 1937 estabelecia a proibição da existência de partidos políticos. Consultar: TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

<sup>129</sup> Ibid., 123-124.

essência ideológica do Estado Autoritário e os postulados doutrinários defendidos pelos discípulos de Plínio Salgado.<sup>130</sup>

Somente aqueles que desconhecem completamente a história política das nações explicavam a emergência do autoritarismo como uma criação particular do fascismo. A associação das idéias de governo e autoridade era considerada como inerente a todas as formas de organização social, sendo abandonada somente no Ocidente sob a influência da Revolução Francesa:

A noção de um governo sem autoridade não faz parte da tradição da democracia moderna, que procede da evolução política da Inglaterra (...) a base do sistema representativo jamais associou ao conceito de representação a idéia de limitação da autoridade do poder público (...)<sup>131</sup>

Com o Estado Novo, a democracia readquiriria sua originalidade e substância, condição preliminar para o enfrentamento dos graves problemas econômicos e políticos então atravessados.

A peculiaridade do regime fascista e nazista não se relacionava ao aumento das atribuições do Poder Executivo na condução do Estado Nacional Moderno. O atributo maior da forma totalitária de governo estava na compressão e absorção de toda iniciativa e liberdade individual.<sup>132</sup>

Mesmo organizando-se de modo hierárquico a estrutura democrático-autoritária de poder respeitava o papel do indivíduo como elemento irredutível do funcionamento social. Visto como produto perfeito das profundas tradições e aspirações da sociedade, o Estado Brasileiro reserva a si apenas a tarefa de zelar para que em nenhum momento

---

<sup>130</sup> Seitenfus afirma que boa parte da imprensa internacional interpretou a instauração do Estado Novo como marco da entrada do Brasil no “círculo do fascio”. Consultar: SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos (1930-1942): o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985. P. 170.

<sup>131</sup> AMARAL, op. cit. P. 149-150.

<sup>132</sup> Ibid., p. 155.

esferas eminentemente privadas entrassem em conflito com o objetivo maior da ação governamental: a promoção do bem público.

Como se vê, o Golpe de 10 de novembro era considerado como inaugurador de uma nova fase da história brasileira. Dada a ampla significação do evento e mesmo acometido por grave doença degenerativa, o intelectual intensificou suas atividades no cenário público envolvendo-se na preparação de um novo projeto.

*Diretrizes* foi lançada como um empreendimento diretamente vinculado a sua figura. Ao longo do período em que ocupou o cargo de diretor - abril e outubro de 1938 - a revista apresentou uniformidade quanto ao formato, projeto gráfico, estruturação interna do material e tipo de conteúdo oferecido ao leitor. Somente a partir desse momento o até então secretário de redação Samuel Wainer tornou-se o principal responsável pelo periódico.<sup>133</sup>

Sob sua liderança foi iniciado um amplo processo de redefinição da linha editorial, público-alvo almejado e, sobretudo, uma sensível alteração dos compromissos políticos assumidos.

### ***2.1– Uma nova revista para um novo Brasil***

Não foram encontradas informações mais detalhadas sobre os preparativos de lançamento além das registradas por Samuel Wainer. De acordo com o jornalista, coube Azevedo Amaral o levantamento de recursos para a materialização do projeto editorial, obtidos graças as suas relações com *Ligth and Power*. Garantida a viabilidade

---

<sup>133</sup> WAINER, 2005, p. 60. A parceria estabelecida em 1937 entre Amaral e Wainer também incluiu a publicação do livro *Israel no presente e no passado*. Cf. *Dicionário Bibliográfico de Autores Brasileiros*. Salvador: CDPB; Brasília: Senado Federal, 1999. P. 37.

financeira, *Diretrizes- Política, Economia, Cultura* chegou ao mercado editorial em abril de 1938.<sup>134</sup>

Neste número de estréia, em lugar de um texto programático que indicasse os objetivos almejados, foi publicado um trecho *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. O excerto reproduzido na revista integrava o capítulo intitulado *A elite intelectual e o caráter evolutivo do Estado Autoritário*. Neste o autor afirmava que a livre expressão de pensamento era irrestrita na “nova ordem democrático-autoritária”. Liberdade compreendida como conceito independente ao de Igualdade, já que proporcional a capacidade mental e cultural de cada indivíduo.

Critério que *deveria* nortear a vigilância e coerção do Estado, instância suprema encarregada de eliminar todas as manifestações que incutissem na população princípios e ideais contrários à segurança e tranqüilidade da nação, a exemplo dos propugnados pelo comunismo e fascismo.

Ainda de acordo com Amaral, a questão da liberdade espiritual estava relacionada à função educativa do Estado Novo, entendida como formadora de uma mentalidade coletiva onde a consciência cívica da população estivesse em perfeita correspondência com a ideologia do regime. Tarefa central a ser orientada por aqueles detentores de grau mais “elevado” de inteligência e cultura, incapazes de perturbar a ordem estabelecida e aptos em expressar claramente para o restante da sociedade tudo o que nela surgia como sentimento e aspiração mal definida.<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup> Apesar de não vincular o surgimento de *Diretrizes* aos capitais da empresa, Nelson W. Sodré ratifica a informação do íntimo contato entre Azevedo Amaral e os mandatários da *Ligth*. O autor chega a afirmar que o a companhia mantinha em sua folha de pagamentos influentes personalidades que pudessem alterar a dinâmica de seus negócios no país. Dentre os nomes que figuravam na lista estaria o de Amaral. Consultar: SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. P. 115-116.

<sup>135</sup> *Diretrizes*, n.1, p. 50, abr.1938.

Mesmo ao contribuir como “órgão associado” ao poder público, o papel da intelectualidade não estava restrito a reproduzir rígidos esquemas doutrinários:

Ao lado dessa missão, a elite intelectual tem a exercer outra ainda mais profunda e de muito maior alcance nas suas finalidades. Cumpre-lhe revelar ao próprio Estado as possibilidades de desenvolvimento, incluídas como forças latentes no estilo atual das instituições.<sup>136</sup>

Para que cumprisse plenamente sua *missão*, os intelectuais não podiam sofrer restrições que comprometessem seu trabalho criativo. Pelo contrário, necessitavam de apoio e estímulo governamental, sob pena de comprometer irremediavelmente o funcionamento do regime e inviabilizar o alcance de suas realizações.<sup>137</sup>

Como inferimos pelo trecho citado, o lançamento deveria ser entendido como iniciativa deste grupo privilegiado, consciente de sua importância no “novo momento histórico”, disposto a participar ativamente nas decisões sobre os rumos do país e, principalmente, comprometido com o sucesso do regime capitaneado por Getúlio Vargas.

O título escolhido para a publicação demonstrava tal propósito, bem como os campos de ação privilegiados para a reflexão dos verdadeiros “elementos criativos da nacionalidade”: estabelecer os caminhos mais acertados para a política, economia e cultura do Brasil.

---

<sup>136</sup> Id., p. 51.

<sup>137</sup> Velloso considera esta postura em defesa da independência relativa da *intelligentzia* nacional uma particularidade importante do pensamento de Azevedo Amaral em relação ao discurso difundido pela ditadura estadonovista nos anos seguintes. Cf. VELLOSO, Mônica Pimenta. *Uma configuração do Campo Intelectual*. In: OLIVEIRA, L. L.; VELLOSO, M. P.; GOMES, A. C. *Estado Novo. Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. P. 73 Para Lúcia Lippi de Oliveira, dentro da divisão do trabalho intelectual que envolveu a elaboração do projeto ideológico do regime, coube a Amaral estabelecer a autoridade como aspecto fundamental de transformação da sociedade. Destaque a sua atuação junto a *Cultura Política*, revista fundada em 1941 e financiada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Autoridade e Política: O pensamento de Azevedo Amaral*. In: OLIVEIRA, 1982, P. 48-70.

Entre abril e outubro de 1938, *Diretrizes* se aproximava ao modelo de periódicos culturais em circulação à época. A revista manteve o mesmo formato (18,5 X 27,0 cm) e um padrão de sessenta e quatro páginas, impressas majoritariamente em papel jornal. A utilização do *couché* restringiu-se à composição das capas que traziam o título, os principais destaques da edição e uma grande imagem, a exemplo da estampada no número de estréia, elaborada pelo pintor Santa Rosa.<sup>138</sup>



Figura 1: Capa de *Diretrizes*, Abril de 1938

Apesar de ser verificada a presença de elementos gráficos como ilustrações, fotografias, charges, as páginas de *Diretrizes* foram amplamente dominadas por seções,

---

<sup>138</sup> WAINER, 2005, p. 60-61. Informação confirmada em um pequeno quadro publicado na última página da edição de estréia. Tomás Santa Rosa nasceu na Paraíba em 20 de setembro de 1909, todavia fez carreira na cidade do Rio de Janeiro. Obteve grande reconhecimento na pintura, ilustração, cenografia, ensino e crítica. Segundo Laurence Hallewell, Santa Rosa foi “o maior produtor gráfico de livros do Brasil”, responsável pela modificação estética do livro ao longo dos anos 1930 e 1940. Nesta área trabalhou na Editoria Schimdt e, a partir de 1937, na Editora José Olympio, além de presença destacada em publicações do Governo Federal. Cf. HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985. P: 376 et seq.


artigos, reportagens e demais escritos que em conjunto ocuparam cerca de 90% da revista.

O pouco espaço reservado para a veiculação de propagandas comerciais também se constituiu como outro traço marcante. Em média cada número trouxe três inserções, geralmente localizadas na parte interna da capa e contra-capas ou em meio às seções e demais matérias. É lícito supor que a ausência de maior número de anunciantes se deva ao fato do dinheiro obtido junto à *Light* ter possibilitado um ténue equilíbrio financeiro.<sup>139</sup>

48

**PRODUÇÃO SECUNDÁRIA**

A M. G. M. estragou Spencer Tracy e Loretta Young numa obra sem classe: "Laboratório do Destino" (Big City) aliás direção de Borzage — de onde se segue que continua em vigor aquilo dos coelhos de Homero. Outro fiavelo da Metro: "Felicidade de mentira" (The Bride Wore Red), direção de Dorothy Arzner; história-incoerente tirada de uma peça de Molnar, interpretada de Joan Crawford, Franchot Tone, Robert Young e principalmente Billie Burke... "Capito, molque tempos" (The Awful Truth), comédia repudiatíssima da Columbia, direção de Leo McCarey, com Irene Dunne e Cary Grant, obra trivial, monótona, de um localismo extremo, sem brilho e sem alcance... "Lafitte, o corsário" (The Buccaneer), folhetim histórico de De Mille, com um trabalho fortíssimo de Frederic March... "O prisioneiro de Zenda", United, aventura folhetinesca passada de tempo, com um bom desempenho (Ronald Colman, Aubrey Smith e sobretudo Douglas Fairbank)... "Domado Hollywood", musical, engraçado, produção Grand National, com James Cagney, o excelente Cagney.




**Curiosidades**

Entre os filmes exibidos, alguns merecem menção na categoria de curiosidades. Assim, temos os dois "Tovarich" (da época vladimiriana de Deval) um francês de França, outro francês de Hollywood (com Charles Boyer e Claudette Colbert, direção de Anatole Litvak)... O de França, dirigido pelo próprio Deval, é pior.

**Diretrizes**

Outra curiosidade: "Pagliacci", tirado da ópera de Leoncavallo, produção inglesa (Traiskow-Pink) interpretado alemão, Richard Tauber... Film-operático, mesmo, alterada a partitura para efeito do tema: "Pagliacci" apresenta um novo processo de colorido, "chemiololetar", invenção de Karl Grune, diretor da obra: é um



**Cladette Colbert, de Armand Luta**

sistema de duas cores, dando às cenas uma tinta verde-amalada e amarelo-pardo. O efeito não é lá grande coisa, mas foi empregado com cuidado. Finalmente "Revolução de Maio", produção portuguesa de propaganda do Estado Novo que, embora assim, é obra simpática, com uma cinematografia interessante e varias vezes realçada. No filme, uma gottuissima estrelinha, Maria Clara.

**OS FILMS FILM EXIBIR**

A título de curiosidade vamos indicar nesta rubrica, sempre, o peor film dos últimos trinta dias. Desta vez, a palma cabe a "Artista e Modelo", da Paramount, que, embora com varios elementos para ser uma obra-prima do genero, um film inassissível. Os demais films foram absolutamente insignificantes.

A proxima cronica versará sobre filmes estreando depois de dezto de abril ultimo.

**Movéis de luxo e arte**

Garantido e barato, só na

**A Renascença**

Rua do Catete, ns. 55 a 61

**A maior e melhor do Rio**

## A Austria e o declínio do ocidente

M. V. BERNARDOT - Padre dominicano

A Austria desaparecida e como que esquecida por um surpreendente protidigitador, dentre das nações estupefactas, não é somente um golpe de in-civél "habilitação política que nos sucede tragicoamente na memoria as palavras de Italo Calvino: "O "senchilus" é a guerra"; é, tambem, e sobretudo, para um creído, um drama religioso de consequências incalculáveis.

Não quero falar das perseguições que já começaram contra os nossos irmãos da Austria: dissolução das associações da juventude católica; prisão, anunciada e depois contestada, do arcebispo de Salzbourg e do arcebispo de Graz; recrutamento para as formações das juventudes hitleristas que substituíram a fé no sangue de Jesus Cristo pela fé no "sol e no sangue"; exílio ou detenção de todos aqueles que conhecemos muito bem e que se esforçavam corajosamente para viver como cristãos em Viena. Tudo isso já é bem cruel, e provoca logo, do "Osservatore Romano", um protesto angustioso.

Mas há qualquer coisa de mais grave que esse perigo imediato. É a ruptura, lenta mas inevitável, se não mudar o curso dos acontecimentos, da unidade da Europa; o declínio do Ocidente, o recuo do catolicismo numa grande parte da Europa. Al está, para o filosofo cristão, o verdadeiro desastre que a Igreja e a Europa acabam de sofrer. O declínio do Ocidente está inscrito na logica irrevocavel do nacional-socialismo. O que são, na realidade, a Europa e a civilização ocidental? Um complexo de culturas ligadas entre si por uma certa conexão do homem inspirada e penetrada de cristianismo. Romanismo, germanismo e cristianismo são os tres elementos que formaram a Europa e o Ocidente: os dois primeiros, que são culturais, forneceram como que a carne, e o cristianismo forneceu a alma. Antes do cristianismo não havia, com efeito, nem Europa nem Ocidente, mas somente um mundo mediterraneo. Foi o cristianismo, escreve Hickman, que primeiro "desenvolveu as duas forças — a do Sul mediterraneo e a do Norte

germanico da Europa — até soldá-las numa unidade superior, o Ocidente".

Esse trabalho penoso, esse equilibrio delicado de varios seculos está se desfazendo aos poucos olhos. Expandindo o cristianismo para suplanta-lo pelo culto da raça, impedindo de imprimir seu espirito de caridade e de fraternidade universal à vida politica, impedindo de fraternismo acido de novo e deliberadamente, a Europa em duas partes. É isso, sem dúvida, enquanto espera unificá-la sob a exclusiva civilização alemã, que seria a cultura nazista.

Ora, a Austria era o laço dos dois elementos, germanico e romano, da civilização ocidental. Sua ruína, ou melhor, seu desaparecimento, traz inevitavelmente a separação de dois elementos que o cristianismo não queria mais. É por isso que a ruptura do Ocidente nos parece irreversível. Até agora se pensava ainda no "sol da comunidade europea, deixando subsistir uma base de cultura comum: uma missa fé em certos principios de civilização, uma mesma noção de direito. Hoje o rompimento produzido pela supressão da Austria, traço de uniao das duas Europas, deixa fuge à face um paganismo total — alendo no russo — e um cristianismo que não pôde, sem se enganar, deixar tambem de ser total.

É aí por que o catolicismo tem a consciência de ter sofrido um desastre. De agora em diante todas as guerras que se estendem para além do Reno são ser submergidas (salvo uma ou outra illada que, logo será coberta) nas misticas pagãs do nazismo e do marxismo. O cristianismo está sendo expulso de varias partes da Europa. Vinte seculos de esforços e de martirios se inutilizam diante de nossos olhos.

Teria um sabor amargo — se não fosse tragico — ver hoje certas declarações que o sr. Mussolini fez há apenas tres anos a uma grande revista austriaca. Nada faz resultar melhor a desrota que a Italia, e com ela a Europa, o Ocidente e o proprio catolicismo acabam de sofrer.

"Em que consiste hoje a missão historica

Figura 2: Diretrizes, Maio de 1938.

Exceção feita à página assinada por Azevedo Amaral que abria o número, *Política do Mês*, a estruturação interna do material não respeitou a uma seqüência fixa, sendo

<sup>139</sup> Foram encontrados os seguintes anunciantes: Editoria José Olympio, Cia. Souza Cruz e Chindler & Adler Automóveis, Cerâmica São Caetano, Caixa Econômica Federal de São Paulo, Móveis de Luxo Renascença, Fábrica de Tecidos Bangu (presente em duas edições), Sul-América Seguros, Cassino Atlântico, Tapetes O Centenário, Móveis e Tapetes Lerner & Cia, Alfaiataria Império, Banco Hipotecário Brasileiro, Cimento "Barbará" (presente em duas edições), Gillete of Brazil, Rádio Record, Cassino da Urca e Máquinas de escrever Royal Portátil.



verificada certa confusão quanto à diagramação. Artigos, reportagens, reproduções de órgãos de imprensa estrangeiros misturavam-se às seções que surgiram à medida que se constituiu uma equipe de redatores.

Em seu relato autobiográfico Samuel Wainer colocou-se como o grande responsável por sua estruturação. Da mesma maneira, o afluxo de jornalistas e intelectuais foi tributado ao interesse da direção do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em interferir na linha editorial da revista.<sup>140</sup>

Mesmo sendo impossível determinar as motivações, a análise do material revelou a gradual constituição de tal grupo durante o ano de 1938:

Revista Diretrizes: seções e respectivos responsáveis – Abril/Outubro 1938	
Abril	Política do Mês – Azevedo Amaral Comentário internacional – Azevedo Amaral Homem da Rua – Rubem Braga Pela América - redação Notícias literárias – redação
Maio	Política do Mês – Azevedo Amaral Comentário internacional – Azevedo Amaral Homem da Rua – Rubem Braga Pela América - redação Notícias literárias – redação Cinema – Edmundo Lys
Junho	Política do Mês – Azevedo Amaral Comentário internacional – Azevedo Amaral Homem da Rua – Rubem Braga Cinema – Edmundo Lys Teatro – Bandeira Duarte Recordações de um político – C
Julho	Política do Mês – Azevedo Amaral Comentário internacional – Azevedo Amaral Homem da Rua – Rubem Braga Cinema – Edmundo Lys Teatro – Alvaro Moreyra Recordações de um político Pequenos Segredos do mundo Questões Econômicas - redação Livros – redação
Agosto	Política do mês – Azevedo Amaral

<sup>140</sup> WAINER, op. cit. P. 61.

	Comentário Internacional – Azevedo Amaral O Homem da Rua – Rubem Braga Cinema – Edmundo Lys Teatro – Alvaro Moreyra Recordações de um político Questões econômicas – redação
Setembro	A Política do Mês – Azevedo Amaral Comentário Internacional – Azevedo Amaral O Homem da Rua – Rubem Braga Cinema -C Teatro – Alvaro Moreyra Recordações de um político Questões Econômicas - redação Livros –redação
Outubro	Política do mês – Azevedo Amaral Comentário Internacional- Azevedo Amaral O Homem da Rua – Rubem Braga Cinema – Carlos Lacerda Teatro – Alvaro Moreyra Recordações de um político – C Questões Econômicas - redação Livros - redação Pequenos Segredos do Mundo –S

Tabela 1: Revista *Diretrizes*: seções e respectivos responsáveis – Abril/Outubro de 1938

É lícito supor que o fato de *Diretrizes* constituir-se em uma iniciativa desvinculada dos grandes conglomerados de comunicação do país tenha sido um empecilho importante para que se organizasse um grupo de profissionais compatível aos princípios e objetivos almejados.

O escol de colaboradores também cresceu gradativamente no período. A participação de autores brasileiros incluía textos sobre política, economia, resenhas de obras literárias, comentários acerca da produção teatral no país, radiodifusão, até artigos sobre os avanços da medicina.

Revista <i>Diretrizes</i> : colaboradores brasileiros – Abril/Outubro de 1938	
Abril	David Adler, Anibal Bomfim
Maio	Garibaldi Dantas, Pinheiro de Lemos
Junho	Abem Attar Neto, Murilo Miranda, Pinheiro de Lemos
Julho	Pires do Rio, Aben Atar-Neto, David Adler, Nelson W. Sodré, Alfredo Funke
Agosto	Brasil Gerson, Amaral Fontoura, David Adler, Moacir Werneck de Castro, Augusto Freire, C. Rego Freitas, Oswald de Andrade

Setembro	Graciliano Ramos, João Pinheiro Filho, Brasil Gerson, Coronel Luis Lobo, Emil Farah
Outubro	Emil Farah, Brasil Gerson, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos

Tabela 2: Revista *Diretrizes*: colaboradores brasileiros – Abril/outubro de 1938

**- *Diretrizes para o Estado Novo: a legitimação simbólica do regime***

Mesmo com a participação de vários homens ligados ao mundo das letras e do jornalismo, nota-se que o esclarecimento acerca dos caminhos a serem seguidos em relação à política e economia nacional sempre se manteve sob a competência de Azevedo Amaral.

Além de um recorrente discurso de justificação do regime estadonovista, análise da seção *Política do Mês* e demais textos sob sua responsabilidade revela a existência de traços de uma modalidade específica de construção teórica que almejava difundir uma particular concepção que reservava ao Estado o legítimo papel de condutor e estimulador das mais variadas esferas da sociedade brasileira.

Logo no número de estréia, o diretor da revista afirmava que, diferentemente de outros tempos, os assuntos políticos não interessavam apenas aos pequenos grupos ou famílias interessadas nas benesses do poder. Com advento do Estado Novo o temário havia sido integrado aos anseios e interesses coletivos, tornado-se enfim o principal foco de atenção do “grande público”:

(...) a política no Brasil é agora uma coisa humana e como já alguém disse ‘o homem é o único objeto de ser estudado pelo homem’. Justifica-se portanto que *Diretrizes*, escrita e publicada para ser lida

por homens que sabem ler, coloque no primeiro plano das suas finalidades o comentário crítico da política brasileira (...)<sup>141</sup>

Em sua primeira intervenção Amaral teceu considerações quanto ao significado dos acontecimentos ocorridos em 11 de março de 1938. A tentativa de golpe realizada pela Ação Integralista Brasileira (AIB) era vista como exemplar, já que demonstrava o verdadeiro sentido da “organização fascista” e a real “fisionomia” do regime estadonovista.<sup>142</sup>

O constante crescimento do movimento liderado por Plínio Salgado era explicado como produto da crença de observadores menos atentos em uma vaga ideologia nacionalista e inconsistente plano de revigoração de autoridade.

O fracasso dos “camisas-verdes” comprovava a impossibilidade do fascismo se adaptar às tradições e necessidades brasileiras. O tipo espalhafatoso de propaganda e estrutura comprovava a ausência de um verdadeiro “espírito nacional”.

Por sua vez, o anti-semitismo defendido por Gustavo Barroso e a sincronia com a agitação provocada por agremiações do gênero ao redor do mundo levantavam a suspeita de que os camisas-verdes respondiam ao comando de potências estrangeiras:

Não obstante a ascendência do nacionalismo na política contemporânea de todas as nações observa-se... uma tendência paradoxalmente internacionalizante por parte dos nacionalismos violentos e intransigentes. Assim como as correntes revolucionárias do marxismo articularam-se em formação internacional (...) os nacionalismos associados às diferentes modalidades do fascismo coordenaram-se no que se chama hoje na Europa e nos Estados Unidos, o *Fascistern*.<sup>143</sup>

Azevedo Amaral interpretou o fracasso do segundo *putsch* organizado pela AIB como resultado das qualidades extraordinárias de Getúlio Vargas, modelo de estadista

---

<sup>141</sup> *Política do Mês*, Diretrizes, n. 1, p. 3, abr. 1938.

<sup>142</sup> Detalhes sobre a organização e fracasso do primeiro *putsch* integralista, Cf.: SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. P. 154 et seq.

<sup>143</sup> *Política do mês*. *Diretrizes*, n. 1, p. 5, abr. 1938.

moderno. Também nesta oportunidade, reafirmou o vazio ideológico do integralismo que apesar de ser caracterizado como expressão do “reacionarismo direitista” possuía caracteres idênticos aos de “formações esquerdistas”. Ambos eram produtos das mesmas causas e detinham idênticos propósitos: destruir as liberdades econômicas e espirituais dos indivíduos. Em contrapartida:

O Estado Autoritário, instituído no Brasil (...) não é fascista nem comunista, por isso que consagra entre os seus postulados fundamentais a liberdade da iniciativa individual na esfera econômica, isto é, o regime capitalista, temperado sem dúvida pela ação necessária da preponderância do bem público sobre os interesses particulares.<sup>144</sup>

Em contraposição ao “caráter antibrasileiro” da AIB, emergia o nacionalismo da Constituição de 1937 que procurava justamente responder aos interesses e necessidades do país sem qualquer inspiração de cunho totalitário. Da mesma forma, o recém instituído Estado Novo se afastava do viciado sistema liberal, aberração recheada de formalidades jurídicas e desprovida de aplicações práticas.

Em mais de uma oportunidade o diretor da revista insistiu sobre o profundo sentido democrático do regime capitaneado por Getúlio Vargas. O autoritarismo apenas restaurava o sentido pleno do conceito *Democracia*. A maior das descaracterizações ocorridas ao longo do século XIX era representada pela ilusão de que o voto universal e secreto garantisse a igualdade de representação social na política, assertiva que, de acordo com o intelectual, assentava-se na errônea consideração da igualdade entre os homens.<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> Política do Mês. *Diretrizes*, n.3, p. 7, jun. 1938.

<sup>145</sup> OLIVEIRA, 1982, p. 60. De acordo com a autora, a questão da representação política no pensamento de Azevedo Amaral adquiriu uma dupla dimensão: uma ligada à defesa do ideal corporativo de sociedade, em que as forças de produção econômica ganhavam espaço nos círculos decisórios; e outra eminentemente simbólica, fundamentada na identificação entre Nação e Estado.

Amaral defendeu com entusiasmo e otimismo a proposta de formação de um partido único que completasse a íntima correspondência entre o novo regime e a consciência dos brasileiros. União Cívica que deveria ser orientada no sentido do Estado Autoritário e tendo por finalidade a defesa da democracia, entendida como o “... governo em que participam todos os cidadãos, atuando cada um na medida das suas possibilidades e da sua capacidade de eficiência...”.<sup>146</sup>

Indicações favoráveis à instalação de um regime corporativista no Brasil também foram recorrentes nas páginas de *Diretrizes*, principalmente em artigos sob a rubrica de Amaral. A participação de todos os indivíduos no complexo político surgia como falácia, somente “...os que verdadeiramente trabalham e as forças condutoras da economia nacional” participariam ativamente nos novos órgãos de representação a serem criados.<sup>147</sup>

Todavia, enquanto o trabalho pedagógico do governo não obtivesse seus primeiros resultados, unindo o povo em torno do ideal patriótico, era necessário manter o caráter plebiscitário da organização política por tempo indeterminado. Manifestações públicas em apoio ao chefe da nação e a veiculação de seus pronunciamentos por meio da imprensa garantiam a influência recíproca.

---

<sup>146</sup> Política do Mês. *Diretrizes*, n. 4, p. 2, jul. 1938.

<sup>147</sup> Sobre a importância do corporativismo no conjunto do pensamento de Azevedo Amaral ver: MEDEIROS, op. cit., p. 69-79.



Figura 3: Seção *A Política do Mês*, *Diretrizes*, setembro de 1938.

Nas edições publicadas entre julho e setembro de 1938, Azevedo Amaral reservou considerável espaço da seção *Política do Mês* ao esclarecimento das novas funções do poder público nas áreas de educação e cultura. Afastado da filosofia materialista do liberalismo, o Estado Autoritário tinha como princípio central envolver-se nas atividades espirituais da sociedade, devendo definir objetivos e garantir condições materiais para sua difusão.<sup>148</sup>

Os elementos capazes eram chamados a contribuir ativamente na organização do Plano Nacional de Educação traçado pelo Presidente Getúlio Vargas e que se baseava na seguinte diretriz: “preparação equilibrada do espírito e do corpo, transformando cada brasileiro em fator consciente e entusiasta do engrandecimento pátrio.”

O trabalho realizado pelo ministro Gustavo Capanema foi elogiado, pois mesmo sob as “imperfeições” do conjunto político-institucional anterior ao Estado Novo, a base

<sup>148</sup> Política do Mês. *Diretrizes*, n.5, p. 3-5, ago. 1938.

de um sistema educacional integrado havia sido plantada, sendo lícito esperar os melhores resultados no futuro.<sup>149</sup>

Como se vê, Azevedo Amaral se propunha explicar os caminhos mais acertados a serem seguidos pelo governo, procurando sempre fundamentar suas observações como concatenadas a um suposto espírito geral da doutrina do regime. Permeada por uma concepção particular da função dos intelectuais diante do momento político brasileiro, tal estratégia discursiva também foi expressa em seus comentários acerca dos rumos a serem trilhados no terreno econômico.

Na edição de abril *Diretrizes* trouxe uma entrevista exclusiva com Fernando Costa, ministro da Agricultura, precedida de uma pequena nota introdutória que salientava a importância e os desafios atinentes à agricultura brasileira, sobremaneira a necessidade do melhor aproveitamento das terras, das águas e do subsolo brasileiro.

Todavia, não se escondia do leitor a precedência a ser dada a indústria:

Sem dúvida, somos dos que acreditam que as finalidades econômicas do Brasil não se limitam ao setor agrário e à exploração das indústrias extrativistas. Estamos convencidos de que o Brasil já é, e cada vez será mais um país de tipo agroindustrial (...)<sup>150</sup>

Sendo o parque “mecano-fatureiro” existente no país de tamanho considerável e levando se em consideração:

(...)que nos últimos decênios já representou papel tão importante no desenvolvimento nacional e do qual muitíssimo mais temos a esperar no futuro, merecerá sempre as maiores atenções de DIRETRIZES(...)<sup>151</sup>

Embora não se especifique a autoria do trecho, nota-se claramente uma perspectiva favorável ao desenvolvimento de um padrão industrial para economia

---

<sup>149</sup> Id., p. 5

<sup>150</sup> Perspectivas agrícolas do Brasil atual. *Diretrizes*, n.1, p. 32-38, abr. 1938.

<sup>151</sup> Id., p. 32.



nacional, aspecto comumente trabalhado nas obras de Azevedo Amaral ao longo dos anos 1930.

Ainda na mesma edição, elogiava-se o livro *História Econômica do Brasil* de Roberto Simonsen, primeiro trabalho histórico “substancioso e sério” sobre a evolução econômica da nação. Coube a este “esclarecido economista” revelar à opinião pública que o país possuía uma tradição industrial vinda do século XVIII. Desta maneira, “... a idéia de promover um surto de nossas atividades manufatureiras encontrava bases históricas...”, o que justificava a visão de que medidas protecionistas adotadas ao longo da República não haviam sido obras de mera “fantasia”.<sup>152</sup>

A atenção acerca da necessidade de uma clara política pública quanto à matriz energética a ser adotada no país, era vista como pressuposto básico para a solidez de um projeto de estímulo à industrialização e o correspondente crescimento do mercado interno. A eletricidade surgia como padrão natural a ser adotado, tanto por ser comprovadamente eficiente em outros países, principalmente nos Estados Unidos, como pelas ótimas condições geográficas do Brasil. A montagem de um sistema integrado de hidroelétricas ofereceria energia em abundância para a produção industrial, ferrovias e uso residencial.

Apenas sugerida por Getúlio Vargas, tal diretriz contribuía para a integração de regiões até então afastadas do progresso material da “civilização”, condição para a elevação cultural e cívica da população.<sup>153</sup>

O principal empecilho para a consecução destes objetivos era o fato do país não possuir os recursos necessários e capacidade técnica à realização desta “grandiosa obra”. Tal argumento surgiu nas páginas de *Diretrizes* com a reprodução de um excerto

---

<sup>152</sup> Desenvolvimento Industrial do Brasil. *Diretrizes*, n.1, p.24-25, abr. 1938.

<sup>153</sup> Desenvolvimento do hinterland e a eletrificação. *Diretrizes*, n.1, p. 27-28, abr. 1938.

do capítulo *Capitais estrangeiros e colonização*, também presente no livro *Estado Autoritário e a Realidade Nacional* e que, mais uma vez, determinou a posição oficial da direção da revista acerca do caminho mais correto a ser seguido pelas autoridades governamentais.

Nesta oportunidade Amaral criticava abertamente artigos da Constituição de 1937, principalmente o atinente ao impedimento de participação do capital estrangeiro na exploração das minas e quedas de água. Segundo o autor, tal dispositivo legal apenas mantinha o já presente na Carta de 1934, produto da ação de tendências mais radicais de nacionalismo econômico, reticentes “...ao capital, ao empreendimento e ao trabalho estrangeiro”.<sup>154</sup>

Posicionamento interpretado como totalmente alheio à realidade objetiva de um país desprovido de condições financeiras e técnicas para desenvolver plena e eficazmente o aproveitamento de suas riquezas:

Esquivarmo-nos a reconhecer essas verdades equivale a nos afastarmos da atitude objetivista em face da realidade nacional, que caracteriza a ideologia do Estado Novo e imprime um sentido patriótico inconfundível ao regime que acaba de ser estabelecido.<sup>155</sup>

A manutenção deste artigo constitucional paralisava completamente a transformação da economia brasileira, comprometendo irremediavelmente a “obra reformadora” do regime:

---

<sup>154</sup> Capitais estrangeiros e colonização. *Diretrizes*, n.2, p. 60-64, mai. 1938. O Código de Águas de 1934 redefiniu o direito de propriedade do uso da água e as relações do governo e concessionárias de produção e distribuição de energia. Neste setor havia duas grandes empresas, Light e a Amforp, que controlavam os mercados do Rio de Janeiro e São Paulo. Por volta de 1938, o choque entre as autoridades governamentais e as multinacionais quanto ao critério de reajuste de tarifas e a definição clara de investimentos para a ampliação do sistema havia se aguçado. A força de grupos favoráveis a estatização do setor elétrico era considerável, o que explica a preocupação de Amaral quanto a esta questão que envolvia a Light and Power, principal financiadora da revista *Diretrizes*. Sobre todo a problemática do setor elétrico ver: LIMA, J. L. *Estado e Energia no Brasil: o setor elétrico no Brasil das origens à criação da Eletrobrás*. São Paulo: IPEA, 1984.

<sup>155</sup> Capitais Estrangeiros, p. 61.

A passagem de uma economia da escassez para uma economia de abundância é a preliminar necessária ao impulso das outras atividades que se realizam, no plano cultural e social, a obra da civilização e do progresso espiritual. A própria segurança do Estado e da sociedade acha-se vinculada a essa transformação do tipo econômico.<sup>156</sup>

O preconceito de certos setores da sociedade brasileira em relação ao capital estrangeiro era visto como tributário da influência de poderosas correntes ideológicas internacionais, defensoras de um modelo de nacionalismo econômico que perturbava a ordem mundial e assim retardava o reajustamento do equilíbrio normal da “vida civilizada”.<sup>157</sup>

De acordo com o intelectual não havia espaço para este tipo de concepção no caso brasileiro, qualquer tentativa de adaptação desembocava em “perversão e desvirtuamento” de seu sentido original:

Transplantar para o campo da economia os princípios do nacionalismo envolve gravíssimo perigo de exageros que redundam em efeitos contraproducentes na realização dos próprios objetivos do verdadeiro nacionalismo.<sup>158</sup>

Segundo Amaral, o capital internacional estava dividido em duas modalidades, ambas benéficas ao sistema econômico. De um lado, identifica-se o meramente especulativo, instável e restrito às atividades financeiras. De outro, o invertido em atividades produtivas como indústria e agricultura, que passava a integrar a estrutura econômica do país que o recebeu. Sendo regido pelas mesmas leis, coordenado para o mesmo fim de progresso do país e transformado riqueza eminentemente nacional.<sup>159</sup>

### **- *Comentário Internacional***

---

<sup>156</sup> Id.

<sup>157</sup> Capitais Nacionais e Capitais Estrangeiros. *Diretrizes*, n. 5, p. 17-18, ago. 1938.

<sup>158</sup> Id., p. 17.

<sup>159</sup> Id., p. 18.

Como foi salientado, a seção *Comentário Internacional* também ficou diretamente a cargo de Azevedo Amaral. Principalmente entre abril e julho de 1938, o intelectual procurou utilizar o espaço para comprovar a direta vinculação entre os mais importantes acontecimentos ocorridos no exterior e suas supostas conseqüências na política brasileira.

Em um primeiro momento, claramente sob o impacto dos atentados integralistas e seu reflexo nas relações diplomáticas do Estado Novo, o diretor da revista denunciou a existência de uma ofensiva contra “instituições e o povo brasileiro” orquestrada pelo governo alemão. A anexação da Áustria e a paralela ameaça sofrida pela Tchecoslováquia eram exemplos reais do objetivo nazista em estimular a agitação de minorias germânicas distribuídas pelo globo, oferecendo perigo aos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.<sup>160</sup>



Figura 4: seção *Comentário Internacional*, *Diretrizes*, abril de 1938.

<sup>160</sup> Comentário Internacional. *Diretrizes*, n. 1, p. 14-20, abr. 1938.

A preocupação quanto à interferência do nacional-socialismo em países como o Brasil se manteve constante ao longo do ano de 1938. Todavia, categóricas afirmações de sua direta relação aos eventos promovidos pela AIB perderam espaço.<sup>161</sup>

Em mais de uma oportunidade, Azevedo Amaral vinculou o desrespeito das regras consagradas pelo Direito Internacional ao ideal de autarquia econômica defendido por Alemanha, Itália e Japão. Para os povos desprovidos de recursos naturais restava a alternativa de dependência e pobreza absolutas. Todavia, se:

(...) o destituído de matérias-primas dispõe dos elementos demográficos suficientes para permitir-lhe a mobilização de grandes exércitos e tem no seu alcance recursos técnicos e culturais para organizar-se militarmente, a situação é muito diferente (...) Resta-lhe...apoderar-se à mão armada das reservas da matéria-prima possuída por terceiros.<sup>162</sup>

A voracidade do *imperialismo fascista* era exemplar quando se voltava atenção a dois acontecimentos que então mobilizavam grande parcela da opinião pública mundial. A Guerra Civil Espanhola e o conflito sino-japonês foram avaliados como casos típicos de um complexo jogo em que a posse de vultosas reservas de recursos naturais, obtenção de considerável número de consumidores e estabelecimento de importantes posições estratégico-militares se confundiam.

Em julho de 1938, *Comentário Internacional* tratou única e exclusivamente do assunto Guerra Civil Espanhola. Para Amaral, o país ibérico passara por uma profunda divisão entre o bloco de forças criadoras e as forças do passado. As primeiras haviam aberto grandes oportunidades de desenvolvimento ao derrubarem o regime monárquico em 1936.

---

<sup>161</sup> SEITENFUS, op. cit., p. 201. Em final de maio de 1938 o Departamento Nacional de Propaganda emitiu um comunicado oficial aos meios de comunicação que proibiu qualquer acusação de envolvimento de cidadãos ou instituições alemãs no atentado integralista.

<sup>162</sup> Comentário Internacional. *Diretrizes*, n. 4, p. 28, jul. 1938

Entretanto, o “rápido e fácil golpe revolucionário” deixou intacta a estrutura agrária e seus vestígios de “servidão feudal”. Sendo assim, a força de setores tradicionalistas como Exército e Igreja continuavam a existir, exercendo a liderança do movimento reacionário disposto a “deter a marcha da evolução nacional”.

As lideranças eclesiásticas e militares perceberam que a heterogeneidade e ausência de unidade ideológica da frente democrática facilitavam o sucesso de uma ação violenta contra a República. Sem condições materiais para desencadear o golpe foram obrigados a procurar financiamento externo, encontrando na Itália e Alemanha parceiros ideais.

O desfecho do conflito dependia irremediavelmente dos “invasores estrangeiros”, pois “os elementos propriamente espanhóis que combatem pelos nacionalistas constituem hoje uma força que não seria capaz de enfrentar isoladamente as tropas republicanas.”<sup>163</sup>

Sedentas pelo monopólio das riquezas do subsolo espanhol e aproveitando-se de vagas “analogias ideológicas”, as duas nações totalitárias iniciaram uma intervenção maciça e coordenada, cujo sucesso envolvia a própria sorte do fascismo e do nacional-socialismo. A derrota poderia desencadear reações violentas de “forças sociais comprimidas”, ameaçando seriamente o poder de Hitler e Mussolini.

As múltiplas implicações do caso espanhol foram ressaltadas por Amaral. A possível vitória do General Francisco Franco levaria irremediavelmente à hegemonia ítalo-germânica no Mediterrâneo, de modo a comprometer irremediavelmente as comunicações do Império Francês no norte da África. Para os ingleses o perigo maior era a perda de capitais investidos na região.

---

<sup>163</sup> Id.

De acordo com o diretor da revista, o Extremo Oriente também era atingido por guerras de cunho imperialista. Assim como as nações expansionistas européias, o Império Nipônico objetivava dominar completamente as matérias-primas do inimigo, fundamentais para a manutenção de seu poderio industrial.<sup>164</sup>

Da mesma maneira do verificado em *Política do Mês*, a seção *Comentário Internacional* também revelou a profunda reserva de Amaral em relação à particular estrutura de poder totalitária, na qual “...o Estado monopoliza todas as funções da sociedade e onde a opinião pública é apenas o reflexo do pensamento ditatorial...”.<sup>165</sup>

Por outro lado, o intelectual procurou demonstrar a existência de uma tendência “natural e irremediável” que modificava as bases jurídico-institucionais dos sistemas de governo até então existentes.

A crise política ocorrida na França foi tratada como grande exemplo deste processo. Mesmo substituído por Edouard Daladier, Leon Blun havia comprovado ser impossível exercer a autoridade sem “a suspensão dos métodos inerentes à maquinaria do parlamentarismo” O antigo primeiro-ministro abriu caminho para uma “ditadura financeira”, única solução aos enormes problemas econômicos atravessados pelo país.<sup>166</sup>

Da mesma maneira, a ação do presidente Franklin Delano Roosevelt contra a chamada dinastia do dólar foi elogiada. O *New Deal* tinha como objetivo diminuir a influência de uma pequena minoria, deixando-se espaço aberto para a promoção da justiça social.

Os Estados Unidos atravessavam uma etapa decisiva de sua “vida política”, pois estava estabelecido o choque entre a autoridade do Estado e o poder dos grandes

---

<sup>164</sup> Comentário Internacional. *Diretrizes*, n 6, p. 30-36, set. 1938.

<sup>165</sup> Comentário Internacional. *Diretrizes*, n. 3, p. 31, jun. 1938.

<sup>166</sup> Comentário Internacional. *Diretrizes*, n. 2, p. 32-33, maio 1938.

senhores na determinação dos rumos da sociedade. Os “imperativos das realidades econômicas e sociais” exigiam o fortalecimento do executivo e a discussão sobre o impedimento “extra-constitucional” de um terceiro período presidencial. Respeitar aos princípios essenciais da democracia não significava a observância de rígidas limitações de tempo em que “...esses mandatos são exercidos por uma determinada pessoa.”<sup>167</sup>

O último artigo publicado por Azevedo Amaral em *Comentário Internacional* marcou uma significativa mudança de perspectiva. O autor considerava justa a anexação dos Sudetos ao Reich, sendo restabelecido o “...princípio de auto-determinação que foi violado em relação aos povos alemães”.

Inglaterra e França buscavam conciliar interesses das partes envolvidas, esforço dificultado por manobras da Rússia Soviética, a “...mais ambiciosa potência da Terra...”, que visava a desestabilização da ordem européia de modo a desencadear um grande *putsh vermelho*.

A análise de *Política do Mês* e *Comentário Internacional* revela como *Diretrizes* foi dimensionado por Azevedo Amaral como um veículo eminentemente comprometido com a legitimação da ditadura estadonovista; apoio irrestrito que não descartava a indicação de certos ajustes necessários ao pleno sucesso do regime.

Concomitantemente, o diretor da publicação pretendeu fixar junto ao público-leitor sua particular interpretação acerca da extrema concatenação entre o novo governo e a “realidade objetiva” do país. Legítimo nacionalismo político que se afastava das experiências nazi-fascistas e que, ao mesmo tempo, mostrava-se condizente a uma tendência universal de abandono as regras da liberal-democracia.

---

<sup>167</sup> Roosevelt declara guerra aos privilégios de uma minoria. *Diretrizes*, n.1, p. 21-22, abr. 1938.



## 2.2- As outras diretrizes

O crescimento expressivo do número de colaboradores e, principalmente, a constituição de uma equipe editorial propriamente dita ao longo do ano de 1938 matizaram o objetivo estabelecido por Azevedo Amaral, ou seja, contribuir para a consolidação e pleno sucesso do regime estadonovista.

Apesar da presença de textos voltados aos assuntos literários e culturais, as páginas de *Diretrizes* foram dominadas pela discussão de temas eminentemente políticos. Característica que se vincula à própria conjuntura brasileira e internacional. Em um primeiro momento, sobretudo entre os meses de abril e junho, os artigos e demais escritos a cargo da redação ou assinados pelos colaboradores evidenciaram uma nítida postura de combate ao integralismo.

Na seção intitulada *O Homem da Rua* Rubem Braga registrou um comentário sarcástico sobre a brusca mudança da paisagem do Rio de Janeiro. O carioca era surpreendido pelo desaparecimento de camisas verdes, outrora vestidas por homens que gritavam e gesticulavam pelas ruas da cidade. Apesar se assemelharem aos jogadores de futebol, estes “personagens” eram conhecidos pela prática de outro esporte:

Queriam o monopólio do patriotismo. Também monopolizavam a honra. Nas horas vagas monopolizavam, também, Deus. E, quando não tinham nada que fazer, monopolizavam a família. Eram interessantes, e divertiam. Mas depois... queriam matar todo mundo. (...) O dr. Getúlio Vargas ficou muito aborrecido. Mas assim mesmo foi deixando. Veio o Carnaval. Na terça-feira, dia dos préstitos, os homens quiseram fazer uma brincadeira Não era direito (...) A gente gosta do Carnaval assim, uma vez no ano. Mas botar um clube no governo não dava certo. Depois que acabou o Carnaval o governo achou que não havia razão para continuar o clube.<sup>168</sup>

---

<sup>168</sup> O Homem da Rua, p. 11, abril de 1938.

No número de junho, Osório Borba<sup>169</sup> dedicou um artigo de três páginas ao registro de um breve histórico do fascismo no Brasil. Em *Perversão Moral*, Samuel Wainer declarava seu espanto sobre o fenômeno ocorrido após o fracasso do golpe de 11 de maio: notórios simpatizantes negavam veementemente qualquer ligação com a AIB.<sup>170</sup>

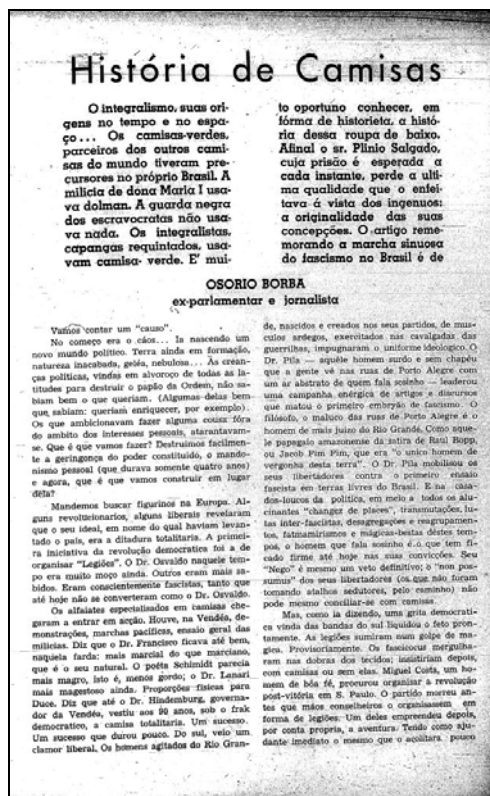


Figura 5: História de Camisas, Diretrizes, junho de 1938

A única colaboração de Murilo Miranda ao longo do período se pautou na defesa de condenação exemplar aos seguidores do sigma, sem exceção:

<sup>169</sup> José Osório de Moraes Borba nasceu em Pernambuco em 1900. Abandonou a Faculdade de Direito do Recife para se dedicar ao jornalismo e militância política. Mudou-se para o Rio de Janeiro por volta de 1925, escrevendo artigos para inúmeros jornais. Foi eleito deputado constituinte em 1933 e exerceu o cargo de parlamentar até o fechamento do Congresso Nacional em novembro de 1937. Continuou a contribuir em jornais e revistas ao longo do Estado Novo, ligando-se ao grupo que originou a União Democrática Nacional (UDN). Terminada a ditadura, filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Ao longo dos anos 1950 disputou vários pleitos eleitorais, sendo eleito deputado suplente em 1954 pelo Movimento Popular Autônomo (MPA). Faleceu no Rio de Janeiro em 1960.

<sup>170</sup> História de Camisas. *Diretrizes*, p. 17-19. Wainer *Perversão Moral*, p. 26-28, jun. 1938.

Andam aí falando em ala moderada do integralismo com o fim de eximir alguns de seus chefes das responsabilidades. Ora, isto é de todo descabido. (...) O integralismo era um só nos seus propósitos (...) agente do imperialismo fascista absolutamente esfaimado: não se limita à conquista de mercados – ele “liberta”, “civiliza”, “estabelece a paz no Extremo Oriente”(...) <sup>171</sup>

Diferentemente das seções *Política do Mês* e *Comentário Internacional*, o conteúdo sob responsabilidade da redação trouxe ininterruptamente explícitas acusações do direto envolvimento alemão na conspiração integralista.

O objetivo de usurpar riquezas alheias vinha de longa data. Era o que se procurava demonstrar com o texto *O Pangermanismo na América do Sul (1916)*, reprodução da mensagem de um oficial do exército do Kaiser Guilherme II. O militar declarava o interesse do monarca em estimular a revolta entre a população germânica residente no continente americano, especialmente no Brasil. Desta forma a influência de outras potências na região seria eliminada, garantindo mercados consumidores, exploração de matérias-primas e um vasto território a ser colonizado. <sup>172</sup>

Além de responder pela seção *Teatro*, Alvaro Moreyra <sup>173</sup> demonstrou sua preocupação em relação a outro perigo: o Império Nipônico também indicava sua ambição em conquistar terras no Novo Mundo. O Brasil se mostrava como alvo

---

<sup>171</sup> Os Anjos. *Diretrizes*, n. 3, p. 45, jun. 1938.

<sup>172</sup> O Pangermanismo na América do Sul. *Diretrizes*, n. 4, p. 52-53, jul. 1938.

<sup>173</sup> Álvaro Moreyra (Porto Alegre, 23 de novembro de 1888 — Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1964) foi poeta, cronista. Formou-se em Direito em 1910, no Rio de Janeiro. Entre 1912 e 1914 esteve em Paris e viajou também à Itália, Bélgica e Inglaterra. De volta ao Brasil, iniciou a carreira jornalística no Rio de Janeiro. Admirador das artes cênicas, fundou no Rio, em 1927, o "Teatro de Brinquedo". Em 1937, apresentou à Comissão de Teatro do Ministério da Educação e Cultura, um plano de organização de uma "Companhia Dramática Brasileira", que foi aceito. Com ela, Álvaro Moreyra excursionou aos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. A partir de 1942, teve destacada atuação no rádio brasileiro, onde além de escrever crônicas, também as interpretava. Participou do programa "Conversa em Família" e apresentava uma crônica diária de cinco minutos no programa "Bom-dia Amigos". Em 1958, recebeu o prêmio do melhor disco de poesia com os Pregões do Rio de Janeiro. Era membro da Fundação Graça Aranha, da Sociedade Felipe d'Oliveira, da Academia Carioca de Letras e do Pen Clube do Brasil. Era casado com Eugênia Álvaro Moreyra, líder feminista, e sua residência em Copacabana era ponto de encontro de escritores e intelectuais. Cf. ABREU, op. cit.

potencial devido à forte presença de imigrantes japoneses, normalmente fiéis ao Mikado.<sup>174</sup>

A veiculação de matérias que externavam a contrariedade em relação aos princípios expansionistas foi intensificada a partir do mês de junho, momento em que *Diretrizes* passou utilizar serviços da agência de notícias norte-americana *Associated Press*.<sup>175</sup>

De acordo com a interpretação sugerida em reproduções de periódicos internacionais, a interferência germânica também alcançava países com alto nível de desenvolvimento econômico-militar. Auxiliado por “distintos membros da aristocracia de nascimento ou de dinheiro”, Hitler obteve a permissão do governo inglês para transformar Estados independentes da Europa Central em vassalos da Grande Alemanha.

Além de grande poder nos altos escalões da administração, o grupo favorável ao nazismo procurava influir diretamente na opinião pública por meio dos jornais *London Observer* e *London Times*. Por outro lado, o *Times* era impedido de combater abertamente o “processo de traição nacional” devido à férrea censura exercida sobre os veículos de comunicação.<sup>176</sup>

Ao lado do enfoque sobre a cobiça do nacional-socialismo em açambarcar riquezas de outros povos, também foram publicados artigos que procuravam ressaltar outras características de regimes nazi-fascistas. Como o intitulado *Mussolini tem sempre razão: a verdade sobre a Itália*, assinado por Cecil Brown. Em uma nota introdutória alertava-se ao leitor:

---

<sup>174</sup> *Japão*, agosto. P. 23.

<sup>175</sup> O mundo em marcha. *Diretrizes*, n. 3, p. 56-57, jun. 1938.

<sup>176</sup> A City, a aristocracia e o nazismo. *Diretrizes*, n. 4, p. 6-8, jul. 1938..

É proibido pensar. Também para que pensar? E o hipnotismo demagógico vai transformando uma nação de muitos milhões pela ilusão de dias melhores que nunca vêm.<sup>177</sup>

Segundo o jornalista norte-americano, quase não havia oposição, terror ou espionagem na pátria do fascismo. A razão para tal fato era sugerida pela descrição das ruas de Florença, dominadas por enormes cartazes incitando à crença absoluta em Mussolini e *slogans* em defesa do espírito guerreiro. A propaganda levada aos limites havia transformado os italianos em um “cardume de sardinhas fortemente enlatadas”.

Operários, fazendeiros, ex-combatentes, todos reproduziam os discursos do *Duce* sem qualquer consternação, movidos pela crença da reconstrução do Império Romano. Entretanto:

Agora já se pode verificar, ainda isolados e sem grande importância de inevitabilidade psicológica, os seguintes sintomas evidentes. A mobilização permanente da opinião popular, elevada a um clímax absoluto, poderá relaxá-la e esgotá-la. É por isso que a Itália deseja a guerra. (...) Indubitavelmente e inadiavelmente. A guerra é tão essencial à manutenção da ditadura, como o são os expurgos periódicos da oposição.<sup>178</sup>

Já em agosto, *Diretrizes* reproduziu trechos de um estudo publicava de um reconhecido médico militar, que comentava a informação de que o exército italiano acabava de adotar ao tipo de marcha prussiano. De acordo com o especialista, o “passo de ganso” não se adequava às modernas táticas de guerra e provocava males à saúde mental e física dos soldados.

Do ponto de vista fisiológico... é realmente um suplício para o soldado e o mais seguro instrumento para suprimir ou amputar a personalidade humana daquilo que ela tem de mais nobre (...) exaure os neurônios pelos esforços repetidos, refletindo-se sobre a mentalidade e produzindo no organismo fatigado um estado hipnótico que suprime o pensamento e favorece os movimentos automáticos.<sup>179</sup>

---

<sup>177</sup> *Diretrizes*, n. 6, p. 9, set. 1938.

<sup>178</sup> Id.

<sup>179</sup> Passo de Ganso. *Diretrizes*, n. 5, p. 14-15, ago. de 1938.

Somente motivações de ordem política poderiam justificar a escolha de tal procedimento. Propósito confirmado por autoridades do *fascio* que declaravam ser a marcha fundamental para a manutenção da disciplina e eliminação de “idéias revolucionárias”.

É importante ressaltar que o posicionamento antifascista registrado nas páginas da revista a cargo da redação não incluiu qualquer elogio a Getúlio Vargas, tampouco referências às benesses advindas após a instauração do Estado Novo.

Em diversas edições a menção aos acontecimentos internacionais serviu como ensejo para críticas indiretas ao ambiente político nacional. Ao longo do ano de 1938 tal estratégia foi utilizada recorrentemente por Osório Borba. Na edição de julho, o jornalista e ex-parlamentar escreveu um longo artigo que tratava da “...tese engraçadinha de que quem não fora fascista é comunista”.

Segundo suas palavras, dentre outras atitudes passíveis desta acusação estava a de se colocar a favor do governo republicano espanhol legitimamente constituído pelo “voto popular”. Somente no Brasil legítimos democratas e liberais apoiavam à aventura do general Francisco Franco:

Cinquenta e oito congressistas - socialistas, democratas e republicanos - dos Estados Unidos apóiam em documento público o governo da Espanha. Centenas de padres bascos, catalães e das demais províncias espanholas defendem o governo. Na Inglaterra, políticos liberais e conservadores, professores burguezíssimos, o visconde de Shelwood, a viscondessa de Gladstone, a duquesa de Atholl, o diretor do “New Chronicle” (...) condenam, com dezenas de outros “extremistas” dessa natureza, num manifesto difundido no mundo todo, “a descarada invasão da Espanha”. Sessenta e um bispos protestantes norte-americanos (extremistas!) condenam o bombardeio das populações civis pelos aviões de Franko, como o chamam jornais democratas da França.<sup>180</sup>

---

<sup>180</sup> O Bode Irracional pensa. *Diretrizes*, n. 4, p. 22, jul. 1938.

Na mesma oportunidade, Borba teceu irônicas considerações sobre o novo fenômeno político que provocava celeuma entre os homens de imprensa norte-americanos. A doutrina nasceu no Peru, onde então presidente constitucional articulou um Golpe de Estado visando sua permanência no poder. O exemplo rapidamente se espalhou, países como Honduras, Guatemala e “...outras grandes Repúblicas da América...” aderiram entusiasticamente ao *continuísmo*.<sup>181</sup>

O desrespeito às regras da democracia não era encarado como produto típico do continente. Apesar de Itália e Alemanha suprimirem quaisquer manifestações independentes da sociedade, os partidários e ideólogos do totalitarismo arvoravam-se como construtores de um modelo social mais belo e humano. Por meio de intensa propaganda procuravam mascarar a essência fundamental dos regimes nazi-fascistas:

(...) o exemplo de governo que se esforça para demolir as três colunas mais sólidas da civilização ocidental. Essas três colunas são: Primeiro: direito de oposição. Segundo: a liberdade do sufrágio universal. Terceiro: o direito de propriedade. O direito de oposição é a grande descoberta e grande glória do século XIX (...) graças a esse direito o século XIX pode, até 1914, humanizar cada vez mais a vida.  
<sup>182</sup>

Rubem Braga criticava aos discursos proferidos por importantes autoridades fascistas. Jovens que incitavam, ao desprezo à vida humana declarado em discursos de altas autoridades italianas, incitando perante mais de quinze mil jovens.

---

<sup>181</sup> Id., p. 64.

<sup>182</sup> Debilidade e conflitos ideológicos. *Diretrizes*, n. 6, p. 25-27, set. 1938.

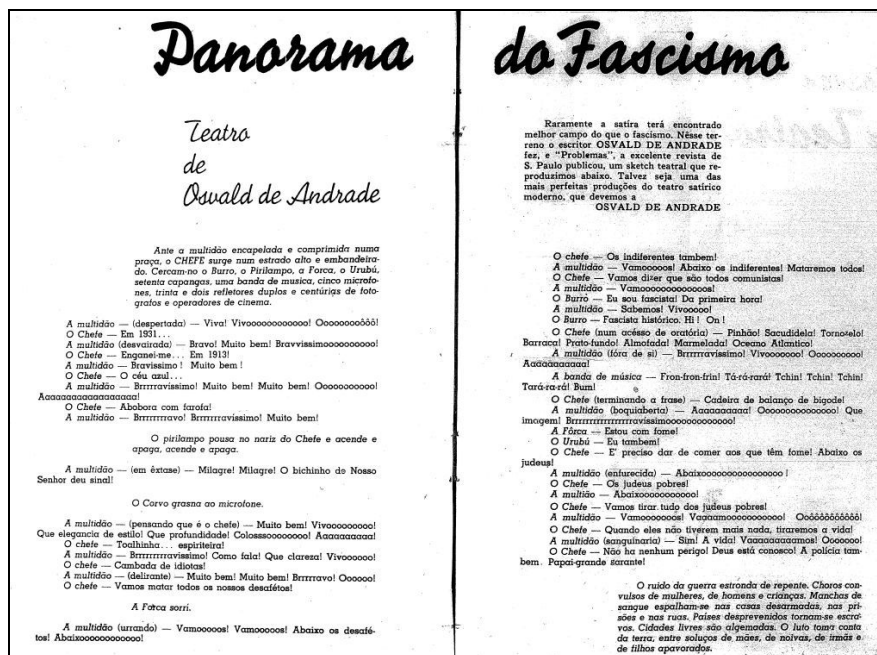


Figura 6: Panorama do Fascismo, Diretrizes, agosto de 1938

Seguindo a postura antifascista, publicava-se uma declaração emocionada de Manuel Azanã. O líder republicano espanhol afirmava que o território de seu país havia sido invadido não por dois, mas três países: Alemanha, Itália e Portugal. O Comitê de Não-Intervenção somente havia evitado o envolvimento da instituição que o organizara, isto é, a Liga das Nações. Os estrangeiros que lutavam ao lado dos republicanos eram verdadeiros voluntários, diferentemente dos que lutavam junto aos revoltosos. Na parte final do texto encontravam-se os dizeres: “Viva a Liberdade, Viva a República! Viva a Espanha!”<sup>183</sup>

Na mesma edição de outubro em que a seção *Comentário Internacional* expressava apoio ao intento do governo alemão em incorporar territórios da Tchecoslováquia, *Diretrizes* trouxe a reprodução de um texto assinado por um diplomata da Espanha Republicana.

<sup>183</sup> Não Intervenção. *Diretrizes*, n. 6, p. 16-17, set. 1938.



Angel Gallardo criticava a idéia de que na conjuntura mundial de então aproximava democracias e ditaduras. O argumento se baseava na constatação de que ambos os modelos adotavam medidas econômico-administrativas semelhantes e, principalmente, de que o sufrágio não era parte fundamental da democracia.

Para o autor, a diferença continuava irreduzível, pois o governo oriundo de um Golpe de Estado não tinha a mesma legitimidade do constituído pela “vontade social”:

(...) não há democracia sem liberdade, nem liberdade sem democracia. E uma das liberdades essenciais da democracia é a do voto, afim de que as leis provenham das autoridades legítimas, que não podem ser outros senão aquelas designadas pelo corpo social (...) “Não há democracia que prescindia do voto popular e dele não dependa. Poderá haver tutelas, protetorados, instituições de misericórdia, mas democracia – não.”<sup>184</sup>

É lícito supor que a constante veiculação conteúdos desta natureza tenha influído decisivamente para a saída de Azevedo Amaral da direção da revista, ocorrida em outubro de 1938. Somado aos desacordos de ordem política, estabeleceu-se uma disputa entre o intelectual e Samuel Wainer sobre os direitos legais da publicação. Segundo Nelson W. Sodré:

O mais moço (Wainer) registrara o título em seu nome, unicamente, valendo-se de que só ele, entre os dois, podia tomar providencias de ordem prática. Amaral, impetuosamente, assumiu posição quixotesca, fundou outra revista... *Nova Diretrizes*.<sup>185</sup>

Logo no mês seguinte, o intelectual articulou o lançamento de outro periódico, chamado *Nova Diretrizes*, denominação que, muito possivelmente, expressava sua discordância com os rumos tomados pelo mensário que ajudou a criar.

---

<sup>184</sup> Democracias e Ditaduras. *Diretrizes*, n. 7, p. 16, out. 1938.

<sup>185</sup> SODRÉ, op. cit., p. 114-115. *Nova Diretrizes* foi lançada em novembro de 1938. Seu fechamento ocorreu entre finais de 1941 e inícios de 1942, provavelmente motivado pelo agravamento do estado de saúde de seu fundador. Azevedo Amaral faleceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1942. Cf. OLIVEIRA, 1982, p. 50.

### 3- A fase Samuel Wainer

Com a saída de Azevedo Amaral, Samuel Wainer tornou-se o único proprietário e principal responsável pela linha editorial da revista. Análise do material publicado entre final de 1938 e dezembro de 1942 revelou que, embora ocupasse esta posição central, o jornalista procurou compartilhar a direção de *Diretrizes*.<sup>186</sup>

Entre novembro de 1938 e dezembro de 1940, a revista teve Genolino Amado, Octavio Xavier e Moacir Werneck de Castro como diretores, ficando Samuel Wainer como diretor-secretário.

Note-se que entre novembro de 1938 e dezembro de 1940, *Diretrizes* foi mantida como uma revista mensal. O formato (18,5 X 27,0 cm) e o tipo de papel utilizado em sua confecção também não foram alterados. Em contrapartida, o número de páginas publicadas não seguiu um padrão, podendo variar de cinquenta e quatro até cento e sessenta e quatro por edição.

É importante ressaltar que modificações quanto ao formato, padrão gráfico, espaço para propaganda e número de páginas publicadas a cada edição, ocorreram somente em dezembro de 1940, momento em que Samuel Wainer estabeleceu parceria com o jornalista e advogado Maurício Goulart.<sup>187</sup>

Graças ao dinheiro investido pelo paulista, *Diretrizes* tornou-se revista semanal, com um formato maior (48,0 X 28,0 cm), semelhante ao tablóide, e adquirindo um perfil mais diversificado. Provavelmente visando à ampliação do público leitor, espaços foram reservados para o noticiário esportivo, dicas de saúde, informações sobre

---

<sup>186</sup> A edição de novembro trouxe uma pequena nota informativa: “Deixou o cargo de diretor da revista o Sr. Azevedo Amaral, que, a partir deste número, nada mais tem a ver com DIRETRIZES”.

<sup>187</sup> Maurício Goulart nasceu em Petrópolis em 1908. Em 1927, o então estudante da Faculdade de Direito de São Paulo iniciou carreira jornalística no jornal *O Estado de S. Paulo*. Participou ativamente da Revolução de 1930 e, após a vitória do movimento, integrou à Legião Revolucionária liderada por Miguel Costa. Em 1935, ligou-se à Aliança Nacional Libertadora, sendo um dos responsáveis por *A Platéia*, periódico da organização na capital paulista.

personalidades da cena musical e cinematográfica brasileira e internacional, comentários sobre a vida social do eixo Rio-São Paulo. Ao mesmo tempo foi verificado o crescimento expressivo na utilização de imagens.



Figura 7: Diretrizes, 10/04/41

A alteração da linha editorial não significou o abandono do conteúdo tradicionalmente estampado nas páginas de *Diretrizes*, voltado para o leitor interessado em assuntos culturais, econômicos e políticos. Além do suplemento literário, artigos de autores nacionais e reproduções da imprensa estrangeira, surgiram seções sobre artes plásticas e música erudita. A análise da evolução da guerra permaneceu como uma das marcas da revista.

- O Antifascismo

Entre novembro de 1938 e agosto de 1939, umas das principais características editoriais do periódico residiu na especial atenção sobre a evolução da conturbada conjuntura mundial, marcada pelo acirramento das tensões entre as grandes potências européias.

Ao longo deste período anterior a eclosão da Segunda Guerra, *Diretrizes* veiculou amplo material dedicado à análise das conseqüências trazidas pelo Acordo de Munique. Se em sua última participação Azevedo Amaral defendeu a anexação de regiões da Tchecoslováquia à Alemanha, a partir de novembro o acontecimento foi interpretado como prelúdio de uma grave crise.

Munique era produto da falsa expectativa da França e Inglaterra, que cederam aos intentos imediatos do Terceiro Reich esperando garantir a reacomodação de forças e encerramento dos conflitos na região. Na verdade, apenas tinham estimulado ao expansionismo das nações nazi-fascistas.<sup>188</sup>

A publicação de artigos e notícias sobre o interesse do governo alemão em conquistar territórios no centro e leste Europeu, restabelecer seu antigo império colonial na África, assim como da paralela reivindicação da Itália em dominar territórios as margens do Mediterrâneo, comprovavam o acerto de tal prognóstico.

De acordo com Genolino Amado a lógica de manutenção e funcionamento dos regimes nazi-fascistas tinha como princípio central a contínua expansão:

O objetivo de ambos é uma nova partilha imperialista do mundo (...) o domínio dos mercados, fontes de matérias-primas e zonas de influências. Porque a “missão” do nazi-fascismo não é européia ou africana- é universal.<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup> Comentário Internacional. *Diretrizes*, n. 8, p. 16-20, nov. 1938.

<sup>189</sup> Comentário Internacional. *Diretrizes*, n. 11, p. 33, jan. 1939.

À medida que as ameaças foram transformadas em atos concretos contra a soberania de povos, o tom antifascista adotado em *Diretrizes* foi intensificado. Em março de 1939, a revista trouxe um artigo assinado por Raymond G. Swing que ressaltava a grande possibilidade da substituição dos responsáveis pela “capitulação de Munique”. Os primeiros-ministros da França e Inglaterra, adeptos da política de rendição, deviam ser substituídos por políticos comprometidos com a preparação para enfrentar aos totalitários. Segundo o jornalista, a guerra se aproximava como nunca:

Ela será mais destrutiva, devido aos meios forjados pela ciência moderna; e será mais brutal, devido ao sadismo da psicose nazista. Mas se a guerra for deflagrada dentro de um ano, a Alemanha poderá ser derrotada (...) o poder alemão, mesmo fundido com o da Itália fascista, não se iguala aos das duas democracias.<sup>190</sup>

Da mesma maneira, os responsáveis pela produção da revista procuraram fixar a imagem de que o virtual conflito a ser travado não era motivado apenas por questões de ordem material, mas o confronto de diferentes concepções de mundo: de um lado, França e Inglaterra representavam a defesa dos princípios consagrados pela sociedade ocidental; de outro, Itália e Alemanha, eram vistos como símbolos da violência, irracionalidade, barbárie.

Ainda em 1938, a seção *Notas e Comentários* estampava a transcrição do agradecimento feito por Bruce Bluen a Hitler por meio do jornal norte americano *New Republic*. O jornalista felicitava ao “chefe do gangsterismo racial” por ter expulsado mais de cinquenta cientistas, literatos, artistas e técnicos da Europa. Enquanto isso, os Estados Unidos recebiam com grande alegria figuras da importância de Albert Einstein, Ernest Toler, Elizabeth Bergner.<sup>191</sup>

---

<sup>190</sup> Jogando com a vida das nações. *Diretrizes*, n. 12, p. 22-24, mar. 1939.

<sup>191</sup> Thank you, mister Hitler. *Diretrizes*, n.8, p. 34, nov. 1938.

Na edição seguinte, Alvaro Moreyra comentava com pessimismo a notícia de que intelectuais foram encarcerados por não terem igualado Mussolini ao Imperador Júlio César. Os fascistas desconheciam que o conceito cultura somente existia unido ao de liberdade.<sup>192</sup>

Por sua vez, a reprodução de um trecho retirado do periódico sul-africano *The Forum* focava a questão da incompatibilidade entre literatura e nazismo. Desde a subida de Hitler ao poder, escritores de renome como Schüller, Mombert, Thomas Mann, Zweig e Wenfel, haviam sido estigmatizados como judeus ou judaizados, liberais, bolchevistas culturais, sendo suas obras banidas pelo “governo da cruz gamada”.<sup>193</sup>

Nos números editados nos meses seguintes, boa parte das páginas da revista foi reservada a textos que descreveram em detalhes a ação de tropas hitleristas na região de Dantzig (Polônia), a efetiva da ocupação dos Sudetos e a invasão da Albânia por forças do *fascio*. Apesar do nítido impacto das ações dos totalitários e mesmo sem a queda dos gabinetes Daladier e Chamberlain, manteve-se a confiança na força militar das Democracias, posição justificada em *Comentário Internacional* de maio e junho de 1939.

Diante da ofensiva totalitária, os governos da França e Inglaterra abandonavam a política do apaziguamento, passando a organizar uma “frente anti-agressionista” com a ativa participação da Rússia, então preocupada com a interferência alemã nos Bálticos, além de Turquia e Grécia.

Em agosto, a mesma seção trouxe um artigo que ressaltava a ausência de condições para o fechamento de um novo acordo, pois as autoridades do *Eixo Nazi-Fascista* declaravam que a paz somente era sustentável se suas “aspirações naturais”

---

<sup>192</sup> Cultura. *Diretrizes*, n. 9, p. 25, dez. 1938.

<sup>193</sup> Declínio da literatura alemã. *Diretrizes*, n. 11, p. 35, fev. 1939.

fossem aceitas. Sobretudo a Alemanha movimentava tropas em um claro sinal de que se preparava para o conflito:

A guerra está no seu próprio sangue, está na própria estrutura, no próprio dinamismo do regime, alimentado e estimulado por uma tradição messiânica de um século, a tradição dos *junkers* prussianos hoje aliados aos magnatas da indústria do aço e dos produtos químicos do Ruhr (...) <sup>194</sup>



Figura 8: Seção Comentário Internacional, Diretrizes, agosto de 1939.

### - Pan-Americanismo

Ao lado de uma postura incontestavelmente antifascista, a análise do material publicado em *Diretrizes* a partir de novembro de 1938 revelou um crescente comprometimento com o ideal de aproximação econômica e cultural com os países do continente americano.

<sup>194</sup> Comentário Internacional. *Diretrizes*, p. 52, ago. 1939.

Uma longa matéria veiculada no referido número ressaltava a histórica amizade entre Brasil e Estados Unidos, que compartilhavam a tradição de respeito à liberdade e à democracia. De acordo com o texto, esta relação se manifestou desde a independência, inspirada pelo exemplo norte-americano. Da mesma maneira, a primeira constituição da República esteve calcada no modelo da pátria de Thomas Jefferson.

Somado ao significado de suas instituições políticas, a “Grande Nação do Norte” era a principal parceira comercial brasileira desde inícios do século XX. Ao lado da garantia de um imenso mercado consumidor para nossas exportações, a relação econômica com os norte-americanos era satisfatória por ser realizada de forma livre e justa:

O dólar é uma moeda que permite comprar o que precisarmos onde quisermos. Ele é tão livre como é livre a sua pátria. É o oposto da chamada moeda de compensação. Esta nos obriga a comprar somente no país que nos compra. Damos o nosso precioso café e ele nos devolve aquilo que mais lhe convém. Ficamos escravizados pela moeda de compensação com circulação forçada no seu país de origem. O dólar é um bilhete que dá direito a viajar em qualquer vapor para qualquer destino, enquanto a moeda de compensação nos obriga a embarcar em canoa onde nem sempre os nossos interesses têm primazia (...)<sup>195</sup>

De acordo com o texto a necessidade de uma aproximação mais intensa com os Estados Unidos se ajustava ao conturbado ambiente internacional do momento, marcado por um profundo processo de redefinição do mapa geopolítico do planeta desencadeado após o “fracasso de Munique”.

Note-se que os responsáveis por *Diretrizes* se posicionaram contra a recém renovação do acordo comercial teuto-brasileiro, baseado no sistema de marcos

---

<sup>195</sup> Uma nação ao norte nos abre os braços. *Diretrizes*, n. 8, nov. 1938.



compensados. Unir-se ao regime nazista significava alinhar-se a sua esfera de influência, arriscando seriamente os destinos da pátria.<sup>196</sup>

Na edição de fevereiro, tal postura foi reafirmada por meio de um comentário otimista sobre a viagem do Chanceler Oswaldo Aranha aos EUA. As conversações entre as autoridades de ambos os países giravam em torno de questões de defesa militar e de acordos econômicos, assuntos da mais alta relevância haja vista a investida germânica em terras do Novo Mundo:

Ninguém ignora que qualquer iniciativa... de caráter econômico, particularmente partindo de um país de programa expansionista agressivo como a Alemanha, resulta, em última análise, numa ofensiva política. No caso, uma ofensiva nazista, o que é muito mais grave. (...) daí a necessidade de preparar, de forma concreta e ampla, a defesa nacional em concordância com a defesa de todo o continente, pois não só sobre o Brasil, mas sobre todos os países latino-americanos que paira o perigo nazista.<sup>197</sup>

É necessário ressaltar que a utilização da expressão *Pan-Americanismo* como sinônimo de aproximação entre os povos da região e, em especial, em relação aos Estados Unidos, foi verificada desde a fundação do periódico. Entretanto tornou-se recorrente em suas páginas somente após a realização da Conferência de Lima em dezembro de 1938.

No mês seguinte ao evento, o grupo responsável pelo periódico externou sua particular interpretação acerca do significado estratégico do pan-americanismo para a

---

<sup>196</sup> SEITENFUS, op. cit., p. 225. De acordo com o autor: “O objetivo visado pela Alemanha (...) fazer com que as importações alemãs sejam perfeitamente equilibradas por suas exportações. Assim, quando um país vende um produto à Alemanha, esta não lhe paga em divisas conversíveis, mas em marcos bloqueados, donde a obrigação, para o país vendedor, de comprar produtos alemães para poder entrar em suas contas. (...) O mais grave nesse sistema é que a compensação (...) não se faz globalmente, mas país por país. Evidentemente, esse princípio, em sua forma absoluta, é inaplicável. Assim, quando um país detentor de marcos ‘aski’, depois de uma operação de exportação, não quer comprar na Alemanha, a única possibilidade que lhe resta é vender seus ‘aski’ a um outro país que quer importar produtos alemães.”

<sup>197</sup> Notas e Comentários. *Diretrizes*, n. 11, p. 18-19, fev. 1939. Sobre a importância da chamada “Missão Aranha” consultar: CORSI, Francisco Luís. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

sociedade brasileira. Nesta oportunidade, a seção *Notas e Comentários* trouxe um texto em elogio a recomendação proposta pela delegação liderada por Afrânio de Melo Franco durante o encontro continental: eliminar da América todas e quaisquer medidas de “exceção ou exclusivismo” em questões de raça, religião e pensamento:

(...) o Brasil não podia deixar de colocar-se na vanguarda do livre pensamento. Particularmente, para os intelectuais, para os homens que escrevem, os que vivem da pena, elaborando o livro, a revista ou o jornal a proposta brasileira aprovada... encerra uma significação mais elevada. Se o pensamento é livre, livre há de ser também a palavra falada ou escrita. (...) Ao lado do progresso material caminha a cultura. Mas a cultura não poderá caminhar sem a liberdade de pensamento. (...). Quem escreve um simples comentário sente quanto paga a cultura quando se tem de escrever com o pensamento sujeito a determinadas restrições (...) E é por isto q se torna uma reivindicação em torno da qual se encontram, em atitude de combate e de defesa, os homens mais ilustres, os maiores cérebros do mundo.<sup>198</sup>

Ao longo do primeiro semestre de 1939, apoiar ao sentido pan-americanista da política externa brasileira foi encarado como oportunidade para se reconduzir o país às regras democráticas eliminadas pela ditadura do Estado Novo.

Leitura que pautou a edição comemorativa ao primeiro aniversário de Diretrizes. O encerramento das negociações entre os representantes do governo brasileiro e norte-americano em Washington foi saudado como um forte sinal de que a América unida se afastava da “órbita totalitária”. Os acordos abriam a perspectiva de créditos para a promoção do desenvolvimento industrial e defesa nacional e, ao mesmo tempo, registravam o início de uma lenta “recuperação democrática” do regime.

De acordo com o texto presente na seção *Notas e Comentários* este movimento foi indicado pelo Ministro de Relações Exteriores do Brasil que diante de autoridades e

---

<sup>198</sup> Notas e Comentários. *Diretrizes*, n. 10, p. 18, jan. 1939.

jornalistas do país amigo proferiu um discurso que continha os princípios básicos de respeito ao direito de cada indivíduo possuir suas crenças e opiniões:

Esta, sim, é uma concepção lógica, séria, verdadeira sobre uma sociedade de homens livres, de uma democracia de fato. Adotando-a, expondo-a, defendendo-a, o sr. Aranha conquista uma confiança maior, o apoio mais decidido e uma estima mais profunda de toda a nação brasileira.<sup>199</sup>

No mesmo número, os responsáveis pela revista procuraram salientar que ao lado de questões econômico-militares, a consolidação da aproximação entre Brasil, Estados Unidos e demais Repúblicas do continente envolvia o estreitamento das relações culturais. Sem o conhecimento mútuo acerca da história, costumes e instituições de cada povo não existia possibilidade de uma sólida confiança e solidariedade, sendo necessário um plano coordenado de intercâmbio de técnicos, comerciantes, intelectuais, cientistas, estudantes.<sup>200</sup>

De modo a contribuir para o bom andamento deste projeto, os responsáveis pela revista anunciaram o lançamento do *Concurso Cultural Pan-Americano*, que tinha como finalidade:

(...) estimular os nossos leitores em particular, e o público brasileiro em geral, a estudar o problema que, em face do momento internacional que atravessamos, requer solução imediata. A aplicação de um pan-americanismo prático se inclui atualmente entre as maiores preocupações dos que desejam um Brasil politicamente independente, economicamente forte e culturalmente elevado. Oferecendo aos nossos leitores a possibilidade de intervir diretamente no debate desta questão (...) estamos certos de contribuir para a difusão dos verdadeiros princípios do pan-americanismo. Acreditamos que quanto mais se achar arraigado no espírito público a convicção de que o caminho certo é o da aproximação entre os povos das Américas, mais fácil e mais produtivo será a aplicação generalizada daquela política.<sup>201</sup>

---

<sup>199</sup> Notas e Comentários. *Diretrizes*, n. 12, p. 25, mar. 1939.

<sup>200</sup> Nunca o momento foi tão propício. *Diretrizes*, n. 12, mar. 1939.

<sup>201</sup> DIRETRIZES, n. 12, p. 17-18, mar. 1939.

Além da promoção do Concurso, a iniciativa de fazer o brasileiro conhecer seu grande irmão do norte incluiu a veiculação de matérias que enfocavam algumas das características da sociedade norte-americana. Dentre estes, destaque à publicação de dados biográficos do “prefeito legitimamente eleito de Nova York,” Fiorello La Guardia; e o artigo intitulado *Sua Majestade, o leitor*, que ressaltava a pujança e liberdade da imprensa dos Estados Unidos.

À medida que os sinais de uma conflagração européia se tornavam mais claros, os responsáveis pela produção do periódico transformaram o Pan-Americanismo em bandeira a ser defendida.

### **3.1- União Nacional**

#### *Guerra contra o Imperialismo*

Em setembro de 1939 foi dedicada uma edição especial da revista ao Pan-americanismo, com várias declarações de autoridades do Brasil e dos Estados Unidos, além da publicação dos trabalhos vencedores do concurso. Em uma das últimas páginas era estampado o anúncio de um novo concurso cultural, intitulado *Concurso Cultural Republicano*.

A proximidade do aniversário da República era a oportunidade ideal para que se lembrasse dos exemplos de Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva, Silva Jardim e muitos outros que haviam se colocado ao lado do Progresso e da Democracia. Diferentemente do que o “saudosismo reacionário” propalava, os eventos de 1889 abriram caminho para a melhoria da vida da população e garantiram a integridade do território nacional.

Passados exatamente cinquenta anos, forças poderosas se lançavam contra a soberania e liberdade do Brasil, sendo necessário:

(...) entre nós, aquela “união sagrada e perfeita” a que se referiu... o Presidente Getúlio, e a que tantas vezes tem aludido, nas suas famosas orações, o chanceler Oswaldo Aranha.(...) mais do que nunca, portanto é necessário que esqueçamos nossas divergências infecundas, unindo-nos para a ‘defesa da nossa bandeira, do nosso idioma, das nossas tradições (...)

Na edição seguinte, a seção *Notas e Comentários* procurou esclarecer mais detidamente o posicionamento assumido nas páginas da revista. A guerra européia era considerada como reflexo dos antagonismos e contradições do imperialismo, causador dos maiores problemas vividos pela Humanidade. Sendo o espírito do povo brasileiro desprovido de qualquer ambição expansionista, era necessário que o país mantivesse sua fidelidade aos princípios da paz universal.

Pacifismo pautado na construção de uma sólida e moderna estrutura de defesa tendo em vista o virtual envolvimento do continente americano na guerra. O extraordinário desenvolvimento da tecnologia armamentista, por um lado, e o perigo de que a ordem internacional fosse restabelecida via “acordos do tipo Versalhes”, que sempre prejudicavam “povos militar e economicamente débeis”, por outro, eram fatores que obrigavam ao abandono de antigos ódios e divergências.

Em seu lugar, era necessário criar um ambiente como o sugerido pelo Presidente Getúlio Vargas, em que todos os brasileiros estivessem firmemente unidos em torno do “...desejo comum de construir uma Pátria grande, forte, feliz, próspera e respeitada”.<sup>202</sup>

-União Nacional contra o fascismo (janeiro de 1941 até dezembro de 42)

---

<sup>202</sup> Sob o signo da União Nacional. *Diretrizes*, n. 18, p. 6-7, out. 1939.

Iniciada em dezembro de 1940 a parceria de Maurício Goulart e Samuel Wainer à frente da revista não trouxe qualquer mudança imediata na linha de União Nacional. A primeira edição de 1941 era aberta com o discurso de Getúlio Vargas sobre os avanços alcançados nos setores siderúrgico e petrolífero, fundamentais para o desenvolvimento da economia, garantia de integridade e independência nacionais.

Na página seguinte, a seção *Nota da Semana* trazia uma declaração de otimismo e confiança não somente nas palavras do Presidente, mas em efetivas medidas tomadas por parte dos governantes no sentido de estabelecer uma indústria pesada no país e assim promover o crescimento expressivo do nível de vida das “massas populares”. Diretriz que deveria ser seguida de um completo afastamento do tenebroso cenário de guerra:

Permaneceremos neutros, pois que somente neutros poderemos ganhar na partida jogada, nesta hora no tabuleiro da economia mundial. Os beligerantes a cada dia se desgastam mais. Os povos neutros se fortalecem. Ao final serão neutros os únicos povos fortes.<sup>203</sup>

Na edição número 37, de seis de março comemorava-se o terceiro aniversário da revista. Trazendo uma pequena nota sobre a nova fase da revista, agora semanal.

“Podemos dizer, de uma existência acidentada, cheia de sacrifícios e de dificuldades, mas cheia também de vitórias. DIRETRIZES é hoje uma revista com personalidade, com o seu caráter próprio, exatamente porque se fez na luta. (...) Aqui não há mais lugar para temores ou vacilações, como não o há, do mesmo passo, para exageros. E a nossa orientação, se tem sido até hoje a do povo brasileiro, cuja cultura e cujos direitos e interesses morais e materiais sempre procuramos defender, continuará a sê-lo de um modo vivo, direto e fecundo. (...) Ao completar o seu terceiro aniversário, DIRETRIZES aparece num formato inédito no BRA. Aparece firmando-se como semanário moderno, maior, mais variado, mais atual, mais artisticamente cuidado, mais popular.”<sup>204</sup>

---

<sup>203</sup> Nota da semana. *Diretrizes*, n., p. 3, jan. 1941.

<sup>204</sup> Estímulo à inteligência. *Diretrizes*, n. 37, p. 2, mar. 1941.

E complementa:

“DIRETRIZES tem amigos e inimigos. Os seus melhores amigos são, entretanto, aqueles que dela se afastaram, quando compreenderam que não podiam continuar como seus amigos. A estes, a nossa enternecida gratidão. Aos seus amigos desta hora, a seus verdadeiros amigos, DIRETRIZES apenas saúda, pois que a nossa vitória de hoje é também e, sobretudo, a vitória deles. (...) Prometemos dar-lhes uma boa revista, que melhor os informe e que, assim bem os saiba esclarecer e orientar.”<sup>205</sup>

Antifascismo: abril de 1938 a agosto de 1939

Durante o período compreendido entre novembro de 1938 e agosto de 1939 o tom antifascista de Diretrizes foi intensificado. Manteve-se o padrão de caracterizar os regimes nazi-fascistas como inimigos da liberdade dos povos, notícias sobre a repressão aos trabalhadores, Igreja, judeus, e com destaque a restrição à liberdade de imprensa.

É interessante notar que este é o momento em que os sinais da conflagração entre as principais potências européias vão ficando cada vez mais claros. A Alemanha continua sua expansão pela Europa Central e Inglaterra e França se opõem as suas pretensões sobre a Polônia.

À medida que isso acontece, Diretrizes também cresce seu apoio a postura do Chanceler Brasileiro Oswaldo Aranha, pinta-o como um digno representante da Democracia e firme defensor do alinhamento com o Pan-americanismo e, sobretudo, com os Estados Unidos.

A revista veicula várias matérias que demonstravam a tradicional parceria de Brasil e Estados Unidos. Essa postura deveria ser mantida, pois garantia mercados aos

---

<sup>205</sup> Id.

nossos produtos, não significava imperialismo, mas boa-vizinhança, significava o compromisso na defesa mútua frente aos perigos europeus. Não podemos esquecer que isso era complicado visto a indefinição de setores do governo.

Ao lado de questões econômico-militares, a revista passou a defender um maior intercâmbio técnico e cultural entre os países do continente, principalmente com os Estados Unidos. A revista se colocou como um veículo que representava o esforço de aproximação intelectual, revista pan-americanista.

Dentro desta postura de maior conhecimento entre as nações do continente, publicava matérias elogiando o legítimo jogo democrático dos Estados Unidos, que levava ao grande desenvolvimento econômico norte-americano. Isso contradizia o que vivíamos no Brasil.

Nota-se que a união Nacional defendida pela revista quase sempre foi entendida como articulada a esta aproximação com uma nação que simbolizava a liberdade e democracia e que por meio de seu poderio econômico militar garantia a segurança do continente. Não era a união com o núcleo germanófilo, mas com o núcleo democrático do governo brasileiro, identificado sempre com Oswaldo Aranha.

Note-se que a partir do início da guerra em setembro de 1939, a revista diminuiu sensivelmente a veiculação de matérias sobre a barbárie nazi-fascista, passa-se a identificar os conflitos europeus não como fruto de ideologias políticas diferentes (Democracia X Totalitarismo), mas como choque entre imperialismo. De acordo com Wainer e Joel Silveira, isso tinha haver com o caos gerado pelo acordo entre Hitler-Stalin. Comunistas e demais esquerdistas seguiram as ordens do Partido para cerrar fileiras com o que o Guia decidira.

Como sintoma disso, a queda da França quase não foi analisada.



A partir daí, foca-se a questão do imperialismo como motor da guerra. A edição de dezembro de 39 é exemplar, pois inclui Pan-americanismo, anti-imperialismo e união nacional. Isso ficaria na revista até dezembro de 1940, seis meses antes da quebra do pacto com a invasão alemã.

A influência do pacto chegou a levar a revista a veicular artigos contra a Inglaterra, mas nunca houve elogio direto à Alemanha. Com a quebra do pacto, volta ao teor antifascista, mas mantém com o Pan-americanismo e com a união nacional. Todavia, a neutralidade defendida entre setembro de 39 e dezembro de 40, é substituída pelo Pan-americanismo guerreiro. Isso reflete a postura dos Estados Unidos que então empreendiam sua mobilização grandiosa e ajudavam a Inglaterra com armas, dando indicação que iria entrar na guerra com as Democracias. O Brasil estava ao lado com sua solidariedade (Aranha).

Com o ataque japonês a Pearl Harbour em novembro de 1941, a revista fala que o Brasil devia entrar em guerra ao lado dos EUA. Repercutem com intensidade a Conferência de Chanceleres do Rio. Com a ruptura das relações diplomáticas com o Eixo, a revista cai em cima da guerra Nazi X Democracias e volta a criticar indiretamente o regime.

## **Arquivos Pesquisados**

### **Assis**

Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) – UNESP/Assis

### **São Paulo**

Arquivo do Estado de São Paulo

Biblioteca Municipal Mário de Andrade

Biblioteca Municipal Presidente Kennedy

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) - USP

## Referências Bibliográficas:

ABREU, Alzira Alves (Coord.) et al. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001, 5 v.

AMARAL, Antonio de Azevedo. *Ensaio Brasileiro*. Rio de Janeiro: Omena & Barreto, 1930.

\_\_\_\_\_. *Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 21, p. 5, 1998.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1990.

CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência: A Polícia da era Vargas*. Brasília: EDUNB, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda política e os controles dos meios de comunicação*. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

CARDOSO, Tom. O homem que sabia demais. *Valor Econômico*, São Paulo, jul. 2005. Disponível em: <http://www.opiniaoenoticia.com.br/interna.php?mat=234>. Acesso em: 06 jun. 2006.

CORSI, Francisco Luís. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

D' ARAUJO, Maria Celina (Org.). *As instituições políticas brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: EDUERJ/FGV, 1999.

DECCA, Edgar de. *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

*DICIONÁRIO Bibliográfico de Autores Brasileiros*. Salvador: CDPB, Brasília: Senado Federal, 1999.

DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 1992.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30: História e Historiografia*. São Paulo: Cia das Letras, 1975.

\_\_\_\_\_. (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, tomo III, v. 2, 1977.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. *O Brasil republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GAMBINI, R. *O duplo jogo de Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Vértice, 1988.

\_\_\_\_\_. *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escritas da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda X Wainer: O Corvo e o Bessarabiano*. 2ª ed., São Paulo: SENAC, 1998.

LIMA, J. L. *Estado e Energia no Brasil: o setor elétrico no Brasil das origens à criação da Eletrobrás*. São Paulo: IPEA, 1984.

LINK, Arthur S. *História Moderna dos Estados Unidos*. v. 2. RJ: Zahar, 1965.

LOPES, Sonia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Litteris, 1999.

MARTINS, Ana Luisa. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

\_\_\_\_\_; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: UNESP, 2006.

MAUTONE, Silvana. História que se repete. *Forbesonline*, São Paulo, n. 116, ago. 2005. Disponível em: [www.forbesonline.com.br/Edições/116/artigo\\_9844-1.asp?0=5](http://www.forbesonline.com.br/Edições/116/artigo_9844-1.asp?0=5). Acesso em: 03 jun. 2006.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia Autoritária no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

OLIVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Angela de Castro. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

QUELER, Jefferson J. *Democracia e Desenvolvimento: Os posicionamentos políticos do jornal A Última Hora no governo Juscelino Kubitschek (1957-1960)*. Dissertação de Mestrado – UNICAMP, Campinas, 2004.

REMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria B. e COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra/FGV, 2000.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos (1930-1942): o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985.

SILVA, Hélio. *1954: um tiro no coração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SILVEIRA, Joel. *Tempo de contar*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

\_\_\_\_\_. *Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

\_\_\_\_\_. *Orientações do Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1942.

\_\_\_\_\_. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, José Inácio de Melo. *A ação e imaginário de uma ditadura: Controle, Coerção e Propaganda Política nos meios de comunicação durante o Estado Novo*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 1990.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia da Letras, 2000.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1979.

UMA razão para ler. *Época*, Rio de Janeiro, n. 396, dez. 2005. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/>. Acesso em: 30 mar. 2006.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: Memórias de um repórter*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: Memórias de um repórter*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

